



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

**INSTITUTO DE FÍSICA  
MESTRADO EM ENSINO,  
FILOSOFIA E HISTÓRIA DAS CIÊNCIAS**

**Cristiana Mercuri de Almeida Bastos**

**A SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA  
E A POLÊMICA EPISTEMOLÓGICA:  
UMA REFLEXÃO EM PIERRE BOURDIEU**

**Salvador**

**2004**

**Cristiana Mercuri de Almeida Bastos**

**A SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA  
E A POLÊMICA EPISTEMOLÓGICA:  
UMA REFLEXÃO EM PIERRE BOURDIEU**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia para obtenção do Título de Mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências.

**ORIENTADORA: PROFESSORA DOUTORA ELYANA BARBOSA**

**Salvador**

**2004**

Biblioteca Central – UFBA

B327 Bastos, Cristiana Mercuri de Almeida.

A sociedade da ciência e a polêmica epistemológica : uma reflexão em Pierre  
Bourdieu / Cristiana Mercuri de Almeida Bastos. - 2004.

116 f.

Orientadora : Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Elyana Barbosa.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal da Bahia, Instituto de  
Física,

**Cristiana Mercuri de Almeida Bastos**

**A SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA  
E A POLÊMICA EPISTEMOLÓGICA:  
UMA REFLEXÃO EM PIERRE BOURDIEU**

Dissertação apresentada ao Mestrado em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Federal da Bahia para obtenção do Título de Mestre em Ensino, Filosofia e História das Ciências.

Aprovada com distinção em 29 de março de 2004

---

Professor Doutor Olival Freire Júnior – Universidade Federal da Bahia

---

Professor Doutor Edson Farias – Universidade Federal da Bahia

---

Professora Doutora Elyana Barbosa – Universidade Federal da Bahia

A Clíno,  
Gabriela  
e João

## **AGRADECIMENTOS**

**Uma dissertação é o resultado de uma trajetória muito mais extensa que um mestrado. A sua elaboração também ultrapassa largamente o tempo destinado especificamente a ela, invadindo a vida em diversas dimensões. O que posso dizer sobre a honra de ter tido a Professora Doutora Elyana Barbosa como orientadora, é que efetivamente fui por ela acompanhada muito além das fronteiras oficiais. A ela agradeço pelo compromisso e paciência cotidianos, a inquietação e o rigor filosóficos, a seriedade, o humor e a amizade que me ensinaram muito mais do que pode ser apresentado em um texto.**

Agradeço, especialmente, ao professor Olival Freire, Coordenador do Mestrado, que desde o início esteve atento e solidário às dificuldades que enfrentei.

Ao professor Edson Farias, pelos diálogos que muito me ensinaram sobre Bourdieu.

À Escola de Serviço Social da Universidade Católica, pela licença oficial e por todo o apoio recebido.

Às professoras Maria de Socorro Paim, Emília Galeão Lyra, Elizabeth Martins e Ângela Borges, pelo carinho e estímulos constantes.

À Professora Fernanda Gonçalves de Almeida, pelas reflexões que compartilhou.

A George Mascarenhas, pelas traduções cuidadosas.

À Marcela, pelo carinho e dedicação.

A Clínio, a presença forte e a cumplicidade do “amor que não se pede e do amor que não se mede”.

A Gabriela e João, pelos beijos e interrupções que renovaram o ânimo para prosseguir no trabalho.

A minha família, especialmente a minha mãe Liliana e meu pai Antônio, pela presença, motivação e apoio em relação aos cuidados com meus filhos.

A Daniela, amiga querida, agradeço pelo estímulo, carinho e apoio em relação à estrutura que permitiu a pesquisa e escritura do trabalho.

Ao amigo e professor Marcelo Dantas, que foi precioso em momentos de angústia. Obrigada pela alegria e disponibilidade.

Ao colega Paulo Vasconcelos, por partilhar dúvidas e ensinamentos.

Agradeço aos amigos que pacientemente me acompanharam. Obrigada pelas palavras e pela escuta.

A Maria José, pela revisão e normalização. Seu compromisso profissional e seu acolhimento carinhoso foram apoios indispensáveis e plenos de atenção e cuidado em um momento especialmente difícil para a realização deste trabalho.

“Só, com efeito, uma crítica empenhada em explicitar as condições sociais de possibilidade daquilo que se designa, a cada momento, como ‘filosófico’ poderia tornar visíveis as molas dos efeitos ‘filosóficos’ implicados nessas condições. Só ela poderia dar pleno cumprimento à intenção de libertar o pensamento filosófico dos pressupostos que estão inscritos na posição e nas disposições dos que se encontram em condições de se entregar à atividade de pensamento designada pelo nome de filosofia.”

Pierre Bourdieu

*(Meditações, 1998, p. 25)*



## RESUMO

A presente dissertação tem como objeto o discurso de Pierre Bourdieu sobre a ciência, circunscrito à parte de sua obra dedicada mais especificamente ao tema. A atenção volta-se diretamente para a articulação que ele *constrói* entre as reflexões epistemológicas, que definem a ciência a partir da concepção de ciência *em vias de se fazer*, e a análise sociológica que apresenta a ciência como *prática* sócio-histórica. Tem como objetivos explicitar as “tensões” conseqüentes da historicização radical, à qual a ciência é submetida, operada pela análise sociológica de Pierre Bourdieu, e desvelar as “soluções” que este apresenta, a partir da *noção* de *duplas verdades*, para não ser confundido com as perspectivas relativistas que, de acordo com seu discurso, reduzem a ciência à história. O discurso desse pensador revela as especificidades de uma *prática* social que tem racionalidade própria, sendo, ao mesmo tempo, produto e produtora de sua história. Bourdieu admite que a ciência é, necessariamente, condicionada sócio-historicamente, mas, por essa história, é também capaz de desenvolver instrumentos para controlar os *erros* e os mecanismos que os engendram. Desse modo, a análise sociológica, porque também submetida à *reflexividade*, constitui-se em um desses instrumentos fundamentais para conferir o rigor científico aos produtos de uma *prática* social, pois detém as condições propriamente científicas para manter o controle possível dos *obstáculos epistemológicos* relativos às condições sociais de produção imanentes à ciência. De acordo com os pressupostos acima explicitados, as reflexões centram-se na importância da sociologia da ciência para o rigor científico, e como suas análises podem redefinir a *construção* de objetos nas diversas disciplinas, participando, assim, da *polêmica da razão epistemológica*.

## R É S U M É

Cette dissertation a pour objet le discours de Pierre Bourdieu sur la science, circonscrit à la partie de son oeuvre dédiée spécifiquement à ce thème. L'attention y est portée directement sur l'articulation qu'il *construit* entre les réflexions épistémologiques qui définissent la science à partir de la conception de « science se faisant », et l'analyse sociologique présentant la science comme *pratique* socio-historique. Elle a pour objectifs d'explicitier les « tensions » résultant de l'historicisme radical, auquel la science est soumise, réalisé par l'analyse sociologique de Pierre Bourdieu, et de dévoiler les « solutions » présentées par ce dernier, à partir de la *notion* de *doubles vérités*, afin de se distinguer des perspectives relativistes qui, selon son discours, réduisent la science à l'histoire. Le discours de ce penseur révèle les spécificités d'une *pratique* sociale qui a sa propre rationalité, étant à la fois produit et producteur de son histoire. Bourdieu admet que la science est nécessairement conditionnée socio-historiquement, mais qu'elle est également capable de développer, au moyen de cette histoire, des instruments visant à contrôler les *erreurs* et les mécanismes qui les engendrent. Ainsi, l'analyse sociologique, parce qu'elle est également soumise à la *réflexivité*, constitue un de ces instruments fondamentaux pouvant conférer la rigueur scientifique aux produits d'une *pratique* sociale, car elle détient les conditions proprement scientifiques capables de maintenir un contrôle possible des *obstacles épistémologiques* relatifs aux conditions sociales de production immanentes à la science. Suivant les préalables exposés ci-dessus, les réflexions sont centrées sur l'importance de la sociologie de la science pour la rigueur scientifique, et sur les manières dont ses analyses peuvent redéfinir la *construction* d'objets au sein des diverses disciplines, participant ainsi à la *polémique de la raison épistémologique*.

## SUMÁRIO

**INTRODUÇÃO** .....

### CAPÍTULO 1

**OS PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS E A TEORIA SOCIAL** .....

1.1 SUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS .....

1.2 POR UMA TEORIA DO CONHECIMENTO SOCIAL .....

1.3 A CIÊNCIA E O FUNDAMENTO HISTÓRICO DA RAZÃO .....

1.4 FUNDAMENTOS DA TEORIA SOCIAL .....

### CAPÍTULO 2

**O JOGO CIENTÍFICO** .....

2.1 CIÊNCIA: UM CAMPO DE PRODUÇÃO CULTURAL

.....

2.2 CIÊNCIA: UM CAMPO DE TROCAS DE BENS SIMBÓLICOS

.....

2.3 CIÊNCIA: HISTÓRIA E LÓGICA ESCOLÁSTICA

.....

2.4 AS ESPECIFICIDADES DO CAPITAL CIENTÍFICO .....

## CAPÍTULO 3

### **O FAZER CIENTÍFICO**

.....

3.1 A ESCOLÁSTICA COMO CONDIÇÃO DO FAZER CIENTÍFICO .....

3.2 A OBJETIVAÇÃO DA CONDIÇÃO ESCOLÁSTICA .....

3.3 AS DUPLAS VERDADES DA CIÊNCIA E A REFLEXÃO EPISTEMOLÓGICA

3.4 A SINGULARIDADE DA SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA .....

**CONSIDERAÇÕES FINAIS** .....

**REFERÊNCIAS**

# INTRODUÇÃO

---

A palavra *ciência*, no discurso de Bourdieu, permite a reflexão sobre quatro “dimensões”: o *produto*, o conhecimento científico; a *prática*, o fazer científico; o espaço de relações, o *campo científico*; e o discurso sobre a ciência ou os seus *princípios de busca das verdades*. Cada uma destas dimensões implica em um determinado olhar sobre esta discussão.

No caso deste trabalho, trata-se de um olhar sobre o discurso que tem como *ponto de vista*, essencialmente, o próprio discurso, ou melhor, Bourdieu visto com as “lentes” de Bourdieu. Por ser um trabalho que pretende dissertar sobre o discurso de um autor a partir do seu próprio discurso, não suscita, notadamente, controvérsias, porque se desenvolve em um esforço de sistematização particular. Tem, explicitamente, a intenção de apresentar as *posições*, o discurso afirmativo, não relacionando-o com as demais *posições* presentes no debate dos diversos *campos*.

Circunscrito ao pensamento de Bourdieu, o objetivo é explicitar posições que, de maneira direta ou indireta, se relacionam com importantes debates clássicos e contemporâneos, notadamente nas áreas da sociologia, história e filosofia das ciências. Dentre as questões, destacam-se: a “*demarcação*” do conhecimento científico; as particularidades e a cientificidade das ciências sociais, incluindo as aproximações e *distinções* em relação às ciências naturais; a permanente tensão entre as perspectivas *empiristas* e *racionalistas*; a relação entre história e razão; a relação entre a produção científica e as coerções políticas e

econômicas; além das mais pertinentes à sociologia, como a relação entre a subjetividade e a objetividade, e o caráter objetivo dos *faits sociaux*.

Os textos centrais para a fundamentação deste trabalho foram: *Le Métier de Sociologue*, cuja primeira edição é de 1968 ; *Le Champ Scientifique*, de 1975; *Réponses*, de 1992; *Raisons Pratiques*, de 1994; *Méditations Pascaliennes*, de 1997; *Les Usages Sociaux de la Science*, de 1997; e *Science de la Science et Réflexivité*, de 2001<sup>1</sup>.

A trajetória de inquietações que conduziu ao presente trabalho pode ser resumida em algumas questões relativas, inicialmente, ao *racionalismo aplicado* de Gaston Bachelard, dentre elas: Como uma reflexão epistemológica nas ciências sociais assumiu os pressupostos construídos para as ciências da natureza? O que permitiu essa “importação”? O que é ciência para Pierre Bourdieu? Ou seja, se Bourdieu admite pensar as ciências sociais com, essencialmente, os mesmos pressupostos das ciências da natureza, o que há, para ele, de “comum” entre estas e o que as distingue?

Em leituras preocupadas com as questões enunciadas acima, portanto voltadas para o desvelamento dos princípios epistemológicos de Bourdieu, surgiu o que seria o núcleo do presente trabalho, que acabou por abandonar, ao menos diretamente, as primeiras inquietações. A constituição desse núcleo foi provocada pela afirmação de Bourdieu sobre a importância da sociologia como instrumento da *vigilância epistemológica*. Esta é uma noção de Bachelard, designada como condição para a investigação que tem como propósito o controle dos *obstáculos epistemológicos*. Como a sociologia poderia e, mais precisamente, deveria se inscrever em uma dimensão do discurso epistemológico? Uma ciência seria condição para o discurso sobre o discurso científico?

---

<sup>1</sup> Os títulos traduzidos para o português são respectivamente: *A Profissão de Sociólogo*, *O Campo Científico* (artigo), *Introdução a uma Sociologia Reflexiva* em *O Poder Simbólico* (publicado no Brasil e em Portugal em 1989), *Razões Práticas e Meditações Pascalianas*. *Les usages de la science* tem uma tradução em espanhol e consta na bibliografia deste trabalho com o título *Los usos sociales de la ciencia*, e *Science de la Science et Réflexivité*, publicado somente em Francês até então.

Abstraindo toda a complexidade que envolve os referidos conceitos, o problema central deste estudo é orientado pela seguinte pergunta: Por que e como a sociologia é instrumento da reflexão propriamente epistemológica?

De acordo com os princípios do *racionalismo aplicado* de Gaston Bachelard, que propõe a *polêmica incessante da razão*, a *construção* dos objetos, reconhecidos nesta perspectiva como científicos, exige, constantemente, a colocação em questão dos pressupostos que orientam o trabalho de experimentação, definindo que o mesmo princípio que admite a precedência da razão como condição do trabalho científico supõe colocar, permanentemente, tais pressupostos à prova da experimentação, no *diálogo teoria/medida*.

Nos termos de Bourdieu, a reflexão epistemológica, ao exigir o referido “diálogo”, recusa a dicotomia entre epistemologia e metodologia, pois ela própria é constitutiva do fazer científico. A reflexão epistemológica tem como objetivo manter sob o controle possível as operações pertinentes à *objetivação*, e esta supõe o trabalho persistente de *construção* do objeto científico, sem o qual a ciência não se distingue de outras formas de “conhecimento”, fundamentalmente o *senso comum*. Portanto o controle almejado supõe referências teórico-metodológicas que informem os “parâmetros” a serem seguidos, ou seja, pressupostos da ordem dos discursos epistemológicos, e um dos pressupostos fundamentais, defendidos por Bourdieu, consiste em assumir a natureza sócio-histórica da ciência.

As condições sociais do fazer científico, identificadas por Bourdieu como um dos “mecanismos” responsáveis por engendrar *erros* na ciência, são por ele reconhecidas como *obstáculos epistemológicos*. Ao assumir o universo científico fundamentalmente como um espaço social, ele apresenta os *obstáculos* ao conhecimento científico como inseparavelmente *obstáculos epistemológicos* e sociais. Apresenta também a sociologia, notadamente a sociologia da ciência, como um instrumento fundamental da vigilância epistemológica necessária para manter os referidos “mecanismos” sob controle.

A especificidade do universo teórico de Bourdieu, herdeiro de autores clássicos<sup>2</sup> e contemporâneos<sup>3</sup> pertencentes às diversas áreas do conhecimento, torna a apresentação de uma das dimensões de sua obra dependente da elucidação de grande parte de suas *noções*, fundamentalmente, da sua “teia” conceitual.

Para Louis Pinto (2000, p. 77), as propostas teóricas de Bourdieu fazem uma síntese de *pontos de vista* tomados historicamente como opostos – a tradição neokantiana de Humboldt-Cassirer e Whorf-Sapir, o estruturalismo de Saussure e Lévi-Strauss e o marxismo – mas “[...] trazem contribuição específica para uma mesma totalidade complexa: a ordem do simbólico.”

Como já foi explicitado, compreender os pressupostos e as conclusões teóricas de Bourdieu exige o conhecimento de seus *conceitos sistemáticos*. Ao se referir aos objetivos de *Réponses*<sup>4</sup>, Wacquant (2002 p. 102) não apenas identifica os conceitos-chave de Bourdieu como sendo os de *habitus, campo e capital*, como também enumera: “[...] seus principais núcleos conceituais: reflexividade, *habitus*<sup>5</sup>, capital, campo, dominação simbólica, *doxa*, a missão dos intelectuais etc. [...]”

À relação acima somam-se outros termos que “carregam” especificidades como *nomos, illusio*, prática, jogo, estratégia, trajetória etc., fundados na perspectiva de que o real é relacional, constituindo uma “teia” muito difícil de ser exposta de maneira clara e sem sacrifício dos sentidos, como destaca Wacquant (2002).

Embora tocando uma grande diversidade de temas, a unidade da obra de Bourdieu, para muitos, reside na ocupação ininterrupta com as relações de dominação, suas estruturas e reprodução expressa desde seus primeiros trabalhos em áreas como educação, cultura,

---

<sup>2</sup> Cf. BONNEWITZ, 2003, p. 18 et seq.

<sup>3</sup> Cf. WACQUANT, 2002, p. 97.

<sup>4</sup> Obra de responsabilidade de Pierre Bourdieu e Loïc J. D. Wacquant.

<sup>5</sup> Neste trabalho, todos os destaques nos trechos citados fazem parte das obras consultadas. Deste modo, não será utilizada a expressão “grifo do autor” para indicar esta ocorrência.



literatura e arte. Bonnewitz (2003, p. 18), entretanto, afirma: “Na verdade, esta aparente diversidade esconde *uma problemática unificada e uma vontade científica permanente*: fazer da sociologia uma ciência total, capaz de restituir a unidade fundamental da prática humana.”

Em um mesmo sentido, Wacquant (2002, p. 100) reitera:

Bourdieu concebia uma Ciência Social unificada como um “serviço público” cuja missão é “naturalizar” e “desfatalizar” o mundo social e “requerer condutas” por meio da descoberta das causas objetivos e das razões subjetivas que fazem as pessoas fazerem o que fazem, serem quem são, sentirem da maneira como sentem.

As *construções* de Bourdieu parecem ter um outro ponto de convergência, estritamente relacionado ao propósito de uma *Ciência Social unificada*, que se expressa em uma atenção permanente com o *rigor científico*. A defesa de que as ciências sociais podem ser tão científicas quanto as ciências da natureza sustenta-se em uma determinada compreensão da ciência, centrada no fazer científico<sup>6</sup>, esta, como já mencionado, referendada pelos pressupostos centrais de Gaston Bachelard, pensados no campo da física. Ao “transpor” tais pressupostos para seu discurso epistemológico, priorizando as reflexões sobre as ciências sociais, ele “desvela” as relações entre este discurso e as análises sociológicas.

Tanto em leituras de trabalhos que tratam do discurso explicitamente epistemológico, como *A Profissão do Sociólogo*, quanto em uma análise eminentemente sociológica, como *As Regras da Arte: Gênese e Estrutura do Campo Literário*, Bourdieu suscita, a todo momento, questões epistemológicas.

A obra de Pierre Bourdieu é extensa e diversa. Existem registros de cerca de mil e oitocentas publicações<sup>7</sup>, considerando-se livros, antologias, artigos, entrevistas e informes de

<sup>6</sup> No caso das ciências sociais, Bonnewitz (2003, p. 7) reforça: “[...] Pierre Bourdieu, assim como Durkheim, afirma a possibilidade de um conhecimento científico do mundo social que se define menos pela especificidade do seu objeto do que pela especificidade do seu procedimento.”

<sup>7</sup> Esta informação foi obtida no site Hyperbourdieu. O livro *Bibliographie des travaux de Pierre Bourdieu* de Yvette Delsaut e Marie-Christine Rivière (2002) constitui-se também em uma referência importante da bibliografia de Bourdieu.

investigação, multiplicados pelas várias línguas nas quais foram publicados originalmente ou foram traduzidas, sendo os principais idiomas o francês, o alemão, o inglês e o espanhol. As referidas publicações se iniciam em 1958 e alcançam 2002, ano de sua morte.

A trajetória intelectual de Bourdieu<sup>8</sup> originou-se na região onde nasceu, Béarn, uma pequena vila no Sudoeste da França, na região dos Pirineus, onde cursou a escola fundamental e o ensino médio, este último na cidade de Pau. Com a pretensão de ingressar na *École Normale Supérieure*, o que se realizou em seguida, fez o preparatório no *Khâgne* do Liceu Louis-le-Grand de Paris. Ao assumir os estudos em filosofia, Bourdieu,

[...] mergulhou no estudo da lógica e da história da ciência graças à influência de Alexandre Koyré, Jules Vuillemin, Eric Weil (cujo famoso seminário sobre a *Filosofia do Direito* de Hegel ele seguiu), Martial Guéroult (um grande especialista em Leibniz sob cuja orientação ele escreveu um trabalho sobre as *Animadversiones*), Gaston Bachelard e George Canguilhem (que também haviam orientado Michel Foucault alguns anos antes). (WACQUANT, 2002, p. 97).

Ao lado de Jacques Derrida, Louis Marin e Emmanuel Leroy Ladurie, conclui a *agrégation* em Filosofia, tornando-se professor desta disciplina no Liceu de Moulins.

Em 1955, ao ingressar no serviço militar, foi enviado à Argélia, por motivos de comportamento inadequado. A conversão da filosofia para a sociologia é atribuída a esta experiência, pois o interesse de Bourdieu pela sociedade argelina o levaria a estudos etnológicos e, posteriormente, sociológicos. Suas primeiras obras – *Sociologie de l'Algérie* (1957), *Travail et Travailleurs en Algérie* (1963) e *Le Déracinement* (1964), este último escrito com Abdelmalek Sayad – testemunham essa conversão.

De volta à França, em 1960, tornou-se professor assistente na Sorbonne e, mais tarde, “[...] na Universidade de Lille, onde, pela primeira vez, leu sistematicamente e ministrou

---

<sup>8</sup> As informações biográficas de Pierre Bourdieu foram extraídas de Wacquant (2002), Bonnewitz (2003) e Pinto (2000).

cursos sobre Durkheim, Weber, Marx, Schutz e Saussure, bem como sobre Antropologia britânica e a sociologia norte-americana.” (WACQUANT, 2002, p. 98).

Em meados da década de 60, assumiu o cargo de Diretor da École des Hautes Études en Sciences Sociales e fundou o Centre Européen de Sociologie, período que demarca a sua passagem da antropologia para a sociologia. Quanto ao trabalho desenvolvido por Bourdieu nessa ocasião, comenta Wacquant (2002, p. 98):

Ele procedeu no sentido de combinar em sua prática de pesquisa o racionalismo de Bachelard e o materialismo de Marx com o interesse neokantiano de Durkheim pelas formas simbólicas, a visão agonística de Weber sobre os *Lebens-ordnungen* em competição com as fenomenologias de Husserl e Merleau-Ponty. O resultado foi um quadro teórico original, *elaborado por meio de e para a produção de novos objetos de pesquisa*, objetivando desvendar a multifacetada dialética das estruturas sociais e mentais no processo de dominação.

Bourdieu conquistou, em 1981, a cátedra de Sociologia do Collège de France, consolidando um destaque no mundo acadêmico que teve início nos anos 60. A sua incursão no universo editorial foi outro fator determinante para a difusão de suas idéias. Ele esteve por mais de duas décadas à frente da série *Le Sens Commun* da *Éditions de Minuit*, fundou a revista *Actes de la Recherches en Science Sociales* e, a partir de 1989, também dirigiu a revista *Liber*, traduzida em diversos idiomas, alcançando grande parte da Europa.

Na última década, o caráter cada vez mais público de suas idéias, que ultrapassaram inclusive as fronteiras do mundo acadêmico, justificou-se não somente pela sua natureza nessa fase, direcionadas para temas como mídia, política e economia, como também por serem marcadas pela crítica ao neoliberalismo. O engajamento de Bourdieu na militância política em favor dos movimentos sociais<sup>9</sup> foi ainda um outro fator que favoreceu a

---

<sup>9</sup> Outros comentários sobre o envolvimento de Bourdieu com os movimentos sociais podem ser encontrados em Tijoux (2002, p. 159).

divulgação de seu pensamento. Referindo-se ao documentário de Pierre Carle sobre Bourdieu, Wacquant (2002, p. 100) afirma:

[...] *Sociologia como uma arte marcial* (2000), captura muito bem como as teorias sociais de Bourdieu e as tomadas de posição públicas vieram informar o pensamento e a ação de incontáveis militantes e de cidadãos comuns, envolvidos em movimentos sociais explosivos por toda a Europa, estendendo-se dos ecologistas e gays aos advogados dos direitos dos sem-teto, das associações anti-racismo e sindicalistas desarmados pela obsolescência dos veículos tradicionais da militância trabalhista.

No *campo* específico, de acordo com Louis Pinto (2000), Bourdieu foi contemporâneo da decadência do existencialismo e ascendência do “estruturalismo”<sup>10</sup>. Para Bonnewitz (2003), o debate na França, mais recentemente, travou-se entre quatro correntes: “o individualismo metodológico” de Raymond Boudon, “a abordagem estratégica” de Michel Croizer, “a sociologia da ação ou acionalismo” de Alain Touraine e o “estruturalismo genético ou estruturalismo crítico” de Bourdieu, ou, ainda, como o próprio Bourdieu denomina, *estruturalismo contrutivista ou construtivismo estruturalista*.

Mais especialmente, no *campo* da sociologia da ciência e do conhecimento, e de certa forma também na história da ciência, o próprio Bourdieu situa a sua contribuição em *Science de la Science et Réflexivité*. Nesta obra, chama a atenção para as análises contidas em seu artigo *Le Champ Scientifique* de 1975, editado no Brasil sob o título *O Campo Científico*, na coletânea organizada por Ortiz, publicada em 1983, ao tempo em que faz uma análise das perspectivas teóricas, criticando e apontando as contribuições de autores como: Merton, Tomas Kuhn, David Bloor, Michael Lynch, Woolgar, Barry Barnes, Harry Collins, Trevor Pinch, Karin Knor-Cetina, entre outros.

---

<sup>10</sup> Cf. PINTO, 2000, p. 30.

O enfoque de Bourdieu nesse trabalho é muito importante para esta dissertação, pois, ao se referir às análises relativas à sociologia da ciência e do conhecimento, pretende fundamentar o “lugar” especial que esta ocupa em relação às demais ciências.

A sociologia que coloca para as outras ciências a questão de seus fundamentos sociais não pode se eximir de colocar-se em questão. Estendendo sobre o mundo social um olhar irônico, que desvela e desmascara, que coloca o escondido às claras, ela não pode se dispensar de lançar este olhar sobre ela mesma. Em uma intenção que não é a de destruir a sociologia, mas ao contrário de servi-la, de se servir da sociologia da sociologia para fazer uma melhor sociologia. (*Science*, 2001, p. 16)<sup>11</sup>.

A explicitação da precedência das análises sociológicas à reflexão propriamente epistemológica coloca a *objetivação do sujeito da objetivação* como um dos critérios fundamentais para a distinção do fazer propriamente científico, nos termos de Bourdieu, porque instrumento crucial para que a ilusão da ciência como *ponto de vista* absoluto seja desfeita sem o risco da relativização.

É importante salientar que o interesse inicial na construção deste trabalho foi “trazer ao dia” o discurso de Bourdieu sobre a ciência. A sua obra é alvo de análises e discussões em muitas disciplinas; porém, os textos dos comentadores utilizados para este trabalho pouco se debruçam especificamente sobre a reflexão relativa à ciência, portanto não articulam, ao mesmo tempo, as diversas dimensões aqui suscitadas. É preciso ressaltar, contudo, que, de uma forma ou de outra, a quase totalidade dos textos consultados refere-se à importância de suas posições sobre a ciência.

---

<sup>11</sup> “La sociologie qui pose aux autres sciences la question de leurs fondements sociaux ne peut s’exempter de cette mise en question. Portant sur le monde social un regard ironique, qui dévoile, qui démasque, qui met au jour le caché, elle ne peut se dispenser de jeter ce regard sur elle-même. Dans une intention qui n’est pas de détruire la sociologie, mais au contraire de la servir, de se servir de la sociologie pour faire une meilleure sociologie.” (*Science*, 2001, p. 16).

\* Neste trabalho, foi adotado o sistema de chamada autor-data para indicar as citações. Entretanto, nas citações de Bourdieu, tendo em vista a frequência e para facilitar o reconhecimento da obra, o sobrenome será substituído pela primeira palavra do título citado, seguido do ano e número da página. Este procedimento dispensou o uso de letras minúsculas após a data, distintivas das obras publicadas no mesmo ano, na lista de referências.

\* As citações dos textos originais em francês que não têm tradução consolidada em Português, ou cuja tradução não consideramos satisfatória, foram traduzidas pelo professor George Mascarenhas.

Para cumprir a intenção proposta, uma dificuldade peculiar apresentou-se: as afirmações pareciam estar “escondidas” pelo que se poderia chamar de “afirmações negativas”. Isto porque, Bourdieu explicita seu pensamento, com muita frequência, por contraposição a outros pensadores e correntes, o que favoreceu, por exemplo, mais facilmente, o reconhecimento do que ele não considera conhecimento científico do que a sua posição sobre o conhecimento científico. Em *A Profissão do Sociólogo* foi possível identificar com mais clareza a *sociologia espontânea* e sua *filosofia do social* do que a *sociologia verdadeira* e a *teoria do conhecimento sociológico* defendidas por ele.

Quanto à opção de explicitar os pressupostos epistemológicos no primeiro capítulo, apesar do reconhecimento da extrema dificuldade de apresentá-los sem dispor das *noções* relativas à sua teoria sociológica, mostrou-se posteriormente como “um mal necessário” para apontar a centralidade do seu discurso sobre o fazer científico. Retomar os princípios epistemológicos no terceiro capítulo, já dispondo da apresentação da “teia teórica” de Bourdieu, propiciou a percepção de que o conteúdo exposto no primeiro capítulo continuava pertinente, mesmo porque se tratava de uma dimensão “fundadora” da sua sociologia.

O esforço de repetidas revisões com o intuito de não incorrer na utilização de *noções* ainda não explicadas claramente, foi não só um recurso consciente, mas também reafirmado pela apropriação do conteúdo que somente foi possível através e com a própria elaboração. As formulações que podem parecer como prontas antecipadamente ao ato da escrita não são o que podem parecer. A construção da compreensão se deu, à medida que foi necessário explicitá-la.

Outro aspecto a ser destacado é a utilização de obras publicadas em períodos muito distintos, como é o caso de *A Profissão do Sociólogo*, de 1968, e de *Science de la Science et la Reflexivité*, de 2001, supondo que não houve mudanças significativas na lógica relativa à reflexão epistemológica, não havendo, portanto, abandono de pressupostos. Tal opção inicial, até porque não respaldada em posições de estudiosos de sua obra e também não em leituras

mais aprofundadas, pode se constituir em uma fragilidade, porque a busca da coerência assumida previamente pode ter provocado uma “cegueira” muito conveniente às leituras. Porém, mesmo sob o fantasma desta “cegueira”, os pressupostos centrais parecem permanecer vigorosos ao longo dos mais de quarenta anos de suas publicações.

Para discorrer sobre os princípios e conclusões mais estreitamente vinculados ao problema objeto deste estudo, a leitura de *Meditações Pascalianas* fez-se “trampolim” para as demais, ainda que posterior à leitura de *A Profissão de Sociólogo*. Como mencionado, a opção foi explicitar, já no primeiro capítulo, não apenas os pressupostos epistemológicos, como também os fundamentos da teoria social de Bourdieu, já que ambas oferecem os instrumentos conceituais para a compreensão da ciência como *prática, campo social e produto cultural*. A apresentação dos fundamentos da teoria social, pautados na perspectiva de que *o real é relacional*, implicou na exposição das *noções de espaço social, capital, estrutura, campo, habitus, estratégias, agentes, práticas e espaço de possíveis*. Como conceitos relacionais, eles se articulam na *teoria geral dos campos* e na *teoria da prática*, sendo que, de acordo com os objetivos deste trabalho, a preocupação toca, permanentemente, as especificidades do *campo e da prática científicos*.

As seções *Por uma teoria do conhecimento social* e *A ciência e o fundamento histórico da razão*, ambas relativas ao discurso epistemológico, enfatizam, respectivamente, a dimensão propositiva de Bourdieu em relação aos critérios que, para ele, definem a “demarcação” do conhecimento propriamente científico, e o suposto que define a necessidade das análises sociológicas para a *construção* dos objetos científicos.

Para que o segundo capítulo, intitulado *O jogo científico*, oferecesse, de maneira concisa, mas satisfatória, as reflexões específicas relativas à *prática* e ao *campo* da ciência, os eixos tomados foram as análises que definem a ciência como: *campo de produção cultural, mercado de bens simbólicos e campo escolástico*. A quarta seção, referente às explicações

mais detalhadas sobre a *noção* de *capital* e suas várias formas, fez-se crucial para elucidar o porquê do *campo científico* ser identificado por Bourdieu também como *campo de produção restrita* ou universo social, que tem uma maior propensão para constituir-se historicamente com um alto grau de *fechamento*. Este capítulo também possibilitou um maior aprofundamento da sociologia de Bourdieu, notadamente a *teoria geral dos campos* e a *teoria da prática*, com destaque para a *relativa autonomia dos campos*.

O terceiro e último capítulo retoma as inquietações do primeiro, mas já dispondo de recursos para tratar a polêmica epistemológica nos termos sociológicos. Porém, o “retorno” se debruça, em grande parte, sobre os pontos que se revelaram mais “problemáticos” no decorrer deste estudo, envolvendo as seguintes *posições* defendidas por Bourdieu, que parecem marcadas por paradoxos: a necessidade da condição *escolástica* para o controle dos *erros* conseqüentes da própria condição *escolástica*; a possibilidade histórica da produção de *verdades trans-históricas* e a concepção de *dupla verdade*; e a defesa de uma profunda distinção dos objetos das ciências sociais, em especial da sociologia, e, ao mesmo tempo, a afirmação de que estas são tão científicas como as ciências naturais.

Acresce-se às questões acima, desenvolvidas respectivamente nas seções intituladas *A Escolástica como condição do fazer científico*, *As duplas verdades da ciência e a reflexão epistemológica* e *A singularidade da sociologia da ciência*, uma reflexão sobre os parâmetros e critérios que viabilizam a *vigilância epistemológica* relativa à lógica *escolástica* denominada *A objetivação da condição escolástica*.



# CAPÍTULO 1

---

## OS PRESSUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS E A TEORIA SOCIAL

### 1.1 SUPOSTOS EPISTEMOLÓGICOS

Uma reflexão epistemológica que tem como princípio colocar os próprios pressupostos “sob suspeita”. Talvez esta seja a forma mais concisa, embora bastante simplificada, para “descrever” o referencial epistemológico defendido por Pierre Bourdieu, semelhante essencialmente, como ele mesmo assume, aos fundamentos do *racionalismo aplicado*<sup>1</sup> de Gaston Bachelard.

A *polêmica incessante da razão* não supõe descartar a obediência a princípios epistemológicos, pois esta é admitida como condição *sine qua non* para sustentar o fazer propriamente científico. Porém, os princípios que orientam a *polêmica da razão* devem ser

---

<sup>1</sup> Diz Bourdieu (*A profissão*, 2000, p. 101): “Colocando-se no centro epistemológico das oscilações, características de todo pensamento científico, entre o poder de retificação próprio da experiência e o poder de ruptura e criação peculiar à razão, Bachelard pode definir como racionalismo aplicado e materialismo racional a filosofia que se atualiza na ‘ação polêmica incessante da Razão’.”

“En se plaçant au centre épistémologique des oscillations, caractéristiques de toute pensée scientifique, entre le pouvoir de rectification qui appartient à l’expérience et le pouvoir de rupture et de création qui appartient à la raison, Bachelard peut définir comme rationalisme appliqué et matérialisme rationnel la philosophie qui s’actualise dans ‘l’action polémique incessante de la Raison’.” (*Le métier*, 1983, p. 109).

\* Esta obra, cuja primeira edição é datada de 1968, tem como autores Bourdieu, Chamboredon e Passeron.

tomados, inevitavelmente, como objetos da própria *ação polêmica da razão*, que constitui a reflexão epistemológica. A epistemologia, portanto, é entendida *como reflexão sobre a ciência em vias de se fazer*<sup>2</sup> e

[...] distingue-se de uma metodologia abstrata por se esforçar em apreender a lógica do erro para construir a lógica da descoberta da verdade como polêmica contra o erro e como esforço para submeter as verdades próximas da ciência e os métodos que ela utiliza a uma retificação metódica e permanente [...] (*A profissão*, 2000, p. 12)<sup>3</sup>.

A questão que poderia aqui ser suscitada é: Que há de diferente em *princípios* que, em última instância, como os demais, impõem a obediência a eles próprios?

A diferença é que a obediência imposta impõe a polêmica constante. Neste sentido, não há princípios que não possam ser colocados em questão. Para se fazer ciência, segundo Bourdieu, toma-se sempre alguns pressupostos, que são *princípios da busca das verdades*<sup>4</sup>. E, para ele, é preciso que a ciência seja entendida como atividade que necessita de princípios para buscar verdades, não podendo tomá-los como *verdades de princípio*. Esta condição para o fazer científico encerra a própria identidade do fazer científico, de acordo com Bourdieu.

Esse *ponto de vista*, que parece estar irremediavelmente contra ele mesmo, tem seus fundamentos no pressuposto de que o *fato científico* só existe como fato, devido ao fazer científico e, para entendê-lo, é preciso desvendar o que é o fazer científico.

---

<sup>2</sup> Cf. *A profissão*, 2000, p. 101. (*Le métier*, 1983, p. 109). É importante sinalizar, desde já, que a concepção que tem como foco a *ciência em vias de se fazer*, aqui inscrita no discurso de Bourdieu sobre as *preliminares epistemológicas*, pode ser articulada coerentemente aos princípios que norteiam a sua “teoria da prática”, como será explicitado no decorrer deste trabalho. Sobre esta questão, Pinto (2000, p. 45) se posiciona: “Não separar o *opus operatum* do *modus operandi*, o tema do esquema, e o esquema do contexto: o que Bourdieu nos ensina a respeito da prática dos agentes se aplica, é claro, primeiramente a esse objeto de teoria que ele nos propõe: a prática como tal. De fato, seria paradoxal, justo quando se pretende reconhecer o considerável aporte da noção, reduzi-la à condição de idéia inteligível, desligada de suas condições de produção.”

<sup>3</sup> “[...] se distingue d’une méthodologie abstraite en ce qu’elle s’efforce de saisir la logique de l’erreur pour construire la logique de la découverte de la vérité comme polémique contre l’erreur et comme effort pour soumettre les vérités approchées de la science et les méthodes qu’elle utilise à une rectification méthodique et permanente [...]” (*Le métier*, 1983, p. 14).

<sup>4</sup> Cf. *A profissão*, 2000, p. 11. (*Le métier*, 1983, p. 13).

Para Bourdieu, compreender o fazer científico supõe admiti-lo como uma *prática*<sup>5</sup> histórica e social, inscrita em um *campo* de produção cultural como outro qualquer; portanto *campo* de uma *prática* social, mas, ao mesmo tempo, distinto, pelas formas específicas que se revestiu e se constituiu historicamente.

Os pressupostos epistemológicos são assumidos como princípios tomados como “verdades”, pelo reconhecimento de que é esse o “mecanismo necessário” para se fazer ciência, porque instituído historicamente pelas peculiaridades do fazer científico.

Segundo Bourdieu, a interdição das *verdades de princípio* não suprime a necessidade de um *ponto de vista* teórico que oriente a investigação. O que permite polemizar toda uma série de “verdades de princípio” é, inevitavelmente, assumir um *ponto de vista*, ou melhor, *princípios de busca das verdades*. Referindo-se à sociologia, ele reitera:

Na realidade, o esforço de interrogar uma ciência particular com a ajuda dos princípios gerais, fornecidos por esse saber epistemológico, justifica-se e impõe-se, em particular, no caso da sociologia [...] Portanto, é necessário submeter as operações da prática sociológica à polêmica da razão epistemológica para definir e, se possível, inculcar uma atitude de vigilância que encontre no conhecimento do erro e dos mecanismos capazes de engendrará-lo um dos meios de superá-lo. (*A profissão*, 2000, p. 11)<sup>6</sup>.

Que princípios são esses que têm a possibilidade de garantir que o fazer científico permaneça, constantemente, sendo capaz de desenvolver a *polêmica incessante da razão*?

Para Bourdieu, o *racionalismo aplicado*, visto como discurso epistemológico, reconhece a distinção do conhecimento científico no trabalho de “substituição” das

---

<sup>5</sup> A *noção* de *prática* é fundamental na obra de Bourdieu e será explicitada mais adiante, porque condicionada à *noção* de *habitus*.

<sup>6</sup> “En réalité, l’effort pour interroger une science particulière à l’aide des principes généraux que fournit cet acquis épistémologique se justifie et s’impose particulièrement dans le cas de la sociologie [...] Il faut donc soumettre les opérations de la pratique sociologique à la polémique de la raison épistémologique pour définir et, s’il se peut, inculquer une attitude de vigilance qui trouve dans la connaissance adéquate de l’erreur et des mécanismes capables de l’engendrer un des moyens de la surmonter.” (*Le métier*, 1983, p. 13-14).

*totalidades concretas* por um *conjunto de critérios abstratos*, pois apenas destruindo sistemas de relações constituídos a partir do *sensu comum* é possível construir o objeto científico.

O *sensu comum* e o *sensu comum erudito*<sup>7</sup>, este último podendo ter origem na própria tradição sociológica, nessa perspectiva, englobam todo o conhecimento não *construído* a partir dos critérios de cientificidade apresentados por Bourdieu. Isto é, qualquer conhecimento não submetido à *polêmica da razão*.

A *ruptura*, como recusa ao pré-construído, define a possibilidade da *construção* propriamente científica do objeto. Para que haja a *construção do objeto*, é condição que o investigador estabeleça a *ruptura*, assumindo a atividade científica como uma *prática* distinta, que em nada deve se confundir com a percepção<sup>8</sup>, mas, ao contrário, só se estabelece contra a percepção.

No caso das ciências sociais, e mais precisamente na sociologia, a *familiaridade* do pesquisador com o mundo social impõe uma especial preocupação. Para essas, a distinção entre o conhecimento científico e o produto da percepção constitui-se em um *obstáculo* maior, pois, a importância atribuída pelos sociólogos à “realidade social” e à confusão muito comum entre esta e a realidade sociológica deixam a sociologia vulnerável<sup>9</sup>.

O primeiro grau de *ruptura* tem seu passo inicial na *construção* de novas relações postas a partir de um determinado sistema, de um *ponto de vista* teórico, que, por sua vez, permitirá submeter as *construções* primeiras a novas questões. Tomando as palavras de

---

<sup>7</sup> Esclarecendo a definição de *sensu comum*, Bourdieu enuncia: “Todavia construir um objecto científico é, antes de mais e sobretudo, romper com o sensu comum, quer dizer, com representações partilhadas por todos, quer se trate dos simples lugares-comuns da existência vulgar, quer se trate das representações oficiais, frequentemente inscritas nas instituições, logo, ao mesmo tempo na objetividade das organizações sociais e nos cérebros. O pré-construído está em toda parte. O sociólogo está literalmente cercado por ele, como o está qualquer pessoa.” (*O poder*, 1989, p. 34).

“Mais construire un objet scientifique, c’est, d’abord et avant tout, rompre avec le sens commun, c’est-à-dire avec des représentations partagées par tous, qu’il s’agisse des simples lieux communs de l’existence ordinaire ou des représentations officielles, souvent inscrites dans des institutions, donc à la fois dans l’objectivité des organisations sociales et dans les cerveaux. Le préconstruit est partout. Le sociologue est littéralement assiégé par lui, comme tout le monde.” (*Réponses*, 1992, p. 207).

<sup>8</sup> Cf. *A profissão*, 2000, p. 23. (*Le métier*, 1983, p. 27).

<sup>9</sup> As particularidades das ciências sociais serão objeto de análise mais específica no terceiro capítulo deste trabalho.

Poincaré, Bourdieu enfatiza: “os fatos não falam”<sup>10</sup>. Neste sentido, a ciência não é vista como a “voz dos fatos”, mas como a condição de “existência” dos “fatos”. Para ele, o fazer científico é uma *prática* social que “institui” os objetos científicos, pois toda atividade científica supõe *construções*, mesmo que o cientista não tenha consciência destas.

De acordo com os pressupostos resumidamente apresentados acima, e contrapondo-se ao que ele identifica como as principais tradições inscritas no debate da filosofia da ciência, Bourdieu (*A profissão*, 2000, p. 73) afirma: “O princípio do erro empirista, formalista ou intuicionista reside na dissociação dos atos epistemológicos e em uma representação mutilada das operações técnicas, sendo que cada uma delas pressupõe os atos de corte, construção e constatação.”<sup>11</sup>

A defesa da unidade dos *atos epistemológicos* evidencia sua rejeição ao que ele intitula de *oposição fictícia*, referindo-se aos termos em que a discussão epistemológica foi instituída na história, à oposição entre teoria e medida.

Defender juntamente com Bachelard que *o fato científico é conquistado, construído, constatado*, é recusar, ao mesmo tempo, o empirismo que reduz o ato científico a uma constatação e o convencionalismo que lhe opõe somente as condições prévias da construção. À força de lembrar o imperativo da constatação, contra toda a tradição especulativa da filosofia social da qual tem de se liberar, a comunidade sociológica tende, atualmente, a esquecer a hierarquia epistemológica dos atos científicos que subordina a constatação à construção e a construção à ruptura: tratando-se de uma ciência experimental, a simples referência à prova experimental não passa de uma tautologia, enquanto não for acompanhada por uma explicitação de pressupostos teóricos que servem de base a uma verdadeira experimentação; ora, tal explicitação permanece em si mesma desprovida de virtude heurística enquanto não for acompanhada da explicitação dos obstáculos epistemológicos que se apresentam, sob uma forma específica, em cada atividade científica. (*A profissão*, 2000, p. 22)<sup>12</sup>.

<sup>10</sup> Cf. *A profissão*, 2000, p. 50. (*Le métier*, 1983, p. 56).

<sup>11</sup> “Le principe de l’erreur empiriste, formaliste ou intuitionniste réside dans la dissociation des actes épistémologiques et dans une représentation mutilée des opérations techniques dont chacune suppose les actes de coupure, de construction et de constat.” (*Le métier*, 1983, p. 81).

<sup>12</sup> “Poser avec Bachelard que *le fait scientifique est acquis, construit, constaté*, c’est récuser à la fois l’empirisme qui réduit l’acte scientifique à un constat et le conventionnalisme qui lui oppose seulement le préalable de la construction. A force de rappeler l’impératif du constat, contre toute la tradition spéculative de la philosophie sociale à laquelle elle doit s’arracher, la communauté sociologique tend aujourd’hui à oublier la hiérarchie épistémologique des actes scientifiques qui subordonne le constat à la construction et la construction à la rupture: s’agissant d’une science expérimentale, le simple rappel à la preuve expérimentale n’est que tautologie tant qu’il ne s’accompagne pas d’une explicitation des présupposés théoriques que fondent une expérimentation véritable, et cette explicitation reste elle-même dépourvue de vertu heuristique tant qu’elle ne s’accompagne pas de l’explicitation des obstacles épistémologiques qui se présentent sous une forme spécifique en chaque pratique scientifique.” (*Le métier*, 1983, p. 24-25).

Segundo Bourdieu, cada operação técnica (*observação, hipótese, experimentação, teoria, observação* etc.) pressupõe os atos epistemológicos, ou seja o *corte* (ou a *ruptura* ou a *conquista*), a *construção* e a *constatação* (ou *prova dos fatos*)<sup>13</sup>; portanto são as preliminares epistemológicas que estabelecem a ordem lógica do trabalho de pesquisa. A *ruptura*, a *construção* e a *constatação* estão implicadas mutuamente, já que “[...] a experimentação vale o que vale a construção que ela coloca à prova e o valor heurístico e probatório de uma construção depende do grau em que ela permite romper com as aparências e, por conseguinte, conhecer as aparências ao reconhecê-las como aparência.” (*A profissão*, 2000, p. 74)<sup>14</sup>.

Bourdieu ocupa-se mais diretamente da sociologia e destaca, com frequência, as peculiaridades do trabalho de *ruptura* a ser defendido permanentemente nesta disciplina, “estabelecendo” critérios com a pretensão de deixar mais evidente a diferença entre o que ele vai chamar de *sociologia espontânea* e *sociologia verdadeira*.

A *sociologia verdadeira* não pode ser demarcada apenas pelo uso de técnicas reconhecidas como científicas, e nem pelo uso de conceitos separados da elaboração teórica, denominados de *conceitos operatórios*<sup>15</sup>. A *construção* do objeto propriamente científico exige *rigor sintético*<sup>16</sup>, o uso de *conceitos sistêmicos*, porque:

Por mais parcial e parcelar que seja um objeto de pesquisa, só pode ser definido e construído em função de uma *problemática teórica* que permita submeter a uma interrogação sistemática os aspectos da realidade colocados em relação entre si pela questão que lhes é formulada. (*A profissão*, 2000, p. 48)<sup>17</sup>.

---

<sup>13</sup> Referindo-se aos atos epistemológicos Bourdieu substitui o termo *ruptura* por *corte* ou *conquista*, utilizando-os como sinônimos. Cf. *A profissão*, 2000, p. 73. (*Le métier*, 1983, p. 81).

<sup>14</sup> “[...] l’expérimentation vaut ce que vaut la construction qu’elle met à l’épreuve et la valeur heuristique et probatoire d’une construction est fonction du degré auquel elle a permis de rompre avec les apparences et, par là, de connaître les apparences en les connaissant comme apparences.” (*Le métier*, 1983, p. 82).

<sup>15</sup> Cf. *A profissão*, 2000, p. 47-48. (*Le métier*, 1983, p. 53-54).

<sup>16</sup> Cf. *A profissão*, 2000, p. 47. (*Le métier*, 1983, p. 53).

<sup>17</sup> “Un objet de recherche, si partiel et si parcellaire soit-il, ne peut être défini et construit qu’en fonction d’une *problématique théorique* permettant de soumettre à une interrogation systématique les aspects de la réalité mis en relation par la question qui leur est posée.” (*Le métier*, 1983, p. 54).

Portanto admitir o “diálogo” entre teoria e experiência, não se contrapõe à primazia da razão, ao reconhecimento de que o *fato científico* é uma *construção*, porque sempre resposta a questões formuladas na atividade científica. Para Bourdieu, não assumir tais princípios é anular-se como sociólogo<sup>18</sup>, por negar a necessidade de tomar consciência da *construção* do objeto<sup>19</sup>.

Embora se estenda em considerações relativas às disciplinas pertencentes às ciências sociais, campo de seu trabalho, suas reflexões fundamentais sobre a produção de conhecimento no *campo científico* são provocativas para todas as *práticas* científicas. A ciência da ciência ou sociologia da ciência de Bourdieu é objeto de atenção, mais especificamente, nos capítulos seguintes.

## 1.2 POR UMA TEORIA DO CONHECIMENTO SOCIAL

Ao defender que a “realidade social”, tal como percebida pelo *sensu comum*, produz a ilusão de que é possível conhecer o mundo social pela percepção imediata, Bourdieu afirma que os *objetos concretos*<sup>20</sup> produzem a *ilusão do saber imediato*<sup>21</sup>, e que a ciência é capaz de “desfazer” a ilusão da percepção e a do próprio saber reconhecido como científico, através da *ruptura*.

---

<sup>18</sup> Cf. *A profissão*, 2000, p. 51. (*Le métier*, 1983, p. 57).

<sup>19</sup> Sobre a defesa do “diálogo” entre a teoria e a experiência apresentada na obra *Le métier de sociologue*, em 1968, cuja tradução no Brasil é *A profissão do sociólogo*, comenta François de Singly (2002, p. 91): “[...] *A profissão do sociólogo* revela que saber-fazer e saber-pensar devem estar associados em um processo sob tensão que constitui a pesquisa. Os métodos não podem estar separados de um projeto intelectual [...]”

“*Le Métier de sociologue* révèle que savoir-faire et savoir-penser doivent être associés dans un processus sous tension que constitue la recherche. Les méthodes ne peuvent pas être séparées d’un projet intellectuel [...]” (SINGLY, 2002, p. 91).

<sup>20</sup> Cf. *A profissão*, 2000, p. 75, nota 2. (*Le métier*, 1983, p. 83, nota 1).

<sup>21</sup> Cf. *A profissão*, 2000, p. 23. (*Le métier*, 1983, p. 27).

Referindo-se aos riscos relativos à introdução de pré-construções no trabalho científico, devido à *ilusão do saber imediato* e às possibilidades de mantê-los “sob controle”, ele adverte: “[...] as opiniões primeiras sobre os fatos sociais apresentam-se como uma coletânea falsamente sistematizada [...]” (*A profissão*, 2000, p. 23)<sup>22</sup>. E ainda: “A influência das noções comuns é tão forte que todas as técnicas de objetivação devem ser utilizadas para realizar efetivamente uma ruptura [...]” (*A profissão*, 2000, p. 24)<sup>23</sup>.

A *crítica lógica das noções*<sup>24</sup>, a *comprovação estatística das falsas evidências e a contestação decisória e metódica das aparências*<sup>25</sup> são técnicas a serem utilizadas para o trabalho de *ruptura*; porém Bourdieu anuncia que estas serão sempre insuficientes enquanto a *filosofia do conhecimento social* não for questionada em seus princípios e substituída por uma *teoria do conhecimento social*<sup>26</sup>.

A *filosofia do conhecimento social* é definida por Bourdieu como o âmago da *sociologia espontânea* ou a *filosofia primeira do social* “[...] que edifica a aparência de um discurso científico sobre os pressupostos assumidos inconscientemente [...]” (*A profissão*, 2000, p. 25)<sup>27</sup>; portanto, de acordo com seus critérios, não se constitui como uma teoria do conhecimento.

<sup>22</sup> “[...] les opinions premières sur les faits sociaux se présentent comme une collection faussement systématisée [...]” (*Le métier*, 1983, p. 28).

<sup>23</sup> “L’emprise des notions communes est si forte que toutes les techniques d’objectivation doivent être mises en oeuvre pour accomplir effectivement une rupture [...]” (*Le métier*, 1983, p. 28).

<sup>24</sup> Quanto à *crítica lógica das noções*, Bourdieu (*A profissão*, 2000, p. 124) afirma que as *noções* “[...] exigem um exame muito particular destinado a explicitar os respectivos pressupostos, colocar à prova sua coerência e tornar evidentes as consequências das proposições que implicam.”

“[...] requièrent tout particulièrement un examen destiné à expliciter leurs presupposes, à éprouver leur coherence et à dégager les conséquences des propositions qu’ils impliquent.” (*Le métier*, 1983, p. 134).

<sup>25</sup> Cf. *A profissão*, 2000, p. 25. (*Le métier*, 1983, p. 29).

<sup>26</sup> Sobre a defesa da *metasociologia* reivindicada por Bourdieu, François de Singly (2002, p. 91) afirma: “Em *A profissão de Sociólogo*, essa postura toma o nome de ‘teoria do conhecimento sociológico’ que não deve de modo algum ser confundida com as teorias sociológicas do social [...] Essa distinção é importante porque ela permite definir além das diferenças de tomada de posição teórica, aquilo que funda a sociologia como ciência, e não como filosofia social.”

“Dans *Le Métier de sociologue*, cette posture prend le nom de “*théorie de la connaissance sociologique*” qui ne doit en aucun cas être confondue avec les théories sociologiques du social [...] Cette distinction est importante puisqu’elle permet de définir, au-delà des différences de prise de position théorique, ce qui fonde la sociologie comme science, et nom comme philosophie sociale.” (SINGLY, 2002, p. 91).

<sup>27</sup> “[...] édifiant l’apparence d’un discours scientifique sur les presupposes inconsciemment assumés [...]” (*Le métier*, 1983, p. 30).



O *princípio da não-consciência*, primeiro dos princípios da *teoria do conhecimento social* defendida por ele, consiste em assumir que o investigador adota pressupostos de maneira não-consciente, compreendendo a atividade científica como *reflexão individual do sujeito que conhece*, e não como atividade estabelecida a partir de um conjunto de relações constitutivo da ciência, e, desta forma, não reconhece a necessidade de que a ciência submeta tal condição à análise, para que possa ser desvelada.

Nesta perspectiva, faz-se necessário “[...] estabelecer que o sentido das ações mais pessoais e mais ‘transparentes’ não pertence ao sujeito que as realiza, mas ao sistema completo das relações nas quais e pelas quais elas se realizam.” (*A profissão*, 2000, p. 28)<sup>28</sup>. Ao reivindicar o reconhecimento das relações sociais como condição para o fazer científico, Bourdieu apresenta o segundo *princípio da teoria do conhecimento social* ou *a forma positiva do princípio da não consciência*.

O *princípio da não consciência* aponta para o fato de que as determinações do fazer científico não são “automaticamente” colocadas no lugar do pensado. Na perspectiva de Bourdieu, esse princípio se constitui na condição fundamental para o trabalho de *ruptura* e, portanto, impõe o seu “avesso” também como um princípio; ou seja, o segundo pressuposto é a necessidade de que o pesquisador submeta *sua prática aos princípios da teoria do conhecimento sociológico*<sup>29</sup>. Neste sentido, ele indica o problema central: “A relação do intelectual com a cultura contém a verdadeira questão da relação do intelectual com a condição intelectual que nunca chega a ser formulada tão dramaticamente [...]” (*A profissão*, 2000, p. 47, nota 6)<sup>30</sup>. A questão é sociológica, pois trata da relação eminentemente social

---

<sup>28</sup> “[...] établir que le sens des actions les plus personnelles et les plus ‘transparentes’ n’appartient pas au sujet qui les accomplit mais au système complet des relations dans lesquelles et par lesquelles elles s’accomplissent.” (*Le métier*, 1983, p. 32).

<sup>29</sup> Cf. *A profissão*, 2000, p. 27. (*Le métier*, 1983, p. 32).

<sup>30</sup> “Le rapport de l’intellectuel à la culture enferme toute la question du rapport de l’intellectuel à la condition intellectuelle, qui n’est jamais aussi dramatiquement [...]” (*Le métier*, 1983, p. 53, nota 2).

“entre” o intelectual e a cultura, e é epistemológica por trazer implicações para a *construção* do objeto científico.

É fundamental ressaltar que Bourdieu recusa-se a aderir à oposição entre a objetividade e a subjetividade, assumindo que “[...] a descrição da subjetividade objetivada reenvia à descrição da interiorização da objetividade [...]” (*A profissão*, 2000, p. 30, nota 12)<sup>31</sup>.

A *ruptura* é suscitada então como condição da *objetivação*, para efetivar o avanço na recusa tanto ao *senso comum* mais vulgar como à *sociologia espontânea*. Esta última é identificada por ele como marcada pelas pré-construções “impostas” à atividade sociológica.

A *ilusão da transparência*, propiciada pela proximidade entre a *experiência ingênua*, as opiniões, e a *experiência erudita do mundo social*<sup>32</sup>, permite que as pré-noções “invadam” a sociologia. A concepção de que o mundo social pode ser desvelado “a olho nu” é contestada veementemente por Bourdieu, que tomando Durkheim, reafirma que o sociólogo deve penetrar *no mundo social como em um mundo desconhecido*<sup>33</sup>.

Apesar dos obstáculos próprios às ciências sociais exigirem uma *vigilância* também específica, esse *ponto de vista* defende a possibilidade do rigor científico relativo às mesmas<sup>34</sup>, deixando claro que:

Da mesma forma que as ciências físicas tiveram de romper categoricamente com as representações animistas da matéria e da ação sobre a matéria, assim também as ciências sociais devem operar o “corte epistemológico” capaz de estabelecer a

---

<sup>31</sup> Por antecipação, e para desde já direcionar a atenção ao que fundamenta a “dissolução” da dicotomia entre o objetivo e o subjetivo na teoria sociológica de Bourdieu, é importante ressaltar que o *habitus*, “Juntando dois aspectos, um objetivo (estrutura) e outro subjetivo (percepção, classificação, avaliação), não só interioriza o exterior, mas também exterioriza o interior.” (PINTO, 2000, p. 38). Essa perspectiva será esclarecida posteriormente, por demandar uma explanação muito mais extensa sobre a *noção* de *habitus*.

“[...] la description de la subjetivité objectivée renvoie à la description de l’intériorisation de l’objectivité [...]”. (*Le métier*, 1983, p. 34, nota 2).

<sup>32</sup> Cf. *A profissão*, 2000, p. 32. (*Le métier*, 1983, p. 36).

<sup>33</sup> Cf. *A profissão*, 2000, p. 26. (*Le métier*, 1983, p. 30).

<sup>34</sup> Referindo-se à posição defendida por Bourdieu relativa à cientificidade da sociologia, Louis Pinto (2000, p. 93) afirma: “[...] todo o seu trabalho mostra que a teoria sociológica só é possível sob uma forma radical e rigorosa: a sociologia é legitimamente uma ciência, assim como a física, e isso porque refratária às imposições factuais (econômicas, jurídicas, escolares etc.), em benefício de uma definição autônoma de seus objetos e instrumentos [...]”

separação entre a interpretação científica e todas as interpretações artificialistas ou antropomórficas do funcionamento social [...] (*A profissão*, 2000, p. 35)<sup>35</sup>.

O emprego da linguagem comum é um outro problema que, ao lado dos princípios da *não-consciência*, do seu “avesso” – a necessidade de submeter a *prática* aos princípios da *teoria do conhecimento sociológico* – e da *ilusão da transparência*, exige uma *crítica metódica*. É preciso analisar a *lógica da linguagem comum*, e nos termos wittgensteinianos<sup>36</sup>, desvelar o *emprego das palavras*, para poder analisar como a lógica do emprego das palavras na linguagem comum pode estar introduzindo, “clandestinamente”, na investigação, problemas e sistemas “formulados” pela mesma, e não por critérios notadamente científicos. A crítica metódica da linguagem comum é mais um instrumento de *vigilância epistemológica*, junto à crítica lógica das noções, a comprovação estatística das falsas evidências e a contestação decisória e metódica das aparências.

Como foi explicitado anteriormente, a *ruptura* é condição para o estabelecimento do fazer científico; para que seja possível efetivá-la, deve-se operar a *vigilância epistemológica*. Ao reconhecer os riscos aos quais a pesquisa está sujeita, mais especialmente nas ciências sociais, relativos à “contaminação” do conhecimento científico pelo *senso comum*, inclusive na forma de *sociologia espontânea*, Bourdieu reivindica uma postura de atenção permanente, que deve ser imposta ao trabalho propriamente científico. A esta atitude, ele também se refere como sendo a *vigilância epistemológica*, de acordo com as reflexões de Bachelard.

---

<sup>35</sup> “De même que les sciences physiques ont dû rompre catégoriquement avec les représentations animistes de la matière et de l’action sur la matière, de même les sciences sociales doivent opérer la ‘coupure épistémologique’ capable de séparer l’interprétation scientifique de toutes les interprétations artificialistes ou anthropomorphiques du fonctionnement social [...]” (*Le métier*, 1983, p. 40).

<sup>36</sup> Para esclarecer “os termos wittgensteinianos” recorremos a um trecho da explicação de Glock (1998, p. 359), que inclui uma citação do próprio Wittgenstein: “Um signo não adquire significado por estar associado a um objeto, mas sim por ter um uso governado por regras. Se é ou não dotado de significado é algo que depende da existência de um uso estabelecido, da possibilidade de ele ser empregado na realidade, em atos lingüísticos dotados de significado; e o significado que possui depende de como ele pode ser usado. ‘Para uma *grande* classe de casos em que empregamos a palavra ‘significado’, embora não todos, ela pode ser assim definida: o significado de uma palavra é seu uso na linguagem’ (PI&43,cp.&30;BB69).”

Ainda de acordo com Bachelard<sup>37</sup>, Bourdieu explicita que a *vigilância* deve permitir a *ruptura* em diversos graus. Resumidamente, ele apresenta três graus de *vigilância*: o primeiro, ou a *vigilância* simples, refere-se ao reconhecimento do caráter contingente dos fatos, que supõe a existência de um método; a segunda é a *vigilância* que se ocupa de estar atenta à aplicação do método, ou a *vigilância* da *vigilância* (simples); e o terceiro grau de *vigilância* refere-se ao próprio método. Este último coloca em questão princípios e pressupostos do método.

Esse *ponto de vista*, que assume o princípio da retificação continuada do conhecimento científico – já mencionado sob o título de a *polêmica incessante da razão* –, identifica os princípios e pressupostos do método que, no discurso de Bourdieu, é da ordem da metaciência, como conhecimento que também deve se constituir pelas sucessivas retificações permanentes. Porém, é importante observar:

Confundir a teoria do conhecimento sociológico, que é da ordem da metaciência, com as teorias parciais do social que engajam os princípios da metaciência sociológica na organização sistemática de um conjunto de relações e de princípios explicativos destas relações, é se condenar, ou a renunciar a fazer ciência esperando de uma ciência da metaciência que ela tenha lugar de ciência, ou a ter uma síntese necessariamente vazia das teorias gerais (ou mesmo das teorias parciais) do social como a metaciência que é a condição de todo conhecimento científico possível. (*Le métier*, 1983, p. 49)<sup>38</sup>.

---

<sup>37</sup> Cf. BACHELARD, 1977, p. 92-95.

<sup>38</sup> A opção pela tradução diferente da que consta em *A profissão do sociólogo* (transcrita abaixo) foi motivada pela busca de maior fidelidade ao pensamento de Bourdieu. Em português “fazer parte” é distinto de “ser da ordem de”.

“Confondre la théorie de la connaissance sociologique que est de l'ordre de la méta-science, avec les théories partielles du social qui engagent les principes de la méta-science sociologique dans l'organisation systématique d'un ensemble de relations et de principes explicatifs de ces relations, c'est se condamner, soit à renoncer à faire la science en attendant d'une science de la méta-science qu'elle tienne lieu de science, soit à tenir une synthèse nécessairement vide des théories générales (ou même des théories partielles) du social pour la méta-science qui est la condition de toute connaissance scientifique possible.” (*Le métier*, 1983, p. 49).

“A confusão entre a teoria do conhecimento sociológico que faz parte da metaciência, e as teorias parciais do social que envolvem os princípios da metaciência sociológica na organização sistemática de um conjunto de relações e princípios explicativos de tais relações, leva o pesquisador a condenar-se a renunciar a fazer ciência na expectativa de que uma ciência da metaciência ocupe o lugar da ciência, ou a considerar uma síntese necessariamente vazia das teorias gerais (ou, até mesmo, das ciências parciais) do social como a metaciência que é a condição de qualquer conhecimento científico possível.” (*A profissão*, 2000, p. 44).

É importante salientar que, ao reivindicar a existência de uma *teoria do conhecimento social*, Bourdieu está se referindo à *metaciência*, ao discurso epistemológico, às considerações relativas à *ruptura* e à *vigilância* que estão postas na *metaciência*.

Ao referir-se à *ilusão da transparência* e ao *princípio da não consciência*, e por defender o estabelecimento da *teoria do conhecimento social*, ele reforça o pressuposto do entendimento das relações sociais como relações objetivas e critica veementemente a *sociologia espontânea*, afirmando:

Contra esse método ambíguo que permite a troca indefinida de serviços entre o senso comum e o senso comum erudito, é necessário apresentar um segundo princípio da teoria do conhecimento do social que é simplesmente a forma positiva do princípio da não consciência: as relações sociais não poderiam ser reduzidas a relações entre subjetividades animadas por intenções e “motivações” porque se estabelecem entre condições e posições sociais, e porque, ao mesmo tempo, são mais reais do que os sujeitos que estão ligados por elas. (*A profissão*, 2000, p. 28)<sup>39</sup>.

Os *obstáculos* específicos destacados por Bourdieu, são concernentes às condições sociais nas quais está inserida a sociologia. A *tentação do profetismo*, relativa à “[...] tarefa de responder às questões últimas sobre o futuro da civilização [...]” (*A profissão*, 2000, p. 36)<sup>40</sup>, por exemplo, refere-se às demandas externas colocadas para a sociologia e à tentação de respondê-las, a que os sociólogos estão sujeitos. Isto implica no risco de trazer para o universo da ciência objetos e abordagens não constituídos a partir dele. O *duplo jogo profético*<sup>41</sup>, o uso da linguagem sociológica sem considerar seu uso no *senso comum*, também explicita a submissão do discurso sociológico a demandas externas.

---

<sup>39</sup> “Contre cette méthode ambiguë qui autorise l’échange indéfini de bons procédés entre le sens commun et le sens commun savant, il faut poser un second principe de la théorie de la connaissance du social qui n’est autre chose que la forme positive du principe de la non-conscience: les relations sociales ne sauraient se réduire à des rapports entre subjectivités animées par des intentions ou des ‘motivations’ parce qu’elles s’établissent entre des conditions et des positions sociales et qu’elles ont, du même coup, plus de réalité que les sujets qu’elles lient.” (*Le métier*, 1983, p. 33).

<sup>40</sup> “[...] la tâche de répondre aux questions ultimes sur l’avenir de la civilisation [...]” (*Le métier*, 1983, p. 41).

<sup>41</sup> Cf. *A profissão*, 2000, p. 37. (*Le métier*, 1983, p. 42).

Relativo, da mesma forma, às condições sociais nas quais a sociologia está imersa, o *imperativo escolástico da conciliação de contrários*<sup>42</sup> consiste na imposição de questões não postas pela própria atividade científica, mas pela *tradição profissional*<sup>43</sup>.

Tomando como referência os riscos acima apresentados, Bourdieu reconhece que romper com tais *práticas* constitui-se em condição para efetuar a *ruptura* com a própria *sociologia espontânea*<sup>44</sup>. Isto significa que a *ruptura* com as tradições é algo que pressupõe o reconhecimento destas como *obstáculos epistemológicos* – mecanismos que carregam o risco da inclusão de pré-noções não “compatíveis” com a *polêmica da razão*. Neste sentido, a *noção* de *obstáculo epistemológico*, ao ser, como ferramenta teórica, “responsável” pela identificação e explicitação de *erros* e dos mecanismos que os engendram, é condição para o conhecimento destes e, assim, para a *vigilância epistemológica* necessária para que a *ruptura* seja efetivada.

Trata-se, no caso, da inserção das implicações das *relações* sociais na reflexão sobre a *teoria do conhecimento social*, no discurso epistemológico. Melhor dizendo, relativa à *metaciência*, que é imprescindível para o conhecimento científico. A *metaciência da sociologia* ou a *teoria do conhecimento do social*, ou ainda, do *conhecimento sociológico* apresenta-se, de acordo com os critérios defendidos por Bourdieu, como o *princípio*

<sup>42</sup> Cf. *A profissão*, 2000, p. 40. (*Le métier*, 1983, p. 45).

<sup>43</sup> Cf. *A profissão*, 2000, p. 39 et seq. (*Le métier*, 1983, p. 43 et seq.).

Bourdieu (*A profissão*, 2000, p. 39) refere-se à tradição profissional e à relação tradicionalista genericamente como o passado teórico de uma disciplina, na qual “[...] os princípios declarados dissimulam pressupostos tanto mais inconscientes pelo fato de serem mais essenciais e na qual a coerência semântica ou lógica pode ser simplesmente a expressão manifesta de escolhas últimas baseadas em uma filosofia do homem e da história, e não em uma axiomática construída de forma consciente.”

“[...] les principes déclarés dissimulent des présupposés d’autant plus inconscients qu’ils sont plus essentiels et où la cohérence sémantique ou logique peut n’être que l’expression manifeste de choix ultimes fondés sur une philosophie de l’homme et de l’histoire plutôt que sur une axiomatique consciemment construire.” (*Le métier*, 1983, p. 44).

<sup>44</sup> Para justificar a utilização dos recursos de *ruptura* em relação à *teoria tradicional* e à *sociologia espontânea* Bourdieu (*A profissão*, 2000, p. 41) destaca: “Se é necessário utilizar contra a teoria tradicional as mesmas armas empunhadas contra a sociologia espontânea é porque as construções mais eruditas tiram da lógica do senso comum não só seus esquemas de pensamento, mas também seu projeto fundamental [...]”

“S’il faut employer contre la théorie traditionnelle les memes armes que contre la sociologie spontanée, c’est que les constructions les plus savants empruntent à la logique du sens commun nom seulement leurs schèmes de pensée, mais aussi leur projet fondamental [...]” (*Le métier*, 1983, p. 46).

*unificador*<sup>45</sup> que, ao permitir o reconhecimento dos *obstáculos epistemológicos*, se torna capaz de estabelecer a identidade propriamente sociológica e, nesses termos, identidade científica ao discurso sociológico<sup>46</sup>.

### 1.3 A CIÊNCIA E O FUNDAMENTO HISTÓRICO DA RAZÃO

O discurso de Pierre Bourdieu sobre o discurso epistemológico tem um pressuposto central:

É necessário admitirmos que a razão não caiu do céu, como um dom misterioso e votado a permanecer inexplicável e, portanto, que é inteiramente histórica; mas disso não somos de maneira alguma forçados a concluir, como comumente se faz, que seja redutível à história. É na história, e só nela, que devemos buscar o princípio da independência relativa da razão perante a história da qual ela é produto; ou, mais precisamente, na lógica propriamente histórica, mas absolutamente específica, segundo a qual se instituíram os universos de exceção em que a história singular da razão se consuma. (*Meditações*, 1998, p. 93)<sup>47</sup>.

---

<sup>45</sup> “A teoria do conhecimento sociológico, como sistema de regras que regem a produção de todos os atos e discursos sociológicos possíveis, e somente destes, é o princípio gerador das diferentes teorias parciais do social (quer se trate, por exemplo, da teoria das trocas matrimoniais ou da teoria da difusão cultural) e, por consequência, o princípio unificador do discurso propriamente sociológico que não deve ser confundido com uma teoria unitária do social.” (*A profissão*, 2000, p. 43).

“La théorie de la connaissance sociologique, comme système des règles qui régissent la production de tous les actes et de tous les discours sociologiques possibles, et de ceux-là seulement, est le principe générateur des différentes théories partielles du social (qu’il s’agisse par exemple de la théorie des échanges matrimoniaux ou de la théorie de la diffusion culturelle) et, par là, le principe unificateur du discours proprement sociologique qu’il faut se garder de confondre avec une théorie unitaire du social.” (*Le métier*, 1983, p. 48-49).

<sup>46</sup> Resumidamente: “Pierre Bourdieu atribui à sociologia papel bastante exigente, à altura da cientificidade que ela pode esperar reivindicar. A postura científica encerra um postulado de inteligibilidade: a realidade é, em princípio, acessível ao conhecimento racional, desde que se utilizem instrumentos apropriados.” (PINTO, 2000, p. 93).

<sup>47</sup> “Il faut admettre que la raison n’est pas tombée du ciel, comme un don mystérieux et voué à rester inexplicable, donc qu’elle est de parte en part historique; mais on n’est nullement contraint d’en conclure, comme on le fait d’ordinaire, qu’elle soit réductible à l’histoire. C’est dans l’histoire seulement, qu’il faut chercher le principe de l’indépendance relative de la raison à l’égard de l’histoire dont elle est le produit; ou, plus précisément, dans la logique proprement historique, mais tout à fait spécifique, selon laquelle se sont institués les univers d’exception où s’accomplit l’histoire singulière de la raison.” (*Méditations*, 1997, p. 130-131).

De acordo com os princípios apresentados anteriormente, é importante reafirmar que, ao incluir no discurso do discurso científico, na *metaciência*, o princípio da “natureza” histórica e social da razão, não seria possível pensar a própria *metaciência* excluída de tal pressuposto. Ao tomar o discurso epistemológico, da ordem da *metaciência*, como produto de *práticas* sócio-históricas, as reflexões de Pierre Bourdieu impõem um determinado “olhar” a ser considerado pelo debate no âmbito da filosofia<sup>48</sup> e da história das ciências.

A discussão, decerto, é muito mais ampla; porém, a questão que interessa aqui enfatizar é que, se o próprio discurso do discurso científico é produto de uma *prática* social, e as condições sócio-históricas constituem *obstáculos epistemológicos*, para ser fiel aos princípios da *ação polêmica da razão*, tais condições devem ser submetidas à *vigilância epistemológica*. Para que essa *vigilância* seja efetivada, Bourdieu requisita a sociologia como instrumento. Ele afirma: “Vê-se que a sociologia do conhecimento e da cultura, e, em particular, a sociologia do ensino das ciências, é um instrumento quase indispensável da vigilância do terceiro grau.” (*A profissão*, 2000, p.108)<sup>49</sup>. E ainda: “É com a vigilância do terceiro grau, que aparece a interrogação propriamente epistemológica, a única capaz de

---

<sup>48</sup> Neste sentido: “[...] o jogo filosófico ao qual está ligada sua existência enquanto filósofos ou sua participação reconhecida nesse jogo, os filósofos poderiam garantir as condições de uma verdadeira liberdade em relação a tudo que os autoriza e os cauciona a se dizerem e a se pensarem como filósofos, o mesmo que, em contrapartida desse reconhecimento social, os condena a assumir os pressupostos inscritos na postura e no posto de filósofo. Com efeito, somente uma crítica empenhada em explicar as condições de possibilidade daquilo que se designa, a cada momento, como ‘filosófico’, poderia tornar visíveis as energias dos efeitos ‘filosóficos’ implicados nessas condições.” (*Meditações*, 2001, p. 39-40).

“[...] le jeu philosophique auquel est liée leur existence en tant que philosophes ou leur participation reconnue à ce jeu que les philosophes pourraient s’assurer les conditions d’une véritable liberté par rapport à tout ce qui les autorise et les fonde à se dire et à se penser philosophes, et qui, en contrepartie de cette reconnaissance sociale, les enferme dans les pré-supposés inscrits dans la posture et le poste du philosophe. Seule en effet une critique attachée à expliciter les conditions sociales de possibilité de ce que l’on désigne, à chaque moment, comme ‘philosophique’ pourrait rendre visibles les ressorts des effets ‘philosophiques’ qui sont impliqués dans ces conditions.” (*Méditations*, 1997, p. 39).

<sup>49</sup> “On voit que la sociologie de la connaissance et de la culture et, en particulier, la sociologie de l’enseignement des sciences, est un instrument quasi indispensable de la surveillance du troisième degré.” (*Le métier*, 1983, p. 117).



romper com o ‘caráter absoluto do método’ como o sistema das ‘censuras da Razão’[...]” (*A profissão*, 2000, p.108).<sup>50</sup>

Referindo-se à sociologia como instrumento da *vigilância epistemológica* Bourdieu (*A profissão*, 2000, p. 12) enuncia:

[...] não seria possível dar toda a força à ação polêmica da razão científica sem prolongar a “psicanálise do espírito científico” por uma análise das condições sociais nas quais são produzidas as obras sociológicas: o sociólogo pode encontrar um instrumento privilegiado da vigilância epistemológica na sociologia do conhecimento, meio de aumentar e dar maior precisão ao conhecimento do erro e das condições que o tornam possível e, por vezes, inevitável [...]<sup>51</sup>

Tendo como “suporte” os trechos acima citados, e considerando mais radicalmente a concepção que entende a *vigilância* de terceiro grau como da ordem das reflexões propriamente epistemológicas, da *metaciência*, é possível indagar: A sociologia estaria “incluída” na *metaciência*?

Admitindo que a resposta à questão acima seja afirmativa, a referida “inclusão” significa que a *reflexividade* demandada pelo *racionalismo aplicado* de Pierre Bourdieu<sup>52</sup> supõe que as análises sociológicas, como instrumento da *ação polêmica da razão*, estejam inscritas no “campo” da reflexão epistemológica. Ele mesmo afirma que *a sociologia é uma dimensão fundamental da epistemologia*<sup>53</sup>.

<sup>50</sup> “C’est avec la surveillance du troisième degré qu’apparaît l’interrogation proprement épistémologique, seule capable de rompre avec l’absolu de la méthode’ comme système des ‘censures de la Raison’[...]” (*Le métier*, 1983, p. 117).

<sup>51</sup> “Mais on ne saurait donner toute sa force à l’action polémique de la raison scientifique sans prolonger la ‘psychanalyse de l’esprit scientifique’ par une analyse des conditions sociales dans lesquelles sont produites les oeuvres sociologiques: le sociologue peut trouver un instrument privilégié de la vigilance épistémologique dans la sociologie de la connaissance, moyen d’accroître et de préciser la connaissance de l’erreur et des conditions qui la rendent possible et parfois inévitable [...]” (*Le métier*, 1983, p. 14).

<sup>52</sup> Como o objeto desta análise não é o *racionalismo aplicado* instituído por Bachelard, a opção pelo uso da expressão *racionalismo aplicado de Pierre Bourdieu* não se dá por atribuir necessariamente ao mesmo uma originalidade, ainda que parcial, na concepção de *racionalismo aplicado*, mas sim para não afirmar por omissão, ao generalizar suas afirmações, que a concepção de Bourdieu seja precisamente a mesma que a de Bachelard, pois sobre a concepção deste pensador não é possível afirmar muito neste trabalho.

<sup>53</sup> Cf. *O campo econômico*, 2000, p. 20.

Não foi possível o acesso aos originais de alguns textos utilizados neste trabalho, são eles: *O Campo Econômico*, que reúne uma série de entrevistas com Bourdieu; os artigos: *O Capital Social – notas provisórias e Os Três Estados do Capital Cultural*; o capítulo terceiro de *O Poder Simbólico*; e, na íntegra, o livro *Capital Cultural, Escuela y Espacio Social*.

Mais especificamente, falar de *reflexividade*, então, supõe falar desse retorno reflexivo sobre o ato de conhecer, sobre o “sujeito” que conhece, pois realizar a *objetivação do sujeito objetivante* é o trabalho a ser desenvolvido para buscar conhecer os determinismos sociais que recaem sobre o sociólogo e, com isso, tentar controlá-los. Neste sentido, a *reflexividade* é exigida como condição para a reflexão epistemológica, pois:

É ao se proporcionar os meios científicos de tomar como objeto seu ponto de vista ingênuo sobre o objeto que o sujeito científico opera verdadeiramente o corte com o sujeito empírico e, ao mesmo tempo, com os outros agentes que profissionais ou profanos, permanecem encerrados em um ponto de vista que ignoram como tal. (*As regras*, 1996, p. 236)<sup>54</sup>.

Tomar como objeto *o ponto de vista sobre o objeto* é realizar a *objetivação do sujeito objetivante*. Porém, se o pressuposto que orienta esta *objetivação* funda-se na perspectiva de que “[...] esta reflexividade não é redutível à reflexão sobre si de um eu penso (*cogito*) pensando um objeto (*cogitatum*) [...]” (*Science*, 2001, p. 15)<sup>55</sup>, no que consiste esta *objetivação*? Como se configuram, na obra de Bourdieu, as condições sociais que ele reivindica que sejam *objetivadas* pelo fazer científico? A *objetivação* implica em:

[...] colocar em questão o privilégio do sujeito cognoscente [...] é trabalhar para dar conta do “sujeito” empírico nos termos mesmos da objetividade construída pelo sujeito científico (especialmente ao situá-lo em um lugar determinado do espaço-tempo social) e, com isso, conferir-se a consciência e o domínio (possível) das sujeições que podem exercer-se sobre o sujeito científico através de todos os laços que prendem o “sujeito” empírico, aos seus interesses, suas pulsões, seus pressupostos, suas crenças, sua *doxa*, e que ele deve romper para constituir-se. (*As regras*, 1996, p. 236)<sup>56</sup>.

<sup>54</sup> “C’est en se donnant les moyens scientifiques de prendre pour objet son point de vue naïf sur l’objet que le sujet scientifique opère véritablement la coupure avec le sujet empirique et, du même coup, avec les autres agents qui, professionnels ou profanes, restent enfermés dans un point de vue qu’ils ignorent comme tel.” (*Les règles*, 1992, p. 342).

<sup>55</sup> “[...] cette réflexivité n’est pas réductible à la réflexion sur soi d’un je pense (*cogito*) pensant un objet (*cogitatum*) [...]” (*Science*, 2001, p. 15).

<sup>56</sup> “[...] mettre en question le privilège du sujet connaissant [...] c’est travailler à rendre compte du ‘sujet’ empirique dans les termes mêmes de l’objectivité construite par le sujet scientifique (notamment en le situant en un lieu déterminé de l’espace-temps social) et, par là, se donner la conscience et la maîtrise (possible) des contraintes qui peuvent s’exercer sur le sujet scientifique à travers tous les liens qui l’attachent au ‘sujet’ empirique, à ses intérêts, à ses pulsions, à ses présupposés, à ses croyances, à sa *doxa*, e qu’il doit rompre pour se constituer.” (*Les règles*, 1992, p. 342-343).

Mais precisamente, para que seja possível articular as diversas dimensões suscitadas em termos da discussão epistemológica, duas questões são apresentadas: quem é o *sujeito objetivante*? O que significa “[...] buscar no objeto construído pela ciência as *condições sociais de possibilidade do ‘sujeito’ erudito* [...] e os limites possíveis de seus atos de objetivação.” (*As regras*, 1996, p. 236)<sup>57</sup>?

Para Bourdieu, o verdadeiro “sujeito” do conhecimento científico é o *campo científico*<sup>58</sup>. Neste sentido, mais uma vez, a sociologia é apresentada como *meio científico* que, ao ser instrumento para a análise do *campo científico*, é também instrumento para a realização da *objetivação do sujeito objetivante*, para a *objetivação* das condições sociais da própria *objetivação*. Portanto aqui se explicita, ainda mais, a “natureza” dos “laços necessários” entre a epistemologia e a sociologia na obra de Pierre Bourdieu.

É fundamental ressaltar que essa reflexão exige cuidados sutis e cruciais, pois a dimensão epistemológica, sobre a qual é possível dissertar, não deve “ferir” a lógica do *ponto de vista* adotado; ou seja, não se pode passar a retirar “regras” estabelecidas em um meta-discurso porque isto desvirtuaria sua concepção do trabalho de pesquisa notadamente científico.

A perspectiva de Bourdieu relativa aos pressupostos do *racionalismo aplicado* interdita a conhecida “metodologia científica” tal como posta na tradição *escolástica*. Trata-se, portanto, de desvelar também a sutil, porém enfática, demarcação entre as reflexões epistemológicas, que devem orientar o trabalho de investigação, e as “receitas” metodológicas, estas mais responsáveis pelos equívocos produtores de uma *sociologia espontânea* do que por trabalhos inscritos no que ele denomina de *sociologia verdadeira*.

---

<sup>57</sup> “[...] chercher dans l’objet construit par la science *les conditios sociaux de possibilité du ‘sujet’ savant* [...] et les limites possibles de ses actes d’objectivation.” (*Les règles*, 1992, p. 343).

<sup>58</sup> Cf. *As regras*, 1996, p. 237. (*Les règles*, 1992, p. 343) ou *Meditações*, 2001, p. 139. (*Méditations*, 1997, p. 137). É importante lembrar a recusa de Bourdieu às oposições entre indivíduo e sociedade e entre subjetividade e objetividade. Esta última, já refererida, supõe a compreensão de que o campo, como espaço de relações, constitui a condição de existência do produto, seja ele a arte, obra literária ou a ciência, o que não significa aderir à perspectiva de uma ação mecânica dos agentes, como será melhor explicitado adiante.

Bourdieu afirma que a *ruptura epistemológica* sempre supõe uma *ruptura social*<sup>59</sup>. Pensar a afirmação da “necessidade” de *ruptura social* para a operação da *ruptura epistemológica*, e a afirmação de que a sociologia (notadamente a sociologia do conhecimento, da cultura e do ensino de ciências) é instrumento da *ruptura epistemológica*, mantém a reflexão sobre os termos propostos por ele para a efetivação do “diálogo” entre a sociologia e a epistemologia.

Em resumo, o fato de Bourdieu afirmar que o verdadeiro “sujeito” do conhecimento científico é o *campo científico* implica no reconhecimento de que promover a *reflexividade* é tomar por objeto o próprio fazer científico como *prática* social e historicamente situada. Porém, desenvolver essa análise supõe um determinado *ponto de vista* teórico, no caso sociológico.

Essa *prática* social, denominada ciência, estabeleceu, historicamente, determinadas relações que só adquirem “concretude” em um mundo específico e devido à “existência” desse mundo. Deste modo só pode ser pensada dentro dos parâmetros colocados por esse universo.

O *ponto de vista* em questão é a própria teoria social de Bourdieu que tem como pressuposto, segundo ele mesmo, a recusa às oposições clássicas como, por exemplo, as que polarizam o indivíduo e a sociedade ou a história e a estrutura.

Para compreender, efetivamente, tanto os pressupostos que afirmam o “diálogo” entre a sociologia e a epistemologia, como toda a sua extensão, faz-se condição saber no que consiste a sociologia de Pierre Bourdieu.

---

<sup>59</sup> “Decerto porque a ruptura epistemológica supõe sempre uma ruptura social a qual, mormente quando permanece ignorada, pode inspirar uma forma de desprezo de iniciado pelo conhecimento comum, tratado como um obstáculo a ser destruído e não como um objeto a ser compreendido [...]” (*Meditações*, 2001, p. 231).

“Sans doute parce que la rupture épistémologique suppose toujours une rupture sociale qui, surtout lorsqu’elle reste ignorée, peut inspirer une forme de mépris d’initié pour la connaissance commune, traitée comme un obstacle à détruire et non comme un objet à comprendre [...]” (*Méditations*, 1997, p. 225-226).

#### 1.4 FUNDAMENTOS DA TEORIA SOCIAL

Como é possível fazer a “leitura” do mundo social? Qual o trabalho do sociólogo? Quais os eixos do discurso sociológico que se unem ao epistemológico? Qual a teoria sociológica de Pierre Bourdieu?

Opondo-se à tradição identificada como substancialista, Bourdieu afirma que *o real é relacional e o que existe são as relações*<sup>60</sup>. Ao defender a precedência da razão sobre a experimentação<sup>61</sup>, reconhece as *noções*, “idéias primeiras”, como “caminhos” para desvelar o *real*.

As *noções* são instrumentos que permitem o desenvolvimento da investigação. Elas encerram pressupostos relativos à concepção do *real*, portanto são compreendidas como recursos para a *objetivação*.

A tarefa do sociólogo é “[...] construir sistemas de relações inteligíveis capazes de explicar os dados sensíveis.” (*As regras*, 1996, p.14)<sup>62</sup>. Coerentemente com os pressupostos que demarcam o que Bourdieu considera como conhecimento científico, tais *construções* devem poder ser confrontadas com a experiência.

As *noções* cumprem a função de apontar um caminho metodológico, impedindo e permitindo escolhas no trabalho de *construção* do objeto. Os pressupostos orientam a elaboração de hipóteses que, de acordo com a lógica do *racionalismo aplicado*, podem ou não ser confirmadas. As confirmações possíveis expressam-se na fertilidade de seus resultados.

---

<sup>60</sup> Cf. *Capital*, 1998, p. 53.

<sup>61</sup> De acordo com Louis Pinto (2000, p. 102): “O ‘modo de pensar relacional’ foi sistematizado em antropologia pelo estruturalismo, mas não é exclusividade deste, pois muito deve, segundo Bourdieu, à reflexão de outros autores, como Cassirer. Ao substituir a coisa pela relação, esse modo de pensamento satisfaz uma exigência muito geral, imposta em diferentes domínios: a exigência de criar entidades de nível mais abstrato, plenas de novas possibilidades operatórias.”

<sup>62</sup> “[...] construire des systèmes de relations intelligibles capables de rendre raison des données sensibles.” (*Les règles*, 1992, p. 14).

Estes, ainda que permanentemente parciais, pois sujeitos a retificações, são também suficientemente “capazes” de permitir a continuidade das pesquisas.

Afirmar que as análises sociológicas de Pierre Bourdieu têm como pressuposto que *o real é relacional*<sup>63</sup>, significa dizer que é a relação entre *práticas e posições* que define o *real*, elas próprias *relacionalmente definidas* em um *espaço social*. As propriedades dos *agentes* e dos *espaços sociais* são constituídas nas relações que as definem. Consequentemente, entendê-las, supõe a compreensão dessas relações, o que somente é possível pela identificação do sistema de relações constitutivas e constituidoras de um *espaço social*. A noção de *espaço social* fundamenta-se na idéia de espaço como um

[...] conjunto de posições distintas e coexistentes, exteriores umas às outras, definidas umas em relação às outras por sua *exterioridade mútua* e por relações de proximidade, de vizinhança ou de distanciamento e, também, por relações de ordem, como acima, abaixo e *entre* [...] (*Razões*, 1996, p. 18-19)<sup>64</sup>.

O sistema das relações entre *posições* – o *espaço social* – constitui a *estrutura*. A configuração espacial, fundada na exterioridade e no distanciamento, tem a posse do *capital* como elemento distintivo ou definidor das *posições*. A quantidade e a composição do *capital* possuído pelos agentes definem as *posições*. Como existem em um mesmo *espaço social* diferentes tipos de *capital*, a composição ou *estrutura do capital* refere-se à sua qualidade<sup>65</sup>.

O *espaço social* é história institucionalizada e constitui as *condições sociais de produção dos agentes*<sup>66</sup>. A concepção de história une-se à *noção de prática*, pois esta última é

---

<sup>63</sup> Cf. *Razões*, 1996, p. 16 et seq. (*Raisons*, 1994, p. 17 et seq.).

<sup>64</sup> “[...] ensemble de positions distinctes et coexistantes, extérieures les unes aux autres, définies les unes par rapport aux autres, par leur *extériorité mutuelle* et par des relations de proximité, de voisinage ou d’éloignement et aussi par des relations d’ordre, comme au-dessus, au-dessous et *entre* [...]” (*Raisons*, 1994, p. 20).

<sup>65</sup> Em *Razões Práticas* (1996), o autor refere-se ao capital global como a soma do *capital econômico* e do *capital cultural* de cada agente, ao analisar a sociedade francesa como um *espaço social*. Sobre a noção de *capital*, trataremos adiante.

<sup>66</sup> Cf. *O poder*, 1989, p. 94. (*Le mort*, 1980, p. 10).

também história incorporada (*habitus*) em ação<sup>67</sup>, permitida e condicionada pela história objetivada sob a forma de *espaço social*.

A *prática* supõe o encontro das duas histórias: a objetivada e a incorporada. Esta afirmação é uma das demarcações da *ruptura* com a perspectiva finalista da história, o que supõe a recusa explícita a “[...] transformar o ‘fim’ da história em ‘fim’ da acção histórica [...]” (*O Poder*, 1989, p. 80)<sup>68</sup>.

Ao não dissociar *estrutura* e história, Bourdieu afirma que, se por um lado, a *posição* (posse de determinado *capital*) de cada *agente* em um momento dado é resultante do conjunto de *estratégias* anteriores (que depende da *estrutura* do *campo* pela intermediação das propriedades estruturais da *posição* a partir das quais são engendradas; e das “características”, valor e poder da *posição* a partir da qual as *estratégias* foram articuladas), por outro lado, as transformações da *estrutura* (a mudança de *posições* ou não, mas sempre um novo momento do *campo*) são o produto das *estratégias*. Isto é, se de um lado a *posição* é produto das *estratégias*, de outro as *estratégias* são produto das *posições*.

A perspectiva da história nem se afina com as determinações destituídas de “sujeitos”, nem com determinações como produtos da vontade de “sujeitos”:

A relação com o mundo social não é a relação de causalidade mecânica que freqüentemente se estabelece entre o “meio” e a consciência, mas sim uma espécie de cumplicidade ontológica: quando a história que freqüenta o *habitus* e o *habitat*, as atitudes e a posição, o rei e a sua corte, o patrão e a sua empresa, o bispo e a sua diocese, é a mesma, então é a história que comunica de certo modo com ela própria, se reflecte nela própria, se reflecte ela própria. (*O poder*, 1989, p. 83)<sup>69</sup>.

---

<sup>67</sup> De acordo com Louis Pinto (2000, p. 38): “O *habitus* deve ser compreendido como uma gramática gerativa de práticas conformes com as estruturas objetivas de que ele é produto [...]”

<sup>68</sup> “[...] transformer la *fin* de l’histoire en *fin* de l’action historique [...]” (*Le mort*, 1980, p. 5).

<sup>69</sup> “Le rapport au monde social n’est pas la relation de causalité mécanique que l’on établit souvent entre le ‘milieu’ et la conscience mais une sorte de complicité ontologique: lorsque c’est la même histoire qui hante l’*habitus* et l’*habitat*, les dispositions et la position, le roi et sa cour, le patron et son entreprise, l’évêque et son diocèse, l’histoire communique en quelque sorte avec elle-même, se réfléchit en elle-même, se réfléchit elle-même.” (*Le mort*, 1980, p. 6).

Embora também produto das *estratégias* dos agentes e inseridas no *espaço* de *posições*, as *práticas* não são plenamente conscientes, mas guiadas pelos *interesses*<sup>70</sup> existentes em um *campo*. O *sentido do jogo*, inscrito no *habitus*, ainda que possibilitando “escolhas”, não carrega uma intencionalidade controlada, não se constitui na vontade. As *tomadas de posição* são condicionadas pela história objetivada ou sistema de relações, e se apresentam “[...] em função dos interesses associados às diferentes posições e dos *habitus* dos seus ocupantes [...]” (*O poder*, 1989, p. 81)<sup>71</sup>; portanto as histórias do *espaço social* e das *trajetórias* são “produtoras” da própria história. Segundo Bourdieu, essa abordagem rompe com a dicotomia indivíduo/sociedade.

Essa fórmula, que pode parecer abstrata e obscura, enuncia a primeira condição de uma leitura adequada da análise da relação entre *posições sociais* (conceito relacional), as *disposições* (ou os *habitus*) e as *tomadas de posição*, as “escolhas” que os agentes sociais fazem nos domínios mais diferentes da prática [...] (*Razões*, 1996, p. 18)<sup>72</sup>.

Identificar as *trajetórias*, ou a história das *tomadas de posição* dos *agentes*, consiste na identificação das *posições* que os *agentes* ocupam nas configurações sucessivas do *espaço* de *posições*. A cada configuração do espaço de relações deve corresponder uma análise do valor social relativo à *posição* e “opções” dos *agentes*. “A subordinação do conjunto das práticas a uma mesma intenção objectiva, espécie de orquestração sem maestro, só se realiza mediante a concordância que se instaura, como por fora e para além dos agentes [...]” (*O poder*, 1989, p. 86-87)<sup>73</sup>.

<sup>70</sup> As especificidades da compreensão de Bourdieu sobre o que denomina *interesse* são indissociáveis das análises relativas aos “automatismos” do *habitus* e às *trocas de bens simbólicos*, esta última inerente aos *campos de produção cultural*, como será exposto no próximo capítulo.

<sup>71</sup> “[...] en fonction des intérêts associés aux différentes positions et des *habitus* de leurs occupants [...]” (*Le mort*, 1980, p. 6).

<sup>72</sup> “Cette formule, qui peut paraître abstraite et obscure, énonce la première condition d’une lecture adéquate de l’analyse du rapport entre les *positions sociales* (concept relationnel), les *dispositions* (ou les *habitus*) et les *prises de position*, les ‘choix’ que les agents sociaux opèrent dans les domaines les plus différents de la pratique [...]” (*Raisons*, 1994, p. 19).

<sup>73</sup> “La subordination de l’ensemble des pratiques à une même intention objective, sorte d’orchestration sans chef d’orchestre, ne s’accomplit que par intermédiaire de l’accord que s’instaure comme en dehors des agents [...]” (*Le mort*, 1980, p. 8).



O *espaço social* supõe uma história comum, que “reúne” as diversas *posições*. É um *espaço* com três dimensões: a distribuição do volume de *capital* global entre os *agentes*, a composição do *capital* e a história no tempo. Decorre dessa concepção a idéia dos diversos *pontos de vista* relativos, cada um, a uma *posição* no *espaço social*. Cada *ponto de vista* corresponde a um “sujeito” e este relaciona-se a *um sistema de disposições*<sup>74</sup>. O *habitus* é história incorporada e dispõe de um *sentido prático*. A “idéia primeira”, fundadora da *noção* de *habitus* expressa “[...] a recusa a toda uma série de alternativas nas quais a ciência social se encerrou, a da consciência (ou do sujeito) e do inconsciente, a do finalismo e do mecanicismo [...]” (*O poder*, 1989, p. 60).

Como outras *noções*, o *habitus* exerce, inicialmente, uma *função negativa*<sup>75</sup>, no sentido de orientar a investigação contra *noções* ou conceitos não aceitos pelo investigador. Como foi dito, o uso das *noções* como instrumentos de *objetivação* visa garantir uma determinada direção à investigação<sup>76</sup>.

Do mesmo modo, a *noção* de *campo*, que define o *espaço social* entre o *texto* (ou obra, ou ainda produto cultural) e o contexto, supõe, também cumprindo sua *função negativa*, o pressuposto de que, ao analisar uma produção cultural “[...] não basta se referir ao conteúdo textual desta produção, mas que não basta tampouco se referir ao contexto social contentando-se em fazer uma relação direta do texto e do contexto.” (*Les usages*, 1997, p. 14)<sup>77</sup>. Com a *noção* de *campo*, Bourdieu direciona suas análises contra as leituras que identifica como internalistas e externalistas<sup>78</sup>. Defende, portanto, a “existência” de universos específicos, relativamente

<sup>74</sup> Cf. *Meditações*, 2001, p. 159. (*Méditations*, 1997, p. 157).

<sup>75</sup> Cf. *Les usages*, 1997, p. 14. A *função negativa* de uma *noção* refere-se ao que esta última demarca como excluído da investigação. Ainda sobre *função negativa e função positiva da teoria* na concepção de Bourdieu, ver Pinto (2000, p. 92-93).

<sup>76</sup> Segundo Louis Pinto (2000, p. 96-97): “Trata-se de *noções* ‘monadológicas’, pois de certo modo cumprem a função tradicionalmente atribuída às substâncias, ao mesmo tempo que são retraduzidas e repensadas numa lógica estrutural de relação.”

<sup>77</sup> “[...] mais qu’il ne suffit pas de se référer au contenu textuel de cette production, mais qu’il ne suffit pas davantage de se référer au contexte social en se contentant d’une mise en relation directe du texte et du contexte.” (*Les usages*, p. 14); (*Los usos*, 2000, p. 74).

<sup>78</sup> Cf. *Les usages*, 1997, p. 13. (*Los usos*, 2000, p. 73).

autônomos, formados pelas relações entre as *posições* e as *tomadas de posição* dos *agentes*, constituindo, assim, uma dimensão “intermediária”, não reconhecida pelas referidas análises<sup>79</sup>.

O “indivíduo”<sup>80</sup> por ele denominado *agente*, termo que é também utilizado para designar instituições ou grupos<sup>81</sup> de acordo com os mesmos princípios, é indissociavelmente história incorporada e situado<sup>82</sup> no mundo social.

Os *agentes* possuem *habitus* incorporados e têm “lugar”, *posição* em um *espaço social*. A *prática* é condicionada pelas determinações do *habitus* e da *posição* ocupada; ou seja, as ações possíveis são delimitadas pelas condições histórico-sociais. Como diz Bourdieu (*Les usages*, 1997, p. 17): “É a *estrutura das relações objetivas* entre os agentes que determina o que eles podem e não podem fazer.”<sup>83</sup>. Porém, acrescenta ainda: “Os agentes sociais não são, evidentemente, partículas passivamente levadas pelas forças do campo [...]” (*Les usages*, 1997, p. 22)<sup>84</sup>.

Há estruturas objetivas inscritas na história e nas lutas do *campo*, “[...] independentes da consciência e da vontade dos agentes, que são capazes de orientar ou de coagir suas práticas ou suas representações.” (*Choses dites*, 1987, p. 147)<sup>85</sup>. Os agentes, entretanto, dispõem de uma relativa autonomia na “escolha” de *estratégias* devido ao *espaço de possíveis*. Esta

<sup>79</sup> “[...] a noção de campo permite compreender as relações entre o que é interno e o que lhe é externo, sem que lhe seja preciso absolutizar ou reduzir nenhum dos termos.” (PINTO, 2000, p. 81).

<sup>80</sup> “A idéia de indivíduo separado repousa, de maneira bastante paradoxal, na apreensão ingênua daquilo que, como diz Heidegger num curso de 1934, ‘é percebido sobre nós de fora’, que é ‘perceptível e sólido’, isto é, o corpo [...]” (*Meditações*, 2001, p. 161).

“L’idée d’individu séparé repose, de manière tout à fait paradoxale, sur l’appréhension naïve de ce qui, comme le dit Heidegger dans un cours de 1934, ‘est perçu de nous du dehors’, et qui est, ‘saisissable et solide’, c’est-à-dire le corps [...]” (*Méditations*, 1997, p. 158).

<sup>81</sup> Cf. *Les usages*, 1997, p. 16-17. Bourdieu tanto utiliza o termo *agente* para referir-se a uma empresa, no caso do campo econômico, como a Einstein, no caso do campo científico. Ainda em relação ao campo científico, ele reitera: “Os agentes, cientistas isolados, equipes ou laboratórios, criam [...]”

“Les agents, savants isolés, équipes ou laboratoires, créent [...]” (*Science*, 2001, p. 69).

<sup>82</sup> “[...] (O lugar, *topos*, pode ser definido em termos absolutos, como o local onde uma coisa ou um agente ‘tem lugar’, existe, em suma, como localização, ou então, em termos relacionais, topológicos, como uma posição, um nível no interior de uma ordem) [...]”. (*Meditações*, 2001, p. 161).

“[...] (Le lieu, *topos*, peut être défini absolument, comme l’endroit où une chose ou un agent ‘a lieu’, existe, bref, comme localisation, ou, relationnellement, topologiquement, comme une position, un rang dans un ordre) [...]”. (*Méditations*, 1997, p. 158).

<sup>83</sup> “C’est la *structure des relations objectives* entre les agents qui détermine ce qu’ils peuvent et ne peuvent pas faire.” (*Les usages*, 1997, p. 17). (*Los usos*, 2000, p. 77).

<sup>84</sup> “Les agents sociaux ne sont évidemment pas des particules passivement menées par les forces du champ [...]” (*Les usages*, 1997, p. 22); (*Los usos*, 2000, p. 81).

<sup>85</sup> “[...] indépendantes de la conscience et de la volonté des agents, qui sont capables d’orienter ou de contraindre leurs pratiques ou leurs représentations.” (*Choses dites*, 1987, p. 147); (*Cosas dichas*, 1996, p. 127).

relativa autonomia torna as *tomadas de posição* não necessariamente previsíveis, mas delimitadas pelas determinações das estruturas objetivas. “Ou, mais precisamente, é a posição que eles [os *agentes*] ocupam nessa estrutura que determina ou orienta, ao menos negativamente, suas tomadas de posição.” (*Les usages*, 1997, p. 17)<sup>86</sup>.

O termo *espaço de possíveis*<sup>87</sup> demarca a existência de uma diversidade de *usos possíveis*<sup>88</sup>, no sentido de um conjunto de possibilidades que está à disposição de cada *agente*, a depender de sua *posição no campo*. A história do *campo* institui “[...] o universo finito das *liberdades sob coação* e das *potencialidades objetivas* [...]” (*As regras*, p. 266)<sup>89</sup> que se configura em um *espaço de possíveis* para o *agente* com *habitus* correspondente.

A relação entre as posições e as tomadas de posição não tem nada de uma relação de determinação mecânica. Entre umas e outras se interpõe, de alguma maneira, o espaço dos possíveis, ou seja, o espaço das tomadas de posição realmente efetuadas tal como ele aparece quando é percebido através das categorias de percepção constitutiva de certo *habitus*, isto é, *como um* espaço orientado e preñado das tomadas de posição que aí se anunciam como potencialidades objetivas, coisas “a fazer”, “movimentos” a lançar, revistas a criar, adversários a combater, tomadas de posição estabelecidas a “superar” etc. (*As regras*, 1996, p. 265)<sup>90</sup>.

O reconhecimento do *código específico*<sup>91</sup> define a condição de entrada no jogo. Situado e datado, portanto social e histórico, o *código específico* é um sistema de percepção, de apreciação e de expressão das condições sociais de um *campo* ou *espaço social*.

<sup>86</sup> “Ou, plus précisément, c’est la position qu’ils occupent dans cette structure qui détermine, ou oriente, au moins négativement, leurs prises de position.” (*Les usages*, 1997, p. 17); (*Los usos*, 2000, p. 77).

<sup>87</sup> Alguns textos traduzem para o português *espace des possibles* como *espaço dos possíveis*.

<sup>88</sup> Cf. *As regras*, 1996, p. 266. (*Les règles*, 1992, p. 385).

<sup>89</sup> “[...] l’univers fini des *libertés sous contraintes* et des *potentialités objectives* [...]” (*Les règles*, 1992, p. 385).

<sup>90</sup> “La relation entre les positions et les prises de position n’a rien d’un rapport de détermination mécanique. Entre les unes et les autres s’interpose, en quelque sorte, l’espace des possibles, c’est-à-dire l’espace des prises de position réellement effectuées tel qu’il apparaît lorsqu’il est perçu au travers des catégories de perception constitutives d’un certain *habitus*, c’est-à-dire comme un espace orienté et gros des prises de position qui s’y annoncent comme des potentialités objectives, des choses ‘à faire’, ‘mouvements’ à lancer, revues à créer, adversaires à combattre, prises de position établies à ‘dépasser’, etc.” (*Les règles*, 1992, p. 384).

<sup>91</sup> “À maneira de uma língua, esse código constitui ao mesmo tempo uma *censura*, pelos possíveis que exclui de fato e de direito, e um *meio de expressão* que encerra em limites definidos as possibilidades de invenção infinita que proporciona [...]” (*As regras*, 1996, p. 304).

“A la façon d’une langue, ce code constitue à la fois une *censure*, par les possibles qu’il exclut en fait ou en droit, et un *moyen d’expression* enfermant dans des limites définies les possibilités d’invention infinie qu’il procure [...]” (*Les règles*, 1992, p. 444).

As condições sociais de um *campo* constituem-se do *espaço de posições* objetivado, institucionalizado, em relação com a história incorporada ou *habitus*. Os *habitus*, disposições e estruturas mentais incorporadas ao longo da história do “indivíduo”, incluem os condicionamentos da origem (por exemplo: social, econômica ou geográfica), porém: “[...] só se realizam efetivamente em relação com uma estrutura determinada de posições socialmente marcadas [...]” (*As regras*, 1996, p. 299)<sup>92</sup>.

Apenas a história e a estrutura de lutas entre os *agentes* permitem a existência das estruturas mentais e categorias de percepção específicas, pois estas só existem como tais “[...] pelo efeito da *colocação em prática*, jamais redutível a uma pura execução [...]” (*As regras*, 1996, p. 305)<sup>93</sup>.

É fundamental reforçar que existem potencialidades, quer dizer, algo que se coloca como possível, mas não necessário. Consequentemente, para Bourdieu, não existe a possibilidade de que o jogo estabelecido em um *campo* possa ter seu “resultado” antecipadamente definido ou completamente previsível, pois as análises do *sentido prático* e mesmo do *espaço de posições* não informam as *tomadas de posição*, apenas o *espaço dos possíveis*, as tendências<sup>94</sup>.

---

<sup>92</sup> “[...] ne se réalisent effectivement qu’en relation avec une structure déterminée de positions socialement marqué [...]” (*Les règles*, 1992, p. 436-437).

<sup>93</sup> “[...] par l’effet de la *mise en oeuvre*, jamais réductible à une pure exécution [...]” (*Les règles*, 1992, p. 446-447).  
Para esclarecer. “Primeiro a competência: não é apenas o domínio das aquisições, dos recursos acumulados no campo, é o fato de ter incorporado, transformado em sentido prático do jogo, convertido em reflexos, o conjunto de recursos teórico-experimentais, ou seja, cognitivos e materiais provenientes de pesquisas anteriores [...]” (*Science*, 2001, p. 102).

“D’abord la compétence: ce n’est pas seulement la maîtrise des acquis, des ressources accumulées dans le champ c’est le fait d’avoir incorporé, transformé en sens pratique du jeu, converti en réflexes, l’ensemble des ressources théorico-expérimentales, c’est-à-dire cognitives et matérielles issues des recherches antérieures [...]” (*Science*, 2001, p. 102).

<sup>94</sup> Como reforça Louis Pinto (2000, p. 10): “[...] Pierre Bourdieu jamais comparou um campo a um jogo de forças cegas. Num campo existem reais possibilidades de transformação, mas que são diferentes conforme a posição ocupada.”

Para pensar a ciência, além das noções de *campo*, *capital e habitus*, Bourdieu recorre a outra noção fundamental já citada: a *prática*. As reflexões sobre a *prática*, que impõem a explicitação de uma *teoria da prática*<sup>95</sup>, são cruciais para a compreensão da extensão e complexidade das suas conclusões sobre a ciência.

A atenção volta-se para uma análise sociológica que tenha como produto uma *teoria da prática* que permita a compreensão da produção científica<sup>96</sup>. Mais uma vez, a sociologia apresenta-se como recurso para assegurar o rigor científico, cumprindo, desse modo, um papel eminentemente epistemológico, por “trazer à luz os esquemas da prática científica” (*O poder*, 1989, p. 24)<sup>97</sup>.

A *construção do objeto prática científica* só foi possível pela operação de *conceitos sistêmicos*, o que, por consequência, permitiu a *construção* de hipóteses sobre a ciência. Neste sentido, as exigências para pensar a *prática científica* não se distinguem das que se impõem para pensar qualquer mundo social e qualquer objeto científico.

Em suma, era preciso pelo menos lembrar que o privilégio que se encontra no princípio de toda a actividade teórica, na medida em que supõe um corte epistemológico, mas também social, nunca governa tão subtilmente essa actividade como quando, à falta de se mostrar como tal, conduz a uma teoria implícita da prática que é correlativa do esquecimento das condições sociais de possibilidade da teoria. (*Esboço*, 2002, p. 138)<sup>98</sup>.

---

<sup>95</sup> “[...] a teoria da prática que aparece como condição de uma ciência rigorosa das práticas não é menos teórica, portanto teórica e praticamente cortada da prática, que a teoria da prática implicitamente envolvida nos modelos objetivistas [...]” (*Esboço*, 2002, p. 137).

“[...] la théorie de la pratique qui apparaît comme la condition d’une science rigoureuse des pratiques n’est pas moins théorique, donc théoriquement et pratiquement coupée de la pratique, que la théorie de la pratique qui est implicitement engagée dans les modèles objetivistes [...]” (*Esquisse*, 2000, p. 225-226).

<sup>96</sup> Em relação à produção do conhecimento científico, Louis Pinto (2000, p. 46) enfatiza: “Descobrir a prática é antes de tudo perder a segurança propiciada pela teoria, ou melhor, é perder a crença na onipotência do capital cognitivo que define o cientista.”

<sup>97</sup> “[...] à porter au jour les schèmes de la pratique scientifique [...]” (*Réponses*, 1992, p. 196).

<sup>98</sup> “Bref, il fallait au moins rappeler que le privilège qui est au principe de toute activité théorique, en tant qu’elle suppose une coupure épistémologique, mais aussi sociale, ne gouverne jamais subtilment cette activité que lorsque, faute de s’apparaître comme tel, il conduit à une théorie implicite de la pratique qui est corrélative de l’oubli des conditions sociales de possibilité de la théorie.” (*Esquisse*, 2000, p. 227).

Ao deixar “às claras” os “pressupostos” que orientam a própria *prática* científica<sup>99</sup> e os *obstáculos epistemológicos* a ela inerentes, a *teoria da prática* possibilita a *vigilância*, no sentido de evitar, o quanto possível, a “invasão” de pré-construções no trabalho de pesquisa que compromete o rigor pretendido. Instituídos pelo *jogo* estabelecido pelo *campo* e pelo *habitus*, esses pressupostos não são plenamente conscientes. A *noção* de *prática*, então, ao remeter às *condições sociais de possibilidade da teoria*, conduz às *noções* de *campo*, *capital* e *habitus*, pois estas se constituem na possibilidade de desvendar as condições sociais que possibilitam a ciência. Entretanto, como ressalta Bourdieu (*Wittgenstein*, 2002, p. 352):

[...] a sociologia não pretende, de forma alguma, explicar a imposição lógica do discurso matemático, mas pode explicar a razão dos limites, neste caso, da explicação sociológica, ou seja, a autonomia do campo no qual se engendra e se exerce esta necessidade)<sup>100</sup>.

A análise sociológica pretende desvelar o modo pelo qual os *limites lógicos tomam a forma de limites sociais*<sup>101</sup>, através de formas específicas de luta no *campo científico*, tornando-se instrumentos, por assim dizer, de regulação do *jogo*.

Bourdieu apresenta a sociologia da ciência como uma perspectiva de análise que permite o reconhecimento tanto da condição sócio-histórica constitutiva do *campo científico*, como das peculiaridades desse *campo*. Afirma que as estruturas cognitivas<sup>102</sup>, ao tempo que

---

<sup>99</sup> “Desse ponto de vista, a teoria da prática poderia ser considerada a expressão teorizada da tentativa de superar a contradição do ‘duplo eu’ dividido entre a teoria e a prática, entre o universo nobre e desrealizante da escola e o universo profano de origem: trata-se de inventar uma forma teórica e expressiva que escape aos efeitos de dominação teórica, pela teoria, de imaginar um discurso sobre a prática, ou melhor, uma prática conservada na teoria, único meio de conferir aos instrumentos fornecidos pela escola usos inéditos e inconcebíveis para a tradição ‘escolástica’.” (PINTO, 2000, p. 52).

<sup>100</sup> “[...] la sociologie ne prétend nullement expliquer la contrainte logique du discours mathématique, mais qu’elle peut expliquer la raison des limites, en ce cas, de l’explication sociologique, c’est-à-dire l’autonomie du champ dans lequel s’engendre et s’exerce cette nécessité.” (*Wittgenstein*, 2002, p. 352).

<sup>101</sup> Cf. *Wittgenstein*, 2002, p. 351.

<sup>102</sup> Reafirmando a importância das análises relativas às estruturas cognitivas e seus condicionamentos sociais, Louis Pinto (2000, p. 48) lembra: “[...] as estruturas cognitivas, longe de serem absolutizadas como transcendentais, devem relacionar-se com as estruturas objetivas ou, se preferirmos, com as oposições constitutivas de uma formação social, visto que resultam de imposições que não se fundam unicamente no ‘entendimento humano’.”

são produto deste *campo* específico são também sua *condição de funcionamento*<sup>103</sup>. Embora a razão seja produto da história, possui uma *relativa autonomia em relação à história*<sup>104</sup>.

Porque instituído por condições sociais específicas, o *código científico* tornou-se condição social dessa *prática* específica, portanto história institucionalizada no *campo* e no *habitus* científicos. Sua perspectiva ocupa-se não somente em remeter, constantemente, a análise do *campo científico* à história, afirmando ser este um *campo social como outro qualquer*, como também às peculiaridades deste *campo*, marcado pela instituição da razão como mecanismo de funcionamento.

---

<sup>103</sup> Cf. *Meditações*, 2001, p. 140. (*Méditations*, 1997, p. 137).

<sup>104</sup> Cf. *Meditações*, 2001, p. 132. (*Méditations*, 1997, p. 130-131).

# CAPÍTULO 2

---

## O JOGO CIENTÍFICO

### 2.1 CIÊNCIA: UM CAMPO DE PRODUÇÃO CULTURAL

Considerando que os *campos de produção cultural* (*campo* religioso, científico, artístico, jurídico, por exemplo)<sup>1</sup> são microcosmos específicos que estão postos em relação ao *campo de poder*<sup>2</sup> ou espaço de luta entre agentes que detêm poder em diferentes *campos*, Bourdieu aponta três dimensões que, ao serem analisadas, permitem compreender a produção

---

<sup>1</sup> Cf. *As regras*, 1996, p. 332. (*Les règles*, 1992, p. 485).

<sup>2</sup> “O campo do poder é o espaço das relações de força entre agentes ou instituições que têm em comum possuir o capital necessário para ocupar posições dominantes nos diferentes campos (econômico ou cultural, especialmente). Ele é lugar de lutas entre detentores de poderes (ou espécies de capital) diferentes que, como as lutas simbólicas entre os artistas e os ‘burgueses’ do século XIX, têm por aposta a transformação ou a conservação do valor relativo das diferentes espécies de capital que determina, ele próprio, a cada momento, as forças suscetíveis de ser lançadas nessas lutas.” (*As regras*, 1996, p. 244).

“Le champ du pouvoir est l’espace des rapports de force entre des agents ou des institutions ayant en commun de posséder le capital nécessaire pour occuper des positions dominantes dans les différents champs (économique ou culturel notamment). Il est le lieu de luttes entre détenteurs de pouvoirs (ou d’espèces de capital) différents qui, comme les luttes symboliques entre les artistes et les ‘bourgeois’ du XIX<sup>e</sup> siècle, ont pour enjeu la transformation ou la conservation de la valeur relative des différentes espèces de capital qui détermine elle-même, à chaque moment, les forces susceptibles d’être engagées dans ces luttes.” (*Les règles*, 1992, p. 353).



cultural: *a posição do campo no seio do campo do poder, a estrutura interna do campo e a gênese dos habitus dos ocupantes*<sup>3</sup>.

Um ponto de grande importância, e que exige situar os *campos* específicos no universo maior, no *campo do poder*, é a *noção de relativa autonomia*. Como *espaços* relativamente autônomos, os *campos* relacionam-se com as pressões externas de diferentes formas e proporções. Estas diferenças são determinadas tanto pelo significado das produções do *campo* para os demais *campos*, como pelo grau de resistência oferecido por cada *campo*. Importa saber a *natureza das coações externas*<sup>4</sup>, como se expressam (se através de créditos, ordens, encargos, contratos etc.)<sup>5</sup> e que *estratégias* os *campos* engendram para se liberarem de tais coações.

A *refração*<sup>6</sup> é o termo utilizado por Bourdieu para referir-se à explicitação de uma das formas de resistência às pressões externas colocada pelos *campos*. Ele afirma que o efeito de *refração* será maior quanto maior for o grau de autonomia. Um *campo* mais autônomo impõe sua lógica específica às referidas pressões, não as respondendo diretamente, nem conformando-se às exigências por elas colocadas.

As exigências são respondidas em graus distintos, sempre sob a mediação da lógica dos *campos* específicos. O grau de *refração* ou das alterações impostas pelas leis internas do *campo* às pressões externas é um dos indicadores mais importantes do poder de cada *campo*, constituindo-se em referência fundamental para a avaliação das respectivas autonomias

---

<sup>3</sup> Mesmo sendo referências vinculadas ao *campo literário* mais diretamente, as análises são relativas a todos os *campos de produção cultural*: “A ciência das obras culturais supõe três operações tão necessárias e necessariamente ligadas quanto os três planos da realidade social que apreendem [...]” (*As regras*, 1996, p. 243). “La science des oeuvres culturelles suppose trois opérations aussi nécessaires et nécessairement liées que les trois niveaux de la réalité sociale qu’elles appréhendent [...]” (*Les règles*, 1992, p. 351).

É importante também destacar a observação explícita que Bourdieu faz no início do segundo capítulo da segunda parte: “O leitor poderá, ao longo de todo este texto, substituir *escritor* por *pintor*, *filósofo*, *cientista* etc., e *literário* por *artístico*, *filosófico*, *científico* etc.” (*As regras*, 1996, p. 243).

“Le lecteur pourra, tout au long de ce texte, remplacer *écrivain* par *peintre*, *philosophe*, *savant*, etc., e *littéraire* par *artistique*, *philosophique*, *scientifique*, etc.” (*Les règles*, 1992, p. 352).

<sup>4</sup> Cf. *Les usages*, 1997, p. 15. (*Los usos*, 2000, p. 75).

<sup>5</sup> Cf. *Les usages*, 1997, p. 15. (*Los usos*, 2000, p. 75).

<sup>6</sup> O termo oriundo da física constitui uma analogia muito interessante, porque se refere ao fenômeno da alteração sofrida por um raio de luz ao penetrar em um meio diferente.

relativas. No caso da ciência, de acordo com Bourdieu, as exigências externas são postas mais freqüentemente por questões políticas e econômicas.

Os *campos* sempre “[...] são atravessados pela necessidade dos campos englobantes, a do lucro, econômico ou político [...]” (*As regras*, p. 246)<sup>7</sup>, ainda que disponham de alto grau de autonomia. Deste modo, tais tensões invadem esses universos específicos, interferindo em suas lutas internas. Disputas estabelecem-se entre os *agentes* que defendem mais veementemente a autonomia e os que são mais “vulneráveis” às sujeições externas, ambas carregadas de possíveis compensações econômicas ou *simbólicas*. Essas diferentes *posições* dentro do *campo*, constituidoras também de *subcampos*<sup>8</sup>, têm maior ou menor força, a depender da *posição* que o *campo* específico ocupe no *campo de poder*. Os resultados dessas disputas podem também implicar em reforço ou arrefecimento da autonomia relativa<sup>9</sup>.

As épocas e as tradições nacionais impõem variações significativas nas autonomias relativas dos *campos*, pois o *capital simbólico* acumulado coletivamente, dependendo de seu peso, pode conferir maior ou menor liberdade em sua relação com o *campo de poder*.

As lutas no *campo* são disputas pelo poder entre os *agentes*; uma de suas expressões mais visíveis é o “conflito de *definição*”<sup>10</sup>. As disputas envolvem as determinações dos limites de um *campo*, ou melhor, os critérios que definem quem são os “produtores” e quais são os

<sup>7</sup> “[...] ils sont traversés par la nécessité des champs englobants, celle du profit, économique ou politique [...]” (*Les règles*, 1992, p. 355).

<sup>8</sup> “O grau de autonomia de um campo de produção cultural revela-se no grau em que o princípio de hierarquização externa aí está subordinado ao princípio de hierarquização interna: quanto maior é a autonomia, mais a relação de forças simbólicas é favorável aos produtores mais independentes da demanda e mais o corte tende a acentuar-se entre os dois pólos do campo, isto é, entre o *subcampo de produção restrita*, onde os produtores têm como clientes apenas os outros produtores, que são também seus concorrentes diretos, e o *subcampo de grande produção*, que se encontra *simbolicamente* excluído e desacreditado.” (*As regras*, 1996, p. 246).

“Le degré d’autonomie d’un champ de production culturelle se révèle dans le degré auquel le principe de hiérarchisation externe y est subordonné au principe de hiérarchisation interne: plus l’autonomie est grande, plus le rapport de forces symbolique est favorable aux producteurs les plus indépendents de la demande et plus la coupure tend à se marquer entre les deux pôles du champ, c’est-à-dire entre le *sous-champ de production restreinte*, où les producteurs n’ont pour clients que les autres producteurs, qui sont aussi leurs concurrents directs, et le *sous-champ de grande production*, qui se trouve *symboliquement* exclu et discrédité.” (*Les règles*, 1992, p. 355-356).

<sup>9</sup> Louis Pinto (2000, p. 82) ressalta que é importante “[...] compreender que a autonomia [de um *campo*] não é uma situação para sempre garantida juridicamente, e sim o resultado de lutas que se inserem na história.”

<sup>10</sup> Cf. *As regras*, 1996, p. 253. (*Les règles*, 1992, p. 365).

produtos. Cada *agente* defende o *ponto de vista* que o referende mais. Tais definições são fundamentais, pois demarcam historicamente a própria “existência” do *campo*, o *ponto de vista fundador*. Por exemplo:

A definição mais estrita e mais restrita do escritor (etc.), que aceitamos hoje como evidente, é o produto de uma longa série de exclusões ou rejeições visando recusar a existência enquanto escritores dignos desse nome a toda espécie de produtores que podiam viver-se como escritores em nome de uma definição mais ampla e mais frouxa da profissão. (*As regras*, 1996, p. 253)<sup>11</sup>.

Neste caso, a propriedade disputada é o que Bourdieu denomina de *poder de consagração*, que regula também o *direito de entrada*, pois seus detentores definem que “produtores” e produtos pertencem ou podem pertencer a um *campo*.

*Jogo* é o termo utilizado por Bourdieu para definir a competição instituída nos *campos* pelo fato dos *agentes*, como os jogadores, compartilharem um *habitus*. Este constitui disposições incorporadas, que permitem tanto o “reconhecimento” comum da *illusio*, que é o interesse no *jogo*, e é preservada por todos, como, ao mesmo tempo, a obediência a “regras”, sem as quais as disputas não poderiam existir. Entretanto, diferentemente dos jogos comuns, no *jogo dos campos*, as “regras” não são voluntárias nem totalmente explícitas<sup>12</sup>.

Há *campos* cuja explicitação das “regras” do jogo é maior; isto revela a presença de um consenso, ainda que mínimo, quanto a estas. O grau de explicitação ou de codificação das “regras” é uma importante propriedade que determina distinções entre os *campos*. Decorre dessa mesma propriedade uma reflexão sobre o grau de exigência para com os *agentes*, em relação à posse do *capital* acumulado pelo *campo*. Em *campos* com menor grau de

---

<sup>11</sup> “La définition la plus stricte et la plus restreinte de l’écrivain (etc.), que nous acceptons aujourd’hui comme allant de soi, est le produit d’une longue série d’exclusions ou d’excommunications visant à refuser l’existence en tant qu’écrivains dignes de ce nom à toutes sortes de producteurs qui pouvaient se vivre comme écrivains au nom d’une définition plus large et plus lâche de la profession.” (*Les règles*, 1992, p. 366).

É importante lembrar que as citações extraídas de *O ponto de vista do autor em As regras da arte*, relativas ao *campo artístico*, são válidas, segundo Bourdieu, para todos os *campos de produção cultural*.

<sup>12</sup> Cf. *Réponses*, 1992, p. 73.

codificação das “regras”, exige-se também menor *capital* dos candidatos ao ingresso. O *campo científico* é um exemplo de alto grau de codificação, o que supõe uma grande exigência em relação à posse de *capital cultural* ou *informacional*.

O conjunto dos processos que acompanham a autonomização do campo científico mantém relações dialéticas: assim, a ampliação contínua do direito de entrada, que a acumulação de recursos específicos implica contribui em troca para a autonomização do campo científico instaurando, indiretamente, um corte social com o mundo profano dos leigos. (*O Campo científico*, 1983, p. 145, nota 36)<sup>13</sup>.

Falar de *campo* impõe explicitar o que Bourdieu denomina *illusio*: “[...] a crença no jogo, o interesse pelo jogo e pelas apostas [...]” (*As regras*, 1996, p. 258)<sup>14</sup>. Cada *campo* tem sua *crença fundamental*, sua *illusio*, que, ao mesmo tempo em que constitui a condição para o seu funcionamento, apresenta-se como produto deste. Esse “acordo secreto” é base das disputas e, assim, do próprio *jogo*.

O uso do termo *illusio*, designando a crença e o interesse que orientam as *práticas*, o conhecimento e reconhecimento das “regras” do *jogo*, é uma das demarcações apresentadas por Bourdieu para “ênfatizar” que a sua concepção não deve ser confundida com a do interesse característico da intencionalidade consciente. Dito de outra forma, a *illusio* supõe uma lei fundamental aceita “[...] na relação conjuntural entre um *habitus* e um campo [...]” (*As regras*, 1996, p. 258)<sup>15</sup>. Essencialmente histórica e social, a *illusio* implica em um jogo de *duplas verdades*<sup>16</sup>.

---

<sup>13</sup> “L’ensemble des processus qui accompagnent l’autonomisation du champ scientifique entretiennent des relations dialectiques: c’est ainsi que l’élévation continue du droit d’entrée qu’implique l’accumulation de ressources spécifiques contribue en retour à l’autonomisation du champ scientifique en instaurant une coupure sociale, d’autant plus radicale qu’elle n’est pas recherchée pour elle-même, avec le monde profane des laïcs.” (*Le champ scientifique*, 1976, p. 99); (*Los usos*, 2000, p. 43, nota 30).

<sup>14</sup> “[...] la croyance dans le jeu, l’intérêt pour le jeu et les enjeux [...]” (*Les règles*, 1992, p. 373).

<sup>15</sup> “[...] dans la relation conjoncturale entre un habitus et un champ [...]” (*Les règles*, 1992, p. 373).

<sup>16</sup> A noção de *duplas verdades* será aprofundada adiante.

Da reflexão sobre a *illusio* decorre a compreensão da produção do *valor*. O *valor* das obras é produzido pelas crenças que são a base do *jogo*; portanto é o *campo* que produz *valor*. Tomando as palavras de Bourdieu (*As regras*, 1996, p. 259): “O produtor do *valor da obra de arte* não é o artista, mas o campo de produção enquanto universo de crença que produz o valor da obra de arte como *fetiche* ao produzir a crença no poder criador do artista.”<sup>17</sup>.

De maneira equivalente ao *campo* artístico, no *campo científico* essa afirmação traz muitas implicações; em última instância, as implicações já anunciadas no primeiro capítulo relativas ao fato da ciência ser eminentemente histórica e social.

O reconhecimento social da obra é que atribui *valor* à obra; e o *campo* é a possibilidade histórica e socialmente configurada para constituir as possibilidades desse reconhecimento. Consequentemente, entender uma obra, e mais especificamente o seu *valor*, é compreender a rede de relações estabelecida para que esta obra “exista” como tal, o que ultrapassa, por assim dizer, o universo dos “produtores” diretos, por exemplo artistas, escritores e cientistas. Sendo assim, o *campo* define o *nomos*, *princípio de visão e de divisão legítima*<sup>18</sup> ou sistema de classificações legítimo, critério mesmo de demarcação entre o que pode e o que não pode ser reconhecido como obra ou como “criador”. Ao reconhecer o *campo* como o verdadeiro criador, Bourdieu reconhece que o fato dos *agentes* serem “apresentados” como criadores é um *fetiche* conveniente e necessário ao *jogo*<sup>19</sup>.

É importante frisar que a afirmação de que o verdadeiro “sujeito” criador da obra nos *campos de produção cultural* é o *campo* e não os *agentes* não constitui, para Bourdieu, uma contradição em relação ao reconhecimento das “[...] capacidades “criadoras”, activas, inventivas, do *habitus* e do agente [...]” (*O poder*, 1989, p. 61).

---

<sup>17</sup> “Le producteur de la *valeur de l’oeuvre d’art* n’est pas l’artiste mais le champ de production en tant qu’univers de croyance qui produit la valeur de l’oeuvre d’art *comme fétiche* en produisant la croyance dans le pouvoir créateur de l’artiste.” (*Les règles*, 1992, p. 375).

<sup>18</sup> Cf. *As regras*, 1996, p. 260. (*Les règles*, 1992, p. 377).

<sup>19</sup> Cf. *As regras*, 1996, p. 261. (*Les règles*, 1992, p. 378).

A noção de *habitus*, já apresentada, fundamenta uma leitura que, em sua recusa à oposição indivíduo/sociedade, permite, segundo Bourdieu (*O poder*, 1989, p. 62): “[...] sair da filosofia da consciência sem anular o agente na sua verdade de operador prático de construção de objecto.”

O *habitus* é expressão do corpo socializado<sup>20</sup>, história das relações objetivas incorporadas que “confere” o *sentido das práticas* ou ações dos *agentes*, “[...] sentido do jogo que não tem necessidade de raciocinar para se orientar e se situar de maneira racional [...]” (*O poder*, 1989, p. 62). Ao permitir o reconhecimento *prático do jogo*, o *habitus* permite a identificação do *espaço de possíveis*, do *espaço* relativamente autônomo das *tomadas de posição* dos *agentes*.

Esta perspectiva, “[...] que tem como ponto central a relação, de mão dupla, entre as estruturas objetivas (dos campos sociais) e as estruturas incorporadas (do *habitus*) [...]” (*Razões*, 1996, p. 10)<sup>21</sup> define os *campos* e seus *jogos* como condições sem as quais não existiriam as produções culturais, mas nas quais os *agentes* podem “criar”.

A dinâmica do *jogo* ou as mudanças sucessivas na configuração do *campo* é analisada a partir da *construção* da rede de relações objetivas, que são as relações entre as *posições* ocupadas. *Estrutura* e história não são perspectivas antagônicas<sup>22</sup>, mas “coexistentes”, já que a *teoria dos campos* supõe que:

Essa estrutura não é imutável e a topologia que descreve um estado de posições sociais permite fundar uma análise dinâmica da conservação e da transformação da estrutura da distribuição das propriedades ativas e, assim, do espaço social. É isso que acredito expressar quando descrevo o espaço social global como um *campo* [...] como um campo de lutas, no interior do qual os agentes se enfrentam, com meios e fins diferenciados conforme sua posição na estrutura do campo de forças,

---

<sup>20</sup> Cf. *O poder*, 1989, p. 62.

<sup>21</sup> “[...] qui a pour dé de voûte la relation à double sens entre les structures objectives (celles des champs sociaux) et les structures incorporées (celles de l’*habitus*) [...]” (*Raison*, 1994, p. 9).

<sup>22</sup> Cf. *As regras*, 1996, p. 234. (*Les règles*, 1992, p. 339) ou *Réponses*, 1992, p. 67.

contribuindo assim para a conservação ou transformação de sua estrutura. (*Razões*, 1996, p. 50)<sup>23</sup>.

Tendo como pressuposto que uma *posição* é definida pela posse de *capital*, a cada *posição* corresponde um *espaço de possíveis*. A quantidade e qualidade do *capital* possuído e o *espaço social* e temporal no qual estão inseridos constituem as condições que os *agentes* detêm para lutar pelo *capital* em um *campo*.

É importante lembrar que as *estratégias*, as “escolhas” feitas pelos *agentes*, ainda que semelhantes (entre *agentes* ou dos mesmos *agentes* em tempos diferentes), têm significados sociais distintos, a depender da configuração do *campo*, porque qualquer alteração de *posições* define a modificação do *espaço de possíveis*.

A demarcação das diferenças, muitas vezes manifestada pela ruptura com a tradição estabelecida no *campo*, também explica que os produtores de vanguarda só podem assim se colocar porque estão postos nas disputas com o que os instituiu; ou seja, o passado do *campo*.

Neste sentido:

É a própria lógica do campo que tende a selecionar e a consagrar todas as rupturas legítimas com a história objetivada na estrutura do campo, isto é, aquelas que são o produto de uma disposição formada pela história do campo e informada dessa história, portanto, inscrita na continuidade do campo. (*As regras*, 1996, p. 274)<sup>24</sup>.

Há diferenças significativas entre os *sub-campos de produção restrita* e os *sub-campos de grande produção*<sup>25</sup>. Os *sub-campos de produção restrita* caracterizam-se pelo fato

<sup>23</sup> “Cette structure n’est pas immuable, et la topologie qui décrit un état des positions sociales permet de fonder une analyse dynamique de la conservation et de la transformation de la structure de la distribution des propriétés agissantes et, par là, de l’espace social. C’est ce que j’entends signifier lorsque je décris l’espace social global comme un *champ* [...] comme un champ de luttes à l’intérieur duquel les agents s’affrontent, avec des moyens et des fins différenciés selon leur position dans la structure du champ de forces, contribuant ainsi à en conserver ou à en transformer la structure.” (*Raisons*, 1994, p. 54-55).

<sup>24</sup> “C’est la logique même du champ qui tend à sélectionner et à consacrer toutes les ruptures légitimes avec l’histoire objectivée dans la structure du champ, c’est-à-dire celles qui sont le produit d’une disposition formée par l’histoire du champ et informée de cette histoire, donc inscrite dans la continuité du champ.” (*Les règles*, 1992, p. 399).

<sup>25</sup> Cf. *As regras*, 1996, p. 246. (*Les règles*, 1992, p. 356).

de que “[...] os produtores têm como clientes apenas os outros produtores.” (*As regras*, 1996, p. 246)<sup>26</sup>. Já os *sub-campos de grande produção*, pautam-se no

[...] critério do *êxito temporal* medido por índices de sucesso comercial (tais como a tiragem dos livros, o número de representações das peças de teatro etc.) ou notoriedade social (como as condecorações, os cargos etc.), a primazia cabe aos artistas (etc.) conhecidos e reconhecidos pelo “grande público.” (*As regras*, 1996, p. 246-247)<sup>27</sup>.

Portanto, no caso dos *sub-campos de grande produção*, os critérios externos “invadem” a lógica das lutas entre os *agentes*.

O avanço do processo de autonomização dos *campos* e um maior fechamento neles próprios têm como consequência um grau elevado de codificação ou uma maior explicitação das aquisições históricas, que impõe condições específicas aos novatos ou pretendentes ou seja, mais exigências em relação ao *direito de entrada*.

## CIÊNCIA: UM CAMPO DE TROCAS DE BENS SIMBÓLICOS

A reflexão de Bourdieu sobre os universos onde existe a “negação” do interesse econômico elucidada uma das bases de compreensão do mundo científico, este constituído como um mercado específico.

---

<sup>26</sup> “[...] les producteurs n’ont pour clients que les autres producteurs [...]” (*Les règles*, 1992, p. 356).

<sup>27</sup> “[...] critère de la *réussite temporelle* mesurée à des indices de succès commercial (tels que le tirage des livres, le nombre de représentations des pièces de théâtre, etc.) ou de notoriété sociale (comme les décorations, les charges, etc.), la primauté revient aux artistes (etc.) connus et reconnus par le ‘grand public’.” (*Les règles*, 1992, p. 356).



Introduzida por uma “contradição” – “[...] *falar do preço de coisas sem preço* [...]” (Razões, 1996, p. 169)<sup>28</sup> –, a análise sobre os *mercados dos bens simbólicos* recoloca essa “dualidade” e assume a existência de uma lógica econômica, ao mesmo tempo que admite a existência da sua negação. A ambigüidade das *práticas* é constitutiva e constituidora desses *mercados* e, neste sentido, são *mercados* que instituíram uma *dupla verdade*.

O que permite admitir essa *dupla verdade* é tomar como pressuposto que há uma produção coletiva de crenças que são incorporadas em um processo de socialização comum, como já foi dito anteriormente, condição imprescindível às ações, que suprime, por assim dizer, a necessidade da consciência das trocas ao tempo que as supõe. A história incorporada, o *habitus*, é um *capital* que possibilita aos agentes disporem das mesmas estruturas de percepção e de avaliação dos *bens simbólicos* de um universo social. Portanto a produção e reprodução da crença coletiva são produtos e produtoras do *campo* de uma *estrutura social*, onde os *agentes* são capazes de jogar de acordo com as “regras” desse *jogo*, ainda que sem a intenção de fazê-lo.

Para deixar mais evidenciadas as características dos *mercados de bens simbólicos*, Bourdieu apresenta como uma das suas propriedades o que denomina de *tabu da explicitação*; ou melhor, o *jogo* não admite a possibilidade de que o interesse econômico, em um sentido amplo, seja explicitado. Na *economia dos bens simbólicos*

[...] ou deixamos o interesse econômico em estado implícito, ou, se o anunciamos, é através de eufemismos, isto é, em uma linguagem de recusa. O eufemismo é o que nos permite dizer tudo, dizendo que não o dizemos; o que permite nomear o inominável, isto é, em uma economia de bens simbólicos, o econômico, no sentido usual do termo, a dádiva retribuída. (Razões, 1996, p. 171)<sup>29</sup>.

---

<sup>28</sup> “[...] parler de prix des choses sans prix [...]” (Raisons, 1994, p. 181).

<sup>29</sup> “[...] ou bien on laisse l’intérêt économique à l’état implicite, ou bien, si on l’énonce, c’est par des euphémismes, c’est-à-dire dans un langage de dénégation. L’euphémisme est ce qui permet de dire tout en disant qu’on ne dit pas; ce qui permet de nommer l’innommable, c’est-à-dire, dans une économie des biens symboliques, l’économique, au sens ordinaire du terme, le donnant-donnant.” (Raisons, 1994, p. 182).

Sendo assim, a linguagem é uma dimensão essencial dos automatismos do *habitus*, dimensão inscrita na reprodução da *dupla verdade*.

Nesta perspectiva, a *noção* de *dupla verdade* é muito útil para sair de oposições que dificultam as análises. No caso da ciência, uma das oposições foi estabelecida pela divisão entre a “história das idéias” e a “história social”<sup>30</sup>. Bourdieu critica a incapacidade das referidas leituras que, historicamente, não conseguem desvencilhar-se das visões de ciência pura nem tão pouco das que reduzem a ciência à economia puramente econômica.

Ele afirma que é preciso não opor, de um lado, o que a própria ciência assume como verdade (a objetividade, a originalidade, a utilidade e suas normas, o universalismo, o comunismo intelectual, o desinteresse e o ceticismo) e, de outro, todas as propriedades de um *jogo social* com suas *estruturas* e lutas<sup>31</sup>.

Para Bourdieu, não há incompatibilidade em admitir essa *dupla verdade*, mesmo porque constituidora desses universos. Neste sentido, ele ressalta:

Lembrar a dimensão social das estratégias científicas não é reduzir as demonstrações científicas a simples exibicionismos retóricos; invocar o papel do capital simbólico como arma e alvo de lutas científicas não é transformar a busca do ganho simbólico na finalidade ou na razão de ser únicas das condutas científicas [...] (*Razões*, 1996, p. 86)<sup>32</sup>.

Para reconhecer essa *dupla verdade* faz-se necessário operar a *dupla ruptura*. O *campo científico* é tanto um mundo social como um mundo especial. Consequentemente, para Bourdieu, as análises devem *construir* outras perguntas. Por exemplo: Quais as propriedades comuns e as distintas desse universo? Quais as disposições do *habitus científico*?

---

<sup>30</sup> Cf. *Razões*, 1996, p. 85. (*Raisons*, 1994, p. 93).

<sup>31</sup> Cf. *Razões*, 1996, p. 84-85. (*Raisons*, 1994, p. 92-93).

<sup>32</sup> “Rappeler la dimension sociale des stratégies scientifiques, ce n’est pas réduire les démonstrations scientifiques à de simples exhibitions rhétoriques; invoquer le rôle du capital symbolique comme arme et enjeu des luttes scientifiques, ce n’est pas faire de la poursuite du profit symbolique la fin ou la raison d’être exclusives des conduites scientifiques [...]” (*Raisons*, 1994, p. 94).

### 2.3 CIÊNCIA: HISTÓRIA E LÓGICA ESCOLÁSTICA

O termo *escolástica* designa, na obra de Bourdieu, o pensamento que tem na escola um exemplo de institucionalização da *skholè*<sup>33</sup>. A escola é, pois: “[...] a primeira e a mais determinante de todas as condições sociais de possibilidade do pensamento “puro” [...] (*Meditações*, p. 22)<sup>34</sup>. A *skholè* é a condição do exercício escolar<sup>35</sup>.

De acordo com Bourdieu, a *lógica escolástica* engendrou historicamente algumas das características fundamentais do *campo científico*. Deste modo, a análise dos “princípios” *escolásticos* é necessária à compreensão das especificidades desse *campo*, da sua *illusio*.

O *campo científico* é reconhecido como um *campo escolástico*. Os *campos escolásticos*, ao se estabelecerem como *campos de produção simbólica* distintos do universo econômico, constituem-se em *espaços sociais* específicos, cujo *jogo* de forças também possui “regras” e princípios próprios. Perpetuando as condutas instituídas na escola, os *campos escolásticos* seguem entendendo suas práticas sob a forma de “jogos sérios” e “exercícios gratuitos”<sup>36</sup>.

O que caracteriza mais genericamente os *campos escolásticos* é o fato de terem se estabelecido historicamente como se estivessem em um *tempo livre e liberado de urgências do mundo*<sup>37</sup>. Por suporem estar fora do mundo, “reconhecem-se” capazes de estar além dos conflitos e imposições deste. Este afastamento, que para Bourdieu é uma ilusão<sup>38</sup>, conformou-se como uma estratégia de afirmação de uma falsa autonomia absoluta que se expressa em

---

<sup>33</sup> Cf. *Meditações*, 2001, p. 23. (*Méditations*, 1997, p. 25).

<sup>34</sup> “[...] première et la plus déterminante de toutes les conditions sociales de possibilité de la pensée ‘pure’ [...]” (*Méditations*, p. 24) ou Cf. *As regras*, 1996, p. 340-341. (*Les règles*, 1992, p. 498-499).

<sup>35</sup> Cf. *Meditações*, 2001, p. 23. (*Méditations*, 1997, p. 25).

<sup>36</sup> Cf. *Meditações*, 2001, p. 28. (*Méditations*, 1997, p. 29).

<sup>37</sup> Cf. *Meditações*, 2001, p. 9. (*Méditations*, 1997, p. 9).

<sup>38</sup> A ilusão, de acordo com a noção de *dupla verdade*, é a expressão do *recalque* das condições sociais específicas que garantem um tempo livre, o *ócio produtivo*.

diversas características específicas, engendrando *erros* tanto em suas auto-imagens como em seus produtos.

Ao negar o pertencimento ao mundo, os *campos escolásticos* vivem “[...] as revoluções na ordem das palavras como se fossem revoluções na ordem das coisas.” (*Meditações*, p. 11)<sup>39</sup>. Em medidas diferentes, a depender do grau de autonomia de cada *campo*, as estruturas cognitivas, apresentadas por Bourdieu como produto da história, constituem-se em meio à *doxa* de um *campo*; ou seja, entre os fundamentos que são *crenças coletivas* ou ainda:

O campo de discussão que a ortodoxia e a heterodoxia desenham, através de suas lutas, se recorta sobre o fundo do campo da *doxa*, conjunto de pressupostos que os antagonistas admitem como sendo evidentes, aquém de qualquer discussão, porque constituem a condição tácita da discussão [...] (*O campo científico*, 1983, p. 145)<sup>40</sup>.

A *doxa* é de natureza arbitrária e identificada como a negação da busca da verdade, portanto princípios não colocados sob questionamento. Em *campos* mais autônomos, tal imposição, ou melhor o caráter arbitrário, deve ser o menor possível.

É fundamental salientar as sutilezas desta reflexão. A *doxa* é imposta historicamente pelos *agentes* dominantes de um *campo* e por interferências externas. Porém, admitir que os *campos*, ao avançarem em sua autonomia, reduzem a *doxa*, significa dizer que estes devem se tornar capazes de colocar os seus princípios no lugar do pensado, do discutido.

Essa possibilidade de autonomia elevada é colocada claramente por Bourdieu como perspectiva a ser alcançada, prioritariamente, pelo *campo científico*. As “regras” do *jogo científico* devem supor submeter permanentemente os princípios desse *jogo* ao campo do

<sup>39</sup> “[...] les révolutions dans l’ordre des mots comme des révolutions radicales dans l’ordre des choses.” (*Méditations*, 1997, p. 10).

<sup>40</sup> “Le champ de discussion que dessinent, par leurs lutttes, l’orthodoxie et l’hétérodoxie se découpe sur le fond du champ de la *doxa*, ensemble des présupposés que les antagonistes admettent comme allant de soi, en deçà de toute discussion, parce qu’ils constituent la condition tacite de la discussion [...]” (*Le champ scientifique*, 1976, p. 100).

pensado, garantindo que o arbitrário seja reduzido, admitindo que “[...] os mecanismos sociais realizariam a imposição necessária das normas universais da razão.” (*O campo científico*, 1983, p. 146)<sup>41</sup>. Ou seja: “Trata-se apenas de tentar determinar se (e em que) ela afeta o pensamento que ela própria torna possível e, daí, a forma e o conteúdo próprios do que pensamos.” (*Meditações*, 2001, p. 61)<sup>42</sup>.

Nos *campos escolásticos*, as estruturas cognitivas, como produto e condição de funcionamento, ao tempo que carregam o arbitrário ou a *doxa* em seus princípios, também a incorporam às *práticas* e, como em um ciclo, à compreensão dessas *práticas* ou à “*teoria prática*”<sup>43</sup>, termo utilizado por Bourdieu em oposição à *teoria científica*<sup>44</sup>.

A tarefa de colocar no lugar do pensado a *doxa* e a *prática* a esta engendrada é destinada à sociologia, ciência capaz de realizar, de *dentro da própria escolástica* – respeitando as exigências do *jogo científico* –, a *objetivação* que permita submeter a *prática científica* às análises necessárias para que se possa avançar na *ruptura* com a *doxa* e, conseqüentemente, manter sob a *vigilância* possível o risco da *adesão pré-reflexiva à ordem estabelecida*<sup>45</sup>.

Em lugar de retomar por sua conta a lógica prática, isso significa que a ciência deve ter como finalidade reconstruir teoricamente essa lógica incluindo na teoria a distância entre a lógica prática e a lógica teórica, ou mesmo entre uma ‘teoria prática’ [...] e uma teoria científica. Tal ocorre por um esforço constante de reflexividade, único meio, *ele também escolástico*, de lutar contra as inclinações escolásticas. (*Meditações*, 2001, p. 64-65)<sup>46</sup>.

---

<sup>41</sup> “[...] les mécanismes sociaux réaliseraient l’imposition nécessaire des normes universelles de la raison.” (*Le champ scientifique*, 1976, p. 100).

<sup>42</sup> “Il s’agit seulement d’essayer de déterminer si et en quoi elle affecte la pensée qu’elle rend possible et, par là, la forme et le contenu mêmes de ce que nous pensons.” (*Méditations*, 1997, p. 63).

<sup>43</sup> Cf. *Meditações*, 2001, p. 65. (*Méditations*, 1997, p. 66).

<sup>44</sup> Cf. *Meditações*, 2001, p. 65. (*Méditations*, 1997, p. 66).

<sup>45</sup> Cf. *O campo científico*, 1983, p. 145, nota 38. (*Le champ scientifique*, 1976, p. 100, nota 32).

<sup>46</sup> “Ce qui signifie clairement que la science doit se donner pour fin non de reprendre à son compte la logique pratique, mais de reconstruire théoriquement cette logique en incluant dans la théorie la distance entre la logique pratique et la logique théorique, ou même entre une ‘théorie pratique’ [...] et une théorie scientifique. Cela par un effort constant de réflexivité, seul moyen, *lui aussi scolastique*, de lutter contre les inclinations scolastiques.” (*Méditations*, 1997, p. 66).

A “teoria prática” é “denunciada” como um “equivoco”, por ser uma reprodução de princípios marcados pela *doxa*, que não revela ou expressa a *prática* tal como ela é. As *práticas* inclusas no *jogo* de forças respondem à sua sobrevivência, por assim dizer, no mesmo sentido que o discurso *escolástico*, o que, no caso do *campo científico*, conforma *um sentido prático da orientação teórica*<sup>47</sup>, o sentido da sobrevivência.

Caracterizados pelo *etnocentrismo*, os *campos escolásticos* tendem a fazer esquecer, a *anular a especificidade da lógica prática*<sup>48</sup>. Vale ressaltar que a *lógica prática* sobrepõe-se aos discursos, já que também posta no campo da *doxa*; ou seja, não de fato submetida à *reflexividade*, ao pensado, e, portanto, não pensada no *jogo* de forças do *campo*. Como consequência, o mundo, produto da *prática*, é “ditado” pelo universo *escolástico* como se dele não fizesse parte. A tradição *escolástica* age com um poder em parte auto-atribuído e por ela considerado universal. Uma *prática* que se coloca fora da história para pensar a história.

Para Bourdieu, esse “descolamento” é responsável por engendrar *erros* no fazer científico, na medida em que não é reconhecido como pertencente ao *jogo*, às lutas. Tais posições e condutas são *estratégias*. Sobre a distância entre a *prática* e o discurso sobre a *prática*, ele afirma:

O esquecimento dessa transmutação inevitável e da fronteira por ela instituída entre o “mundo em que se pensa” e o “mundo em que se vive” é tão natural, tão profundamente consubstancial ao pensamento pensante, a ponto de tornar pouco provável que alguém, imerso no “jogo de linguagem” escolástico, possa vir a lembrar que o próprio fato do pensamento e do discurso sobre a prática possa dela nos separar. (*Meditações*, 2001, p. 64)<sup>49</sup>.

---

<sup>47</sup> Cf. *Meditações*, 2001, p. 62 et seq. (*Méditations*, 1997, p. 64 et seq.).

<sup>48</sup> Cf. *Meditações*, 2001, p. 63 (*Méditations*, 1997, p. 65).

<sup>49</sup> “L’oubli de cette transmutation inévitable, et de la frontière qu’elle institue entre le ‘monde où l’on pense’ e ‘le monde où l’on vit’, est si naturel, si profondément consubstantiel à la pensée pensante, qu’il est très peu probable que quelqu’un qui est immergé dans le ‘jeu de langage’ scolastique puisse venir rappeler que le fait même de la pensée et du discours sur la pratique nous sépare de la pratique.” (*Méditations*, 1997, p. 66).

As análises de Bourdieu partem do pressuposto que o discurso sobre a *prática* estabelece uma distância em relação à *prática*. O que se diz sobre o que se faz distorce a compreensão do que se faz. Então, o primeiro passo para se superar as distorções seria compreender esse discurso, no caso, o discurso *escolástico*, articulando as condições para o desvelamento das *práticas científicas*. A reflexão deve se referir, concomitantemente, à natureza e às condições sócio-históricas do pensamento, aos seus limites e potencialidades, bem como às *condições de seu exercício*.

Outra sutileza: o discurso *escolástico* de distanciamento do mundo, como já foi colocado, na verdade é reconhecido por Bourdieu como *estratégia* diante do mundo. Este mundo, que na concepção *escolástica* não interfere nos *campos*, “exigiu” a afirmação desse distanciamento para que os *campos escolásticos* se estabelecessem. De acordo com essa perspectiva, ao referir-se à constituição desses *campos*, ele afirma: “[...] mitos e ritos se transformam aí em atos práticos de crença que obedecem a uma lógica prática [...]” (*Meditações*, 2001, p. 29)<sup>50</sup>.

As estruturas cognitivas, ao mesmo tempo teóricas e *práticas*, são como um “[...] sistema de coordenadas que é preciso ter em mente [...]” (*Razões*, 1996, p. 53)<sup>51</sup>. Ao imporem condições, constituem também o *espaço de possíveis*. Tal *espaço* é histórico, porque temporal e, portanto, dentro da história, nos termos colocados. As *práticas* específicas que aparecem como escolhas

[...] nunca são totalmente independentes da mecânica do campo, portanto também da história da qual este é o desfecho e que permanece inscrita nas suas estruturas objetivas e, através delas, nas estruturas cognitivas, os princípios de visão e de divisão, os conceitos, as teorias, os métodos aplicados, nunca totalmente independentes da posição que o “sujeito” ocupa neste campo [...] (*Meditações*, 1998, p. 104)<sup>52</sup>.

<sup>50</sup> “[...] les mythes et les rites s’y transforment d’actes pratiques de croyance obéissant à une logique pratique [...]” (*Méditations*, 1997, p. 23).

<sup>51</sup> “[...] un système de coordonnées qu’il faut avoir en tête [...]” (*Raisons*, 1994, p. 61).

<sup>52</sup> “[...] ne sont jamais totalement indépendants de la mécanique du champ, donc de l’histoire dont il est l’aboutissement et qui reste inscrite dans ses structures objectives et, à travers elles, dans les structures cognitives, les principes de vision et de division, les concepts, les théories, les méthodes mis en oeuvre, jamais totalement indépendants de la position qu’il occupe dans ce champ [...]” (*Méditations*, 1997, p. 143).

As condições explicitadas acima supõem a *noção* de *campo*, tanto na afirmação do surgimento de *espaços sociais* específicos, como no estabelecimento e lógica de suas relações internas. A imposição desta *noção* como imprescindível às análises da produção cultural é defendida por Bourdieu em contraposição às perspectivas *internalista e externalista*<sup>53</sup>, como apresentado anteriormente.

A recusa às análises *internalistas* supõe toda a argumentação crítica à visão *escolástica* que, de formas diversas, persiste na negação das determinações sócio-históricas às quais a produção cultural está sujeita. Quanto às análises *externalistas*, Bourdieu as acusa de “desconhecerem” as estruturas específicas, leis e interesses que conformam o que ele considera como condições objetivas nas quais “nascem” as produções culturais, pois, repetindo, estas são produtos de elaborações de especialistas, por exemplo, artistas, juristas ou cientistas. A produção cultural supõe *espaços sociais* específicos, que constituem um *jogo* de forças que inclui interesses e conflitos, como todos os *espaços sociais*.

Atenta às preocupações e demarcações apontadas por *internalistas e externalistas*, a perspectiva dos *campos* “responde”, inclusive, à própria existência de divergências dessa natureza. Os *campos* constituem-se como espaços de relações, de lutas, e as diversas tendências só ganham expressão pelas diferenças que as contrapõem. São oposições entre as diversas posições em um *campo* que definem as “oposições”. Somente “existe” a *heresia* porque há a *ortodoxia*, e esta “oposição”, pertinente ao *campo religioso*, aqui tomado como exemplo, expressa a luta entre as *posições* nesse *campo*.

---

<sup>53</sup> Como *internalistas*, Bourdieu identifica, por exemplo, T. S. Eliot e Paul Valéry no campo literário; a teoria neo-kantiana das formas simbólicas; a hermenêutica estruturalista de Saussure; e ainda Michel Foucault e os formalistas russos. Ver *Razões*, 1996, p. 55. (*Raisons*, 1994, p. 62-63). Quanto aos *externalistas*, ele afirma: “[...] os estudos mais típicos do modo de análise externa são as pesquisas de inspiração marxista que, em autores tão diferentes como Lukacs, Goldmann, Borkenau (tratando da gênese do pensamento mecanicista), Antal (tratando da pintura florentina) ou Adorno (tratando de Heidegger) [...]” (*Razões*, 1996, p. 59). “[...] les études les plus typiques dum ode d’analyse externe sont les recherches d’inspiration marxiste qui, avec des auteurs aussi différents que Luckacs ou Goldmann, Borkenau (à propos de la genèse de la pensée mécanistes), Antal (à propos de la peinture florentine), ou Adorno (à propos de Heidegger) [...]” (*Raisons*, 1994, p. 67).



A necessidade dessa análise sociológica para a reflexão epistemológica abrange todas as disciplinas, inclusive as das ciências da natureza<sup>54</sup>, sem desprezo das especificidades, já que a perspectiva colocada compreende a ciência como *campo de produção cultural*.

A sociologia da ciência repousa no postulado de que a verdade do produto – mesmo em se tratando desse produto particular que é a verdade científica – reside numa espécie particular de condições sociais de produção; isto é, mais precisamente, num estado determinado da estrutura e do funcionamento do campo científico. (*O Campo científico*, 1983, p. 122)<sup>55</sup>.

As obras ou produções dos *campos culturais* (a arte, a literatura, a ciência, por exemplo), bem como as respectivas *práticas*, são produtos das relações sociais e históricas objetivadas nos corpos (*habitus*) e nos espaços sociais, ao tempo que também produtoras das mesmas relações. Em outras palavras, a ciência, a arte, a literatura têm suas possibilidades e impossibilidades determinadas pelas relações entre cada *espaço de posições* específico e as histórias individual e coletiva incorporadas pelos *agentes*.

Tais afirmações supõem a análise sociológica, não apenas como instrumento valioso da *vigilância epistemológica* na *prática científica*, mas como pressuposto para a compreensão da ciência. Isto é, a sociologia da ciência é apresentada como um produto da *prática científica* de uma disciplina, que se torna crucial para desvelar a própria *prática científica*, inscrevendo-se, assim, na polêmica epistemológica.

## 2.4 AS ESPECIFICIDADES DO CAPITAL CIENTÍFICO

---

<sup>54</sup> Bourdieu privilegia as análises sociológicas da sociologia, dentre outras razões, porque esta é instrumento de *objetivação* para outras ciências, para que os sociólogos estejam “[...] em condição de aplicar à sua própria prática as técnicas de objetivação que eles aplicam às outras ciências [...]” (*Science*, 2001, p. 174).

“[...] en mesure d’appliquer à leur propre pratique les techniques d’objectivation qu’ils appliquent aux autres sciences [...]” (*Science*, 2001, p. 174).

<sup>55</sup> “La sociologie de la science repose sur le postulat que la vérité du produit, - s’agirait-il de ce produit très particulier qu’est la vérité scientifique -, réside dans une espèce particulière de conditions sociales de production; c’est-à-dire, plus précisément, dans un état déterminé de la structure et du fonctionnement du champ scientifique.” (*Le champ*, 1976, p. 89).

Tendo como referência as *noções* de *campo*, *habitus*, *capital* e *prática*, Bourdieu sistematiza as considerações sobre em que consiste o fazer científico a partir das análises acerca do *campo científico*.

É porque me pareceu particularmente necessário submeter a ciência a uma análise histórica e sociológica que não vise exclusivamente relativizar o conhecimento científico associando-o e reduzindo-o a suas condições históricas, portanto a circunstâncias situadas e datadas, mas que pretende, ao contrário, permitir àqueles que fazem ciência de melhor compreender os mecanismos sociais que orientam a prática científica e de se tornar assim “mestres e possuidores” não somente da “natureza”, segundo a velha ambição cartesiana, mas também, e isto não é sem dúvida menos difícil, do mundo social no qual se produz o conhecimento da natureza. (*Science*, 2001, p. 8)<sup>56</sup>.

Sendo o *campo científico* um *campo* social como outro qualquer, é marcado por lutas, relações de força, estratégias, interesses e lucro<sup>57</sup>. Porém, traços comuns a todos os *campos* são *revestidos de formas específicas*. O que interessa é conhecer as formas específicas em que se dá o *jogo científico*. Só o desvelamento do *campo científico* irá fornecer a possibilidade de explicitar as condições sociais relativas ao fazer científico.

A preocupação volta-se, então, para identificar as características particulares desse universo, visando esclarecer como as *leis gerais dos campos* especificam-se no caso do *campo científico*. Estas leis referem-se às condições sociais para o aparecimento do que é reconhecido como produto científico; ou melhor, as condições que constituem o *jogo* do qual fazem parte a concorrência entre os produtores e a inclusão ou eliminação dos novos integrantes.

---

<sup>56</sup> “C’est pourquoi il m’a paru particulièrement nécessaire de soumettre la science à une analyse historique et sociologique qui ne vise nullement à relativiser la connaissance scientifique en la rapportant et en la réduisant à ses conditions historiques, donc à des circonstances situées et datées, mais qui entend, tout au contraire, permettre à ceux que font la science de mieux comprendre les mécanismes sociaux qui orientent la pratique scientifique et de se rendre ainsi ‘maîtres e possesseurs’ non seulement de la ‘nature’, selon la vieille ambition cartésienne, mais aussi, et ce n’est sans doute pas moins difficile, du monde social dans lequel se produit la connaissance de la nature.” (*Science*, 2001, p. 8).

<sup>57</sup> Cf. *O campo científico*, 1983, p. 122. (*Le champ scientifique*, 1976, p. 89).

Como já explicitado anteriormente, os *campos* são *espaços sociais* constituídos de condições particulares relativas às diversas produções culturais. Para pensar um *campo* faz-se necessário pensar a *estrutura* de relações entre seus *agentes*, e esta *estrutura* é a configuração da distribuição do *capital*.

Os diferentes tipos de *capital* (econômico, *cultural*, *social* e *simbólico*)<sup>58</sup> estão postos hierarquicamente, de formas diversas, a depender do *campo* e das configurações sucessivas de um mesmo *campo*, pois, de acordo com Bourdieu (*Réponses*, 1992, p. 77): “[...] um capital só existe e funciona em relação com um campo [...]”<sup>59</sup>. Mais precisamente, as espécies fundamentais de *capital* são o econômico, o *cultural* e o *social*, sendo o *capital simbólico* “[...] a forma que uma ou outra destas espécies reveste-se quando é percebida através das categorias de percepção que reconhecem a lógica específica ou, se preferirem, que desconhecem o arbitrário de sua posse e de sua acumulação.” (*Réponses*, 1992, p. 94)<sup>60</sup>.

O *capital social* consiste na rede de relações que o *agente* dispõe, que está ou pode ser mobilizada e permite reunir poderes e diferentes *capitais*, como o político ou o econômico. Essas redes de relações têm como características serem duradouras e disponíveis para utilização, no sentido em que os *agentes* podem ter acesso ao seu *capital* coletivo. Pela posse de *capital social*, os *agentes* podem obter lucros muito maiores em relação a outros que têm *capital cultural* e econômico equivalentes.

A noção de *capital cultural* é genérica, e Bourdieu afirma que gostaria de denominá-lo *capital informacional*. O *capital cultural* “[...] existe ele mesmo, sob três formas, no estado incorporado, objetivado e institucionalizado.” (*Réponses*, 1992, p. 95)<sup>61</sup>.

---

<sup>58</sup> Cf. *Réponses*, 1992, p. 74.

<sup>59</sup> “[...] un capital n'existe et ne fonctionne qu'en relation avec un champ [...]” (*Réponses*, 1992, p. 77).

<sup>60</sup> “[...] la forme que l'une ou l'autre de ces espèces revêt quand elle est perçue à travers des catégories de perception qui en reconnaissent la logique spécifique ou, si vous préférez, que méconnaissent l'arbitraire de sa possession e de son accumulation.” (*Réponses*, 1992, p. 94).

<sup>61</sup> “[...] existe lui-même sous trois formes, à l'état incorporé, objetivé et, institutionnalisé.” (*Réponses*, 1992, p. 94-95).

O *capital cultural incorporado*, vinculado ao corpo, supõe um investimento de tempo pessoal e intransferível, favorecido prioritariamente pelo *capital cultural* familiar acumulado, que amplia de forma considerável o tempo de aquisição, na medida em que este é constituído na própria socialização.

No *estado objetivado* (quadros, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, escritos, pinturas etc.)<sup>62</sup>, o *capital cultural*, em sua dimensão material, pode ser obtido do mesmo modo que o *capital econômico*, porém somente se constitui em sua globalidade na dependência das categorias de percepção relativas ao estado *incorporado*, esta condição de sua apropriação efetiva.

O *capital cultural institucionalizado* é o próprio reconhecimento institucional, que apesar de uma certa autonomia em relação ao *capital cultural incorporado*, sob a forma de um título escolar, permite o estabelecimento da possibilidade de conversão, atribuindo comensurabilidade na relação entre *capital cultural* e *capital econômico*, sendo tão mais valioso quanto mais raro ele for.

A *construção* de um *campo* supõe a identificação do *capital* específico, inscrito em uma lógica peculiar, e esta “[...] é definida pela estrutura da distribuição das espécies particulares de capital que são ativas [...]” (*Réponses*, 1992, p. 83)<sup>63</sup>. Deste modo, torna-se fundamental destacar as definições específicas do *capital científico*.

No caso do *campo científico*, o *capital cultural* ou *informacional* reveste-se de especificidade, sendo sinônimo dos recursos científicos acumulados e disponíveis sob a forma de teorias. Neste *campo*, o *capital econômico*, embora importante, até porque a posse deste “[...] assegura as condições da liberdade com relação à necessidade econômica [...]” (As

---

<sup>62</sup> Cf. *Os três estados*, 1998, p. 74 e 77).

<sup>63</sup> “[...] est définie par la structure de la distribution des espèces particulières de capital qui y sont actives [...]” (*Réponse*, 1992, p. 83).

regras, 1996, p. 295)<sup>64</sup>, não é o foco de atenção, pois o eixo da luta é o *capital científico*, já que a sua posse determina as possibilidades de consagração para os *agentes*<sup>65</sup>.

O capital científico é um conjunto de propriedades que são o produto de atos de conhecimento e de reconhecimento conquistados pelos agentes engajados no campo científico e dotados assim de categorias de percepção específicas que lhe permitem fazer as diferenças pertinentes, conforme o princípio de pertinência constitutiva do *nomos* do campo. (*Science*, 2001, p. 110)<sup>66</sup>.

Esse *capital* específico, só acessível aos detentores de um *capital cultural*<sup>67</sup> relativamente elevado, é constitutivo da distinção. A distinção supõe o reconhecimento pelos agentes do *campo científico*, pois é este reconhecimento que produz o *capital científico*. A diferença, também denominada por Bourdieu de originalidade na produção da obra dos *agentes*, somente “existente” pelo reconhecimento dos concorrentes, confere as possibilidades e os limites de acumulação de *capital*. À tendência de os *agentes* que possuem mais *capital simbólico* concentrá-lo progressivamente, ele se refere como a *lei da concentração*<sup>68</sup>.

O *campo científico* tem duas espécies de *capital*: o “poder temporal ou político”<sup>69</sup>, relacionado às *posições* ocupadas nas instituições científicas, que confere a seus detentores

---

<sup>64</sup> “[...] assure les conditions de la liberté à l’égard de la nécessité économique [...]” (*Les règles*, 1992, p. 429).

<sup>65</sup> “Resumidamente, o que demanda o campo científico, é um capital incorporado de um tipo particular, e em particular todo um conjunto de recursos teóricos voltados para o estado prático, para o estado de sentido prático [...]” (*Science*, 2001, p. 103).

“Bref, ce que demande le champ scientifique, c’est un capital incorporé d’un type particulier, et en particulier tout un ensemble de ressources théoriques revenues à l’état pratique, à l’état de sens pratique [...]” (*Science*, 2001, p. 103).

<sup>66</sup> “Le capital scientifique est un ensemble de propriétés qui sont le produit d’actes de connaissance et de reconnaissance accomplis par des agents engagés dans le champ scientifique et dotés de ce fait des catégories de perception spécifiques que leur permettent de faire les différences pertinentes, conformes au principe de pertinence constitutif du *nomos* du champ.” (*Science*, 2001, p. 110).

<sup>67</sup> O *capital cultural* é condição, mas não sinônimo do *capital simbólico* do *campo científico*.

<sup>68</sup> Cf. *Science*, 2001, p.112.

<sup>69</sup> “[...] é o princípio burocrático dos poderes temporais sobre o campo científico como aqueles dos ministros e dos ministérios, dos deanos, dos reitores ou dos administradores científicos (esses poderes temporais são antes nacionais, ou seja, ligados a instituições nacionais, notadamente àquelas que regem a reprodução do corpo de cientistas – como as academias, os comitês, as comissões, etc. [...])” (*Science*, 2001, p. 113-114).

“[...] est le principe bureaucratique de pouvoirs temporels sur le champ scientifique comme ceux des ministres et des ministères, des doyens, des recteurs ou des administrateurs scientifiques (ces pouvoirs temporels sont plutôt nationaux, c’est-à-dire liés aux institutions nationales, notamment à celles qui régissent

um poder de produção e reprodução da estrutura, é também *capital simbólico*, embora conquistado por mecanismos distintos; e o poder específico ou prestígio social, que se constitui no alto reconhecimento de seus pares.

Bourdieu ressalva que, efetivamente, reunir grande *capital* das duas espécies é algo quase impossível; o prestígio ou “capital de autoridade propriamente científico”<sup>70</sup> exige um trabalho muito grande para ser acumulado, e quase sempre impede que os seus detentores possam conciliá-lo com cargos administrativos. Pelo mesmo motivo, os detentores do poder institucional são incapazes de se dedicar ao acúmulo de *capital científico* “puro”. Há exemplos de situações intermediárias, em que a composição do *capital* reúne algum *capital* “puro” e algum *capital institucional ou temporal*.

Ao afirmar que a *noção* de *capital* supõe um *ponto de vista* específico sobre o *campo científico*, isto é, o entendimento deste como *campo* de lutas, Bourdieu<sup>71</sup> apresenta uma análise das instâncias ou mecanismos pertencentes à esfera do “reconhecimento” e as considera como produtos e instrumentos dessas mesmas lutas. Isto porque, os parâmetros, valores e critérios, impostos por *agentes* investidos de poder para tal, constitui-se em reforço às “regras” do *jogo científico* defendidas por estes mesmos *agentes*, sob a forma de posições teóricas, metodológicas etc. O que, de acordo com Bourdieu, deixa sem sentido a fragmentação entre a *ciência dos cientistas* e a *ciência das obras científicas*<sup>72</sup>, pois as “escolhas” científicas são inseparavelmente “escolhas” científicas e sociais.

Diferentemente das perspectivas que assumem as instâncias de “reconhecimento” como “consagração legítima”, no sentido mais comum da expressão, ele adverte: “Quanto mais os investigadores são reconhecidos (pelo sistema escolar, depois pelo mundo científico),

---

la reproduction du corps des savants – comme les Académies, les comités, les commissions, etc. [...]” (*Science*, 2001, p. 113-114).

<sup>70</sup> Cf. *Science*, 2001, p. 113.

<sup>71</sup> Cf. *Science*, 2001, p. 25. et seq.

<sup>72</sup> Cf. *Science*, 2001, p. 117.

mais eles são produtivos e continuam a sê-lo. As pessoas mais consagradas são aquelas que foram consagradas o mais cedo [...]” (*Science*, 2001, p. 29)<sup>73</sup>.

O *fato científico*, como produto de um *campo cultural*, é uma *construção* coletiva, pois supõe tanto os “produtores” e os “consumidores”, nesse caso os pares que conferem o reconhecimento, como, e prioritariamente, o fato das relações serem mediadas pela *estrutura* e *habitus*. É o *espaço* de *posições* que confere as possibilidades do reconhecimento. O coletivo de *agentes*, ao qual é atribuída a autoridade sobre os “recursos científicos acumulados”, também produz formas específicas de interesse.

O *campo científico* tem referências instituídas: as *hierarquias*. A estas são atribuídos poderes de legitimação, como o mencionado acima, sem que as relações de poder ou melhor, os processos de legitimação, entendidos como uma dialética nas relações de poder do *campo*, possam perpetuar o que Bourdieu vai chamar de “simples círculo de legitimação mútua”, porque dependem das multideterminações do *jogo* instituído pela dupla história – a objetivada e a incorporada.

Ao referir-se à autonomia dos *campos*, Bourdieu afirma que, tanto mais autônomo o *campo*, maior a dependência de seus “produtores” em relação aos respectivos competidores, visto que apenas estes têm condição de atribuir e julgar o valor dos produtos<sup>74</sup>.

[...] de fato: somente os cientistas engajados no mesmo jogo detêm os meios de se apropriar simbolicamente da obra científica e de avaliar seus méritos. E também de direito: aquele que faz apelo a uma autoridade exterior ao campo só pode atrair sobre si descrédito<sup>(9)</sup>. Muito semelhante, sob este aspecto, a um campo artístico [...] (*O campo científico*, 1983, p. 127)<sup>75</sup>.

<sup>73</sup> “Plus les chercheurs sont reconnus (par le système scolaire, puis par le monde savant), plus ils sont productifs et continuent à l’être. Les gens les plus consacrés sont ceux qui ont été consacrés le plus tôt [...]” (*Science*, 2001, p. 29).

<sup>74</sup> “O prêmio do ‘crédito científico’ não é o dinheiro, mas as recompensas asseguradas pela avaliação dos pares, reputação, prêmios, postos, participação em sociedades.” (*Science*, 2001, p. 105).  
“Le prix du ‘crédit scientifique’ n’est pas l’argent mais les récompenses assurées par l’évaluation des pairs, réputation, prix, postes, participation à des sociétés.” (*Science*, 2001, p. 105).

<sup>75</sup> “[...] en fait: seuls des savants engagés dans le meme jeu ont les moyens de s’approprier symboliquement l’oeuvre scientifique et d’en évaluer les mérites. Et aussi en droit: celui qui fait appel à une autorité extérieure

Ao impor seus produtos, os “produtores” necessitam impor sua definição de ciência, sua delimitação de problemas, metodologias e teorias mais adequadas à legitimação do seu trabalho.

A definição de ciência vigente no *campo científico* é produto das relações políticas e está associada ao *capital científico* “puro”, porque a definição do que está em *jogo* está também em *jogo*.

Tomando o problema da prioridade da descoberta, Bourdieu identifica, em sua argumentação, o permanente debate entre empiristas e racionalistas, como exemplo de uma discussão que aparece, muitas vezes, apenas identificada como questão epistemológica. Para ele, debates dessa “natureza” são, na verdade:

[...] discussões políticas sobre o direito de propriedade científica, que são ao mesmo tempo debates científicos sobre o sentido do que foi descoberto, e debates epistemológicos sobre a *natureza da descoberta científica*, opõem na realidade, mediante protagonistas particulares, dois princípios de hierarquização das práticas científicas; um que confere primazia à observação e à experimentação e, portanto, às inclinações e capacidades correspondentes, outro que privilegia a teoria e os “interesses” científicos correlativos. Debate que nunca cessou de ocupar o centro da reflexão epistemológica. (*O campo científico*, 1983, p. 128)<sup>76</sup>.

Nesta perspectiva, a concepção de ciência imposta pelos dominantes é uma *construção* social, mas não fictícia, porque ao mesmo tempo que produto de uma “fabricação” tem *eficácia simbólica*, eficácia do *capital simbólico* ou do que seja simbolicamente legítimo em um *campo*.

---

au champ ne peut s’attirer que le discrédit <sup>(6)</sup> (tout à fait semblable en cela à un champ artistique [...])” (*Le champ scientifique*, 1976, p. 91).

<sup>76</sup> “[...] discussions politiques sur le droit de propriété scientifique qui sont en même temps des débats scientifiques sur le sens de ce qui est découvert e des discussions épistémologiques sur la *nature de la découvert scientifique*, opposent en réalité, à travers ces protagonistes particuliers, deux principes de hiérarchisation des pratiques scientifiques, l’un qui confère la primauté à l’observation e à l’expérimentation, donc aux dispositions et aux capacités correspondantes, l’autre qui privilégie la théorie et les ‘intérêts’ scientifiques corrélatifs, débat qui n’a jamais cessé d’occuper le centre de la réflexion épistémologique.” (*Le champ scientifique*, 1976, p. 92).



A legitimidade e o poder de reforçar a concepção dominante do que é ciência são produtos do *jogo*. Expressar interesses dominantes faz parte ou constitui-se em *estratégia* de obtenção de maior *capital*. A possibilidade de acumulação e mobilidade relativas ao *capital científico*, que se define desde o título escolar de origem e contatos com professores até o alcance de cargos administrativos, revela-se em um conjunto de “sinais específicos de consagração”.

A desigualdade na distribuição do *capital* apresenta-se em diferentes graus. Existem situações de monopólio e de uma distribuição mais equitativa. Em situações em que a distribuição do *capital* é mais homogênea, a forma e a intensidade da competição diferem das que ocorrem em um *campo* cuja distribuição é mais heterogênea. Quando existe uma distribuição do *capital* mais equilibrada em um *campo científico*, as *grandes revoluções periódicas* são “substituídas” por *pequenas revoluções permanentes*<sup>77</sup>.

Nas *estratégias* de conservação estabelecidas pelos interesses dos dominantes não apenas figuram os recursos científicos em *estado objetivado* (*instrumentos, obras, instituições etc.*) e em *estado incorporado* (*habitus*)<sup>78</sup>, mas também incluem-se os consumidores dos bens científicos e o conjunto de instituições do sistema de ensino.

Destacando a relação entre as condições sociais e o avanço da própria ciência, Bourdieu afirma que, mesmo marcadas por *interesses privados*, as lutas podem favorecer o progresso científico. Refere-se aqui não apenas a interesses internos ao *campo*, mas também a interesses externos. A idéia de *dependência sob a aparência de independência*, levantada por

---

<sup>77</sup> Cf. *O campo científico*, 1983, p. 137. (*Le champ scientifique*, 1976, p. 96).

<sup>78</sup> No caso do *campo científico* os próprios objetos técnicos são história objetivada que mantém as *construções* anteriores “[...] sob uma forma particularmente econômica, com por exemplo a colocação em forma e em fórmulas ou sob as espécies de um tesouro, lentamente acumulado, de gestos calibrados e de atitudes rotinizadas.” (*Science*, 2001, p. 72).

“[...] sous une forme particulièrement économique, avec par exemple la mise en forme et en formules ou sous les espèces d’un trésor, lentement accumulé, de gestes calibrés et d’aptitudes routinisées.” (*Science*, 2001, p. 72).

ele, impõe uma complexidade maior às análises. Apontada como *falsa ruptura*, essa *estratégia*, segundo ele, é utilizada pelos doxósofos, identificados pela *linguagem erudita*.

Uma das características do processo de autonomização, no caso particular das ciências sociais, é destacada por Bourdieu (*O campo científico*, 1983, p. 148): “[...] o que está em jogo na luta interna da autoridade científica no campo das ciências sociais é o poder de produzir, impor e inculcar a representação legítima do mundo social, é o que está em jogo entre as classes no campo da política.”<sup>79</sup>.

Assumindo uma postura crítica contundente em relação ao que se denomina de ciências sociais, ele vai afirmar ainda que a sociologia oficial há de ser impugnada. Esta, para Bourdieu, caracteriza-se pela *ruptura fictícia*, tal como explicitado acima. A única possibilidade da sociologia oficial poder ser considerada ciência, é através do avanço da autonomia. Esta afirmação vai implicar também no compromisso de assumir as ciências sociais como não neutras, como capazes de interferir nos mecanismos sociais e rejeitar a posição que nega a *eficácia simbólica* que as mesmas exercem sobre o *campo do poder*.

Desvelados os mecanismos que buscam transparecer desconhecidos, a questão colocada como fundamental e paradoxal é: “[...] quais são as condições sociais de possibilidade do desenvolvimento de uma ciência liberta das pressões e das demandas sociais sabendo que, neste caso, os progressos no sentido da racionalidade científica não são progressos no sentido da neutralidade política?” (*O campo científico*, 1983, p. 148)<sup>80</sup>.

---

<sup>79</sup> “[...] que l’enjeu de la lutte interne pour l’autorité scientifique dans le champ des sciences sociales, c’est-à-dire pour le pouvoir de produire, d’imposer et d’inculquer la représentation légitime du monde social, est un des enjeux de la lutte entre les classes dans le champ politique.” (*Le champ scientifique*, 1976, p. 101). No terceiro capítulo deste trabalho serão apresentadas mais detalhadamente as especificidades do *campo* das ciências sociais e, notadamente, da sociologia.

<sup>80</sup> “[...] quelles sont les conditions sociales de possibilité du développement d’une science affranchie des contraintes et des demandes sociales, sachant que, dans ce cas, les progrès dans le sens de la rationalité scientifique ne sont pas des progrès dans le sens de la neutralité politique?” (*Le champ scientifique*, 1976, p. 101); (*Los usos*, 2000, p. 48).

Bourdieu não aceita o que chama de “teoria do atraso” como justificativa para a não autonomia das ciências sociais e alerta para a identificação plena da *sociologia oficial* com a *doxa*, ou seja, com o império do impensado.

A questão da influência das ciências sociais no mundo social está relacionada à possibilidade de autonomia deste *campo* e ao progresso da ciência. As ciências sociais possuem *eficácia simbólica*, interferindo na dinâmica da luta no *campo político*. Porém, ao explicar, detidamente, as análises propostas pelas perspectivas *internalista* e *externalista*, nos textos dedicados ao *campo científico*, Bourdieu denuncia a insuficiência de ambas e ressalta que mesmo visões híbridas, por desconsiderarem o espaço de mediação que determina uma série de especificidades, também não alcançam conclusões pertinentes.

O *campo* constitui-se nas relações entre seus *agentes*. Raramente há possibilidade de *agentes* isolados (indivíduos ou instituições) serem capazes de alterar radicalmente as relações de força de um *campo*. A *estrutura* das relações determina as possibilidades dos *agentes*, e esta *estrutura* está “[...] *grosso modo*, determinada pela distribuição do capital científico [...]” (*Les usages*, 1997, p. 18)<sup>81</sup>.

Os dominantes impõem a definição do *conjunto de objetivos importantes*. Em última instância, o referido conjunto é imposto pela correlação de forças, pela luta do *campo* e não de uma forma “pura”, porque os dominantes necessitam ser legitimados por seus concorrentes.

O *capital é capital* atribuído aos agentes por seus concorrentes. Sobre o *capital científico*, Bourdieu (*Les usages*, 1997, p. 20-21) enuncia:

Esse capital de um tipo completamente singular se baseia em parte no reconhecimento de uma competência que, apesar dos efeitos de conhecimento que ela produz, e parcialmente através destes efeitos, procura autoridade e contribui para definir, não só as regras do jogo, senão também as regularidades do jogo, as leis segundo as quais vão distribuir-se, por exemplo, os lucros neste jogo, as leis que fazem que seja importante ou não escrever sobre tal tema, que seja brilhante ou

---

<sup>81</sup> “[...] *grosso modo* déterminée par la distribution du capital scientifique [...]” (*Les usages*, 1997, p. 18).

antiquado, que seja mais rentável publicar no *American Journal de fulano e fulano* que na *Revue Française de beltrano*<sup>82</sup>.

Reconhecer “as diferenças sociais nas carreiras científicas” é reconhecer o *capital científico*, o seu *valor*, o que possibilita fazer previsões sobre tendências que permitam aos *agentes* acumular mais *capital*, como fez ao se referir à importância do “título escolar de origem”. Bourdieu lembra: *o sentido histórico do jogo é o sentido do seu futuro*. Há uma dinâmica que admite a mudança de “regras”; o *habitus* pode levar à resistência às “regras” do *jogo*, porque no *campo* as “regras” são postas no *jogo*.

O *interesse no desinteresse*, exposto como algo característico do *campo científico*, é denunciado como instrumento de dissimulação das *estratégias*. Estas também podem ser transmutadas em normas e valores que transparecem como respeito puro a regras de interesse comum. A sutileza do *interesse no desinteresse* é, ao mesmo tempo, uma forte marca do *campo científico*, e também fonte de vários equívocos. Entre eles, os mais comuns são os extremos: o crédito em uma ciência pura e a identificação da ciência com o *campo econômico*<sup>83</sup>.

Bourdieu identifica ainda que respostas às solicitações externas podem se constituir em acréscimo de *capital* no interior do *campo*. Possibilidade interessante para ser analisada, mas que não deve ser confundida com a busca de reconhecimento externo, este sem necessariamente atribuição de *capital*, e sim, ao contrário, prejudicial aos *agentes* em muitos casos.

---

<sup>82</sup> “Ce capital d’un type tout à fait particulier repose pour une part sur la reconnaissance d’une compétence, qui, outre les effets de connaissance qu’elle produit, et en partie à travers ces effets, procure l’autorité et contribue à définir non seulement les règles du jeu, mais encore les régularités du jeu, les lois selon lesquelles vont par exemple se distribuer les profits dans ce jeu, les lois qui font qu’il est important ou non d’écrire sur tel sujet, que c’est brillant ou dépassé, qu’il est plus payant de publier dans *l’American Journal of so and so* que dans *la Revue Française de ceci-cela*.” (*Les usages*, 1997, p. 20-21); (*Los usos*, 2000, p. 80-81).

<sup>83</sup> Bourdieu condena a designação de “ciência pura”, porque esta supõe a exclusão da dimensão política do *campo científico* e também opõe-se à idéia de “ciência servil”. Demarca, assim, mais uma vez, a existência de um revestimento específico de cada *campo*, nas lutas, *estratégias* e interesses.

Ao refletir sobre as diferenças entre os pesquisadores “aplicados” e os “puros”, ele critica tanto a vulnerabilidade dos primeiros como o fechamento dos “puros”. Pondera, então, que o investigador “aplicado” pode ter, em contrapartida, acesso a recursos econômicos e políticos significativos, estando, entretanto, sujeito a riscos:

Quanto aos investigadores “aplicados”, eles estão bem situados para perceber que a condescendência estatutária que lhes concedem alguns investigadores ditos “puros” mascara muitas vezes a ansiedade ou a insatisfação de uma investigação que não encontra sua justificacão nem pelo lado os logros científicos nem pelo lado das aplicacões práticas [...] (*Les usages*, 1997, p. 45)<sup>84</sup>.

A tensão entre estes propósitos pode opor os investigadores e adquirir contornos diferentes, a depender do momento do *campo*, como também do prestígio e reconhecimento que eles possuem.

Essa tensão, desvelada entre os investigadores “aplicados” e os “puros”, mascara uma pressão maior: dar respostas ao mundo econômico e político. Para tanto, a comunicacão entre o *campo científico* e outro qualquer que exerça pressão sobre ele, notadamente os pertencentes ao *campo do poder*, torna-se fundamental, remetendo a um novo problema: encontrar mediadores que permitam esse “diálogo”.

Perseguindo a idéia de ciência científica, Bourdieu afirma ter como prioridade, nos casos do enfrentamento direto de demandas sociais, a análise dos objetos e de suas específicas *construções* sociais. Do seu *ponto de vista*, esta é a condicão para a conquista da autonomia, tanto em relacão ao Estado como ao mercado. Entendendo o avanço da autonomia como possível e imprescindível para o alcance da ciência científica, recomenda a substituição do

---

<sup>84</sup> “Quant aux chercheurs ‘appliqués’, ils sont bien placés pour apercevoir que la condescendance statutaire que leur accordent certains chercheurs dits ‘purs’ masque souvent l’anxiété ou l’insatisfaction d’une recherche qui ne trouve sa justification ni du côté des accomplissements scientifiques ni du côté des applications pratiques [...]” (*Les usages*, 1997, p. 45); (*Los usos*, 2000, p. 106).

[...] ecumenismo verbal e ineficaz e todos os discursos piedosos sobre a “demanda social”, suas exigências e seus danos, deveriam ser substituídos por uma reflexão profunda sobre os *contratos* visando não a definir posições de princípio, abstratas e genéricas, a favor ou contra eles, mas princípios práticos de gestão destes contratos [...] (*Les usages*, 1997, p. 50)<sup>85</sup>.

É preciso compreender a lógica que permite reunir duplas visões de autonomia, duplos entendimentos da investigação e da invenção e a relação entre solicitações públicas e privadas. A recomendação visa, na reafirmação das diferenças, dificultar os *jogos* que “criam” antinomias, explicitando interesses comuns, através da integração pela maior comunicação, articulando democracia e eficácia científica, substituindo ambigüidades por clareza nas diferenças, na busca de romper com a hierarquia e fortalecer a resistência coletiva<sup>86</sup>, até porque, *o essencial é salvar a regra*<sup>87</sup>.

O *sentido prático* de preservação do jogo científico requer o *imperativo da regularização*, presente, por exemplo, nos “recursos” freqüentemente utilizados para adequar resultados de uma pesquisa à *lógica da prática*, salvaguardando o acordo tácito do *campo*. Para Bourdieu, esta adequação, que pode ser tomada como uma hipocrisia, por ser coletiva adquire outro sentido, o sentido da preservação do *jogo* estabelecido neste *campo*.

Compreender o sentido da *prática* científica requer “[...] uma teoria global do espaço científico, como espaço estruturado segundo lógicas ao mesmo tempo genéricas e específicas

---

<sup>85</sup> “[...] l’oecuménisme verbal et inefficace, et à tous les discours pieux sur la ’demande sociale’, ses exigences et ses méfaits, il faudrait substituer une réflexion approfondie sur les *contrats* visant à définir non des positions de principe, abstraites et générales, pour ou contre les contrats, mais des principes pratiques de gestion de ces contrats [...]” (*Les usages*, 1997, p. 50); (*Los usos*, 2000, p. 112).

<sup>86</sup> Esta análise foi relativa ao Institut National de la Recherche Agronomique (INRA) e, no caso, Bourdieu sugeriu, acusando de hipócritas os discursos reformistas dos dirigentes e possíveis técnicos externos especializados em mudanças institucionais, estratégias para que haja o “fortalecimento simultâneo da diferenciação e integração”, e que sejam formadas comissões e definidos critérios para o julgamento das melhores pesquisas, levando em consideração a qualidade científica, criando, posteriormente, instâncias administrativas alteradas, incluindo nestas investigadores competentes. Embora as reflexões sobre a relação entre o *campo científico* e as demandas externas refiram-se prioritariamente ao INRA, situadas em um tempo e *espaço* próprios, podem, a partir desse caso, ser tomadas como universais, ao menos para provocar a reflexão.

<sup>87</sup> Cf. *Science*, 2001, p. 53.

[...]” (*Science*, 2001, p. 68)<sup>88</sup>, porque o poder no *campo* depende da correlação de forças do *mercado científico de bens simbólicos*.

Embora o desvelamento das condições de produção exponham a própria *prática* imbuída do seu *sentido do jogo*, Bourdieu defende, ao reconhecer esses mecanismos, que as condições específicas do *campo científico* produzem as condições de produção do *fato científico*; esta é a realidade, *construída* sim, porém não fictícia. Portanto “[...] a crença ingenuamente realista dos pesquisadores em uma realidade exterior ao laboratório é uma pura ilusão da qual apenas uma sociologia realista pode livrá-los.” (*Science*, 2001, p. 57)<sup>89</sup>.

---

<sup>88</sup> “[...] une théorie globale de l’espace scientifique, comme espace structuré selon des logiques à la fois génériques et spécifiques [...]” (*Science*, 2001, p. 50).

<sup>89</sup> “[...] la croyance naïvement réaliste des chercheurs en une réalité extérieure au laboratoire est une pure illusion don’t seule peut les débarrasser une sociologie réaliste.” (*Science*, 2001, p. 57).

# CAPÍTULO 3

---

## O FAZER CIENTÍFICO

### 3.1 A ESCOLÁSTICA COMO CONDIÇÃO DO FAZER CIENTÍFICO

A defesa de que o *racionalismo aplicado*, como conjunto de pressupostos, é “compatível” com as ciências sociais, apesar das diferenças destas em relação às ciências da natureza, é, em última instância, a convicção de que as ciências sociais são, ou ao menos podem ser, tão científicas quanto as ciências da natureza. Indo mais além, ao ratificar a natureza histórica da ciência, o pensamento de Bourdieu ultrapassa fronteiras, levando a polêmica para todas as ciências, indistintamente, ao tempo que também distingue a todas por um “olhar” que aponta as especificidades desse *campo* de produção muito especial, com destaque para as reflexões sobre o *ponto de vista escolástico* e seus erros.

Importa chamar a atenção para as redefinições profundas que o fazer científico “sofre”, ou deveria “sofrer”, caso sejam assumidos os pressupostos de Bourdieu até as “últimas” conseqüências. Portanto, ao retomar as referências já explicitadas nos dois primeiros capítulos, a preocupação será enfatizar como suas análises podem repercutir sobre a *construção* de objetos na ciência.



Para ele, o fazer científico está no mundo. A questão é: Como fazer para “tomar” o mundo como objeto? Para responder a esta pergunta, Bourdieu apresenta um pré-requisito: “tomar” o próprio fazer científico como objeto. Prosseguindo na reflexão, surge a questão: A partir de que pressupostos é possível “tomar” o fazer científico como objeto?

O primeiro pressuposto já foi dado: o fazer científico é histórico e social. Aceitá-lo implica em pensar os pressupostos como inseparavelmente inscritos na epistemologia e na sociologia, pois, como afirma Bourdieu (*O poder*, 1989, p. 71, nota 15): “[...] a epistemologia não pode ser separada, nem de facto nem de direito, da história social da ciência.”

Diante do exposto, a questão possível de ser enunciada é: Sendo a sociologia produto do fazer científico, portanto produto de um fazer com os limites sócio-históricos assumidos por Bourdieu, como poderia inserir-se na polêmica epistemológica, que é da ordem dos *princípios de busca de verdades*, sem estabelecer uma contradição com o que ele mesmo afirma?

Embora possa parecer procedente, a questão exposta acima incorre em um *erro* de princípio, ao admitir a existência de algum *princípio de busca de verdades* que não seja produto de uma *prática* histórica e social. A questão que de fato interessa, para a qual Bourdieu chama a atenção, é que todo discurso epistemológico deve ser visto como tal: *princípios de busca de verdades* constituídos na história<sup>1</sup> e, portanto, também passíveis da *socioanálise*. Isto, entretanto, não impede que eles sejam tomados como princípios, pois o fazer científico instituído historicamente supõe um *modus operandi* próprio, que deve ser “respeitado”. O único caminho, para superar os *erros escolásticos* supõe, como afirma Bourdieu, a própria *escolástica*.

---

<sup>1</sup> Para enfatizar uma reflexão fundamental: “Na verdade, não é pelo prazer de diminuí-lo que se deve lembrar que o filósofo, tão inclinado a se pensar como *atopos*, sem lugar, inclassificável, está, como todo mundo, compreendido no espaço que pretende compreender.” (*Meditações*, 2001, p. 40).  
 “En effet, s’il faut rappeler que le philosophe, qui se pense volontiers comme *atopos*, sans lieu, inclassable, est, comme tout le monde, compris dans l’espace qu’il prétend comprendre.” (*Méditations*, 1997, p. 39-40).

O “problema”<sup>2</sup>, então, não é a *escolástica* em si, mas o fato de não submetê-la à *reflexividade*, ao mesmo tempo epistemológica e sociológica, que, segundo o *ponto de vista* defendido por Bourdieu, tem o poder de preservá-la e transformá-la na direção mais essencial do que caracteriza o que o próprio pensamento *escolástico* sustenta, ou seja, colocar “tudo” no lugar do pensado. Neste sentido, há uma afinidade entre o *racionalismo aplicado* e a teoria sociológica de Bourdieu, notadamente os pressupostos da *teoria da prática* e da *teoria dos campos de produção cultural*, pois ambos supõem o deslocamento central: é preciso pensar a ciência a partir da ciência *em vias de se fazer* e não a partir da obra acabada.

Entender os critérios adotados por Bourdieu ao reivindicar uma ciência mais científica, é, em última instância, segundo ele, reforçar o que a própria ciência instituiu historicamente como objetivo, e reconhecer que

O princípio da compreensão prática não é a consciência conhecedora [...] mas o sentido prático do habitus habitado pelo mundo que ele habita, *pré-ocupado* pelo mundo onde ele intervém ativamente, numa relação imediata de envolvimento, de tensão e de atenção, que constrói o mundo e lhe confere sentido. (*Meditações*, 2001, p. 173)<sup>3</sup>.

O grande risco reconhecido, e para Bourdieu passível de ser controlado, é o fato de que “A ação do senso prático é uma espécie de coincidência necessária [...]” (*Meditações*, 2001, p. 174)<sup>4</sup>. Em termos epistemológicos, esse risco pode ser relacionado à *ilusão da*

---

<sup>2</sup> É importante salientar que Wacquant (2002) menciona a existência de duas “versões” nas análises de Bourdieu: a “versão dura” e a “tese suave”. Embora ressalte que em *Meditações Pascalianas* haja uma certa ambigüidade em relação à questão, afirma: “[...] há uma distância insuperável entre o conhecimento prático e o conhecimento científico [...] porém, [...] o dilema não é tanto uma aporia quanto um impasse; o hiato não pode ser preenchido. Mas então, novamente, afirmar a tese ‘dura’ não impede Bourdieu de levar adiante sua própria análise das condições sociais que leva em conta a ‘ambigüidade fundamental da disposição escolástica’ nomeadamente, que ela capacita-nos a conhecer o mundo enquanto o mutila.” (WACQUANT, 2002, p. 104).

<sup>3</sup> “Le principe de la compréhension pratique n’est pas une conscience connaissante [...] mais le sens pratique de l’habitus habité par le monde qu’il habite, *pré-occupé* par le monde où il intervient activement, dans une relation immédiate d’engagement, de tension et d’attention, qui construit le monde et lui donne sens.” (*Méditation*, 1997, p. 170).

<sup>4</sup> “L’action du sens pratique est une sorte de coïncidence nécessaire [...]” (*Méditations*, 1997, p. 171).

*transparência*, aqui pensada através das *noções* de *habitus* e *campo*. O *habitus* é o mundo feito corpo, portanto, em princípio, identificado profundamente com o *campo*, de tal modo, que “constrói” o agir “automático”, de acordo com o *jogo* estabelecido no *campo*.

Ao se desvelar o *sentido do jogo* inscrito no *habitus*, desfaz-se a idéia de ciência como um jogo que se joga por ser obediente a regras preestabelecidas pelos discursos, ou melhor, por regras explícitas, no sentido de conscientes e submissas à vontade ou empenho do pesquisador. O *jogo* com o qual todo pesquisador depara-se não tem as “regras” todas postas às claras, embora estas mesmas “regras” sejam de “conhecimento” de todos os agentes de um *campo*. É um conhecimento diferente do que se “conhece” como tal; é o conhecimento inscrito no *habitus*.

Bourdieu suscita a *noção* de *estratégia* para possibilitar a análise do *jogo científico* sem cair na idéia da regra explícita. O termo “regra”, para ele, carrega uma ambigüidade, porque tanto significa um princípio explícito e conhecido como tal, como “[...] um conjunto de regularidades objetivas que se impõem a todos aqueles que entram no jogo.” (*Choses dites*, 1987, p. 77)<sup>5</sup>. Neste sentido:

Para escapar a isso, é necessário inscrever na teoria o princípio real das estratégias, isto é, o sentido prático, ou, se preferirmos, o que os desportistas chamam o sentido do jogo, como domínio prático da lógica ou da necessidade imanente de um jogo que se adquire pela experiência do jogo e que funciona mais aquém da consciência e do discurso (ao modo, por exemplo, das técnicas de corpo). (*Choses dites*, 1987, p. 77)<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> “[...] un ensemble de régularités objectives qui s’imposent à tous ceux qui entrent dans un jeu.” (*Choses dites*, p. 77); (*Cosas dichas*, 1987, p. 68).

<sup>6</sup> “Pour y échapper, il faut inscrire dans la théorie le principe reel des stratégies, c’est-à-dire le sens pratique, ou, si l’on préfère, ce que les sportifs appellent le sens du jeu, comme maîtrise pratique de la logique ou de la nécessité immanente d’un jeu qui s’acquiert par l’expérience du jeu et qui fonctionne en deçà de la conscience et du discours (à la façon, par exemple, des techniques du corps).” (*Choses dites*, 1987, p. 77); (*Cosas dichas*, 1987, p. 68-69).

O *princípio da não-consciência* pode ser relacionado à *noção de estratégia*, em face desta se colocar como a alternativa que explica o *jogo*, sem, no entanto, admitir a intencionalidade consciente por parte dos *agentes*.

Chamando a atenção para a reflexão propriamente epistemológica, a sociologia da ciência, além de estar diretamente vinculada à *ruptura epistemológica*, inclusive por negar as oposições clássicas (como por exemplo, indivíduo/sociedade e objetivo/subjetivo) via as *noções de campo, habitus e estratégia*, inscreve-se mais profundamente na *polêmica da razão*, pois, “Falar mais de estratégias do que de regras, é construir o objeto de outro modo, logo, interrogar os informantes de outros modos e analisar de outro modo suas práticas.” (*Razões*, 1996, p. 210)<sup>7</sup>. O fazer científico, de acordo com a unidade dos atos epistemológicos, segundo Bourdieu, deve se alterar significativamente, posto que a *teoria da prática* “[...] aparece como a condição de uma ciência rigorosa das práticas [...]” (*Esboço*, 2002, p. 137)<sup>8</sup>. A *teoria da prática* permite o desvelamento propriamente científico do fazer científico.

Escapar ao logicismo e ao relativismo, colocando à prova um princípio que é identificado por Bourdieu como o “*avesso*” do *princípio da não-consciência*, é proporcionar aos pesquisadores não apenas a “*posse*” da “*natureza*”, mas a “*posse*” “[...] do mundo social no qual se produz o conhecimento da natureza.” (*Science*, 2001, p. 8)<sup>9</sup>.

Como a *reflexividade* supõe a *objetivação do sujeito da objetivação*, e este “*sujeito*” é o próprio *campo científico*, a sociologia da ciência é um instrumento crucial para a realização da *reflexividade*, e, nestes termos, para a *re-construção*, tanto genérica como particular de uma série de questões que orientam a pesquisa.

Assumindo esse *ponto de vista* específico em relação à inclusão do sujeito conhecedor no objeto de conhecimento, Bourdieu apresenta três categorias de pressupostos que devem

<sup>7</sup> “Parler de stratégies plutôt que de règles, c’est construire autrement l’objet, donc interroger autrement les informateurs et analyser autrement leurs pratiques.” (*Raisons*, 1994, p. 220).

<sup>8</sup> “[...] apparaît comme la condition d’une science rigoureuse des pratique [...]” (*Esquisse*, 2000, p. 225-226).

<sup>9</sup> “[...] du monde social dans lequel se produit la connaissance de la nature.” (*Science*, 2001, p. 8).

“orientar” a *reflexividade*: a *posição no espaço social*, o que inclui a *trajetória* particular do agente; os *pressupostos da doxa do campo*, com destaque para os mais diretamente ligados à *posição do agente*<sup>10</sup> no *campo* específico; e os *pressupostos constitutivos da doxa escolástica*<sup>11</sup>. A análise da inserção do sujeito conhecedor em relação a essas três categorias possibilita “[...] revelar os pressupostos que ele ostenta por conta de sua inclusão no objeto de conhecimento.” (*Meditações*, 2001, p. 20)<sup>12</sup>.

O trabalho de *objetivação* supõe, portanto, os atos de *ruptura, construção e constatação* sustentados no *ponto de vista* sociológico informado pelas *noções de campo, habitus, práticas, estratégia, trajetória*, que possibilitam o desvendamento da *illusio* (*condição indiscutida da discussão*)<sup>13</sup>, do *nomos* (“lei fundamental” ou “ato de instituição arbitrária”)<sup>14</sup> e da própria *doxa* associados ao *campo científico*.

A sociologia da ciência de Pierre Bourdieu, como já foi explicitado anteriormente, afirma:

Participar da *illusio*, científica, literária, filosófica ou qualquer outra, é o mesmo que levar a sério (por vezes a ponto de fazer, também aí, perguntas de vida e morte) os móveis dessa competição os quais, nascidos da lógica do próprio jogo, conferem seriedade ao jogo, ainda que possam escapar ou parecer “desinteressados” e “gratuitos” àqueles que por vezes são chamados de “profanos” ou àqueles envolvidos em outros campos [...] (*Meditações*, 2001, p. 21)<sup>15</sup>.

---

<sup>10</sup> Bourdieu avalia que os agentes em posições dominantes tendem a defender mais veementemente os pressupostos da *doxa* do que os que ocupam posições dominadas em um *campo*.

<sup>11</sup> Cf. *Meditações*, 2001, p. 20. (*Méditations*, 1997, p. 22); (*Science*, 2001, p. 183).

<sup>12</sup> “[...] porter au jour les présupposés qu’il doit à son inclusion dans l’objet de connaissance.” (*Méditations*, 1997, p. 22).

<sup>13</sup> Cf. *Meditações*, 2001, p. 123-124. (*Méditations*, 1997, p. 122-123).

<sup>14</sup> Cf. *Meditações*, 2001, p. 117. (*Méditations*, 1997, p. 116).

<sup>15</sup> “Participer de l’*illusio*, scientifique, littéraire, philosophique ou autre, c’est prendre au sérieux (parfois au point d’en faire, là aussi, des questions de vie et de mort) des enjeux qui, nés de la logique du jeu lui-même, en fondent le sérieux, même s’ils peuvent échapper ou paraître ‘désintéressés’ et ‘gratuits’ à ceux que l’on appelle parfois les ‘profanes’, ou à ceux qui sont engagés dans d’autres champs [...]” (*Méditations*, 1997, p. 22-23).

Retomar a análise que admite a autonomia relativa das estruturas ou disposições cognitivas como estruturas mentais inscritas no *habitus*, portanto produto e produtora da lógica do *campo*, é particularmente importante para o *campo científico*, herdeiro dileto das disposições constituídas na história da *ruptura escolástica*<sup>16</sup>.

A incorporação, a constituição do *habitus escolástico* é a produção do esquecimento, do *recalque*<sup>17</sup>, das coerções ou das condições sociais que permitiram a *relativa autonomia*. Para reconhecer essas condições sociais,

[...] cumpre reorientar o movimento exaltado pelo mito da caverna, ideologia profissional do pensador profissional, e retornar ao mundo da existência cotidiana, desta feita munido de um pensamento erudito bastante consciente de si mesmo e de seus limites para ser capaz de pensar a prática sem aniquilar seu objeto. (*Meditações*, 2001, p. 62)<sup>18</sup>.

Ao enfatizar, repetidas vezes, a necessidade da *teoria da prática*, Bourdieu a coloca na posição de instrumento fundamental, ou mesmo como condição *sine qua non* para a efetivação da *vigilância de terceiro grau*, esta relativa à polêmica propriamente epistemológica. O objetivo de tais reflexões é a reorientação dos trabalhos de pesquisa. A *teoria da prática* deve ser o instrumento que impeça ou mantenha sob o controle possível, o que Bourdieu denomina de risco conseqüente do *epistemocentrismo escolástico*, que imputa “[...] a seu objeto o que de fato pertence à maneira de apreendê-lo, projeta na prática [...] uma relação social impensada que não é outra senão a relação escolástica com o mundo.”

---

<sup>16</sup> Cf. *Meditações*, 2001, p. 29-30. A ruptura escolástica caracteriza-se pela construção histórica de questões próprias como o “saber se a excelência pode ser ensinada” ou mesmo pela introdução de “[...] o jogo intelectual gratuito, a erística e o interesse pelo discurso considerado em si mesmo [...]” (*Meditações*, 2001, p. 30).

“[...] le jeu intellectuel gratuit, l’éristique, et l’intérêt pour le discours considéré en lui-même [...]” (*Méditations*, 1997, p. 30).

<sup>17</sup> Cf. *Meditações*, 2001, p. 62. (*Méditations*, 1997, p. 64).

<sup>18</sup> “[...] il faut renverser le mouvement qu’exalte le mythe de la caverne, idéologie professionnelle du penseur professionnel, et revenir au monde de l’existence quotidienne, mais armé d’une pensée savante assez consciente d’elle-même et de ses limites pour être capable de penser la pratique sans anéantir son objet.” (*Méditations*, 1997, p. 64).

(*Méditations*, 2001, p. 65)<sup>19</sup>. Uma conclusão crucial é que não existe objeto sem um *ponto de vista*<sup>20</sup>, o que impõe que o código utilizado na análise precisa ser objeto de análise<sup>21</sup> permanente porque sujeito à “invasão” de pré-construções.

Surge uma nova questão: Diante da “denúncia” dos *erros escolásticos*, que parecem tão constitutivos dessa visão, o que Bourdieu considera nessa lógica como *necessário* ao fazer científico? Ou melhor: O que na lógica *escolástica* é por ele preservado?

Segundo Bourdieu (*Méditations*, 2001)<sup>22</sup>, a revelação dos pressupostos que são ostentados por conta da inclusão do sujeito da *objetivação* no objeto de conhecimento – os pressupostos que são produto da *posição* ocupada no *espaço social*, da *doxa* do *campo científico* e da *doxa escolástica* – não impede a *objetivação*, mas, ao contrário, a favorece, na medida em que coloca a possibilidade de maior rigor.

Ao assumir a condição sócio-histórica da razão, o investigador, da mesma forma que se ocupa em ter um maior controle de preconceitos religiosos ou políticos, como lembra Bourdieu, está preocupado em “combater” não a ciência em si, mas o que não é ciência e de maneira “clandestina” insere-se na ciência e acaba por ser assumido como tal pelo próprio poder do fazer científico.

Ao trazer para a consciência o poder do fazer científico, entendendo-o como a possibilidade e também como *obstáculo epistemológico*<sup>23</sup>, o investigador está, segundo Bourdieu, mais próximo daquilo que a própria ciência eminentemente *escolástica* busca realizar: a produção de verdades. Portanto a operação mesma de codificação, por exemplo,

---

<sup>19</sup> “[...] à son objet ce qui appartient en fait à la manière de l’appréhender, il projette dans la pratique [...] un rapport social impensé qui n’est autre que le rapport scolastique au monde.” (*Méditations*, 1997, p. 67).

<sup>20</sup> Cf. *Homo*, 1984, p. 17.

<sup>21</sup> Cf. *Homo*, 1984, p. 18.

<sup>22</sup> (*Méditations*, 1997).

<sup>23</sup> Cf. *Science*, 2001, p. 173 et seq.

deve ser analisada para fazer a distinção entre os códigos *construídos* e os códigos ordinários e para o reconhecimento do próprio poder social<sup>24</sup> da ciência ao estabelecer codificações.

Quanto à outra operação bem comum no trabalho do pesquisador, a elaboração dos questionários, Bourdieu alerta para o fato de que, muitas vezes, as perguntas direcionadas ao público entrevistado carregam questões que antes nunca foram preocupações deste, mas têm origem na lógica *escolástica*, que impõe, deste modo, as categorias de percepção do pesquisador. Referindo-se à “*doxa* politológica”, por exemplo, ele afirma:

Ao intimar todas as pessoas interrogadas, sem distinção, a produzir uma “opinião pessoal” (como atestam todos os “segundo você”, “na sua opinião”, “e você, o que pensa disso?”, que enfeitam os questionários) ou a escolher por seus próprios meios, *sem qualquer ajuda*, entre diversas opiniões já prontas, a pesquisa de opinião manifesta com estardalhaço os pressupostos constitutivos da *doxa* politológica (*doxa* tão profundamente protegida por sua evidência que todo questionamento teórico dos pressupostos do inconsciente democrático corre o risco de ser imediatamente denunciado como atentado contra a democracia). (*Meditações*, 2001, p. 84)<sup>25</sup>.

Admitir as *três formas do erro escolástico* – o *epistemocentrismo*, o *universalismo estético* e o *etnocentrismo* – implica no reconhecimento de que a condição *escolástica* “carrega” consigo “um modo de construção pré-construído”<sup>26</sup>.

A *prática* deve ser refletida e metódica; deve operar “[...] a reflexividade, que é sinônimo de método [...]” (*A miséria*, 1997, p. 694)<sup>27</sup>, buscando manter sob controle as “determinações” das condições sociais nas quais está imersa, inclusive a da “liberdade” *escolástica*, pois,

---

<sup>24</sup> Bourdieu (*Homo*, 1984, p. 21) afirma: “[...] a objetivação do não objetivado [...] equivale, acabamos de ver, ao efeito de oficialização, de natureza quase jurídica.”

“[...] l’objectivation du non-objetivé [...] équivaut, on vient de le voir, à un effet d’officialisation, de nature quasi juridique.” (*Homo*, 1984, p. 21).

<sup>25</sup> “Le sondage d’opinion, qui somme toutes les personnes interrogées, sans distinction, de produire une ‘opinion personnelle’ (comme l’attestent tous les ‘selon vous’, ‘à votre avis’, ‘et vous, qu’en pensez-vous?’ qui émaillent les questionnaires) ou de choisir par leurs propres moyens, *sans aucune assistance*, entre plusieurs opinions toutes faites, manifeste au grand jour les présupposés constitutifs de la *doxa* politologique (*doxa* si profondément protégée par son évidence que toute mise en question théorique des présupposés de l’inconscient démocratique s’expose à être immédiatement dénoncée comme attentat contre la démocratie).” (*Méditations*, 1997, p. 84).

<sup>26</sup> Cf. *Méditations*, 2001, p. 65. (*Méditations*, 1997, p. 66).

<sup>27</sup> “[...] la réflexivité, qui est synonyme de méthode [...]” (*La misère*, 1993, p. 1391).



[...] talvez seja sob a condição de submeter a razão à prova da historização mais radical, sobretudo destruindo a ilusão do fundamento ao invocar o arbitrário da origem, ou, então, valendo-se da crítica histórica e sociológica dos instrumentos da própria ciência histórica e sociológica, que se possa esperar livrá-la do arbitrário e da relativização histórica. (*Meditações*, 2001, p. 113)<sup>28</sup>.

A consciência das *posições* ocupadas permite a redução, ou maior controle, dos efeitos destas, provocados tanto pela distância como pela proximidade<sup>29</sup> possíveis, relativas à posse de *capital*. Partindo da *noção* de *duplas verdades*, os entrevistadores devem, por exemplo: “[...] instaurar uma relação de *escuta ativa e metódica*, tão afastada da pura não-intervenção da entrevista não dirigida, quanto do dirigismo do questionário.” (*A miséria*, 1997, p. 695)<sup>30</sup>.

Ao apontar para a relação pesquisador/pesquisado, definindo-a como uma relação de troca e, neste sentido, para a identificação das “finalidades” presentes nessa troca, que são distintas, Bourdieu chama a atenção para a necessidade de colocar no lugar do pensado a entrevista, de modo a ter um controle maior dos “desvios” possíveis.

As restrições e possibilidades definidas nessa relação são de maior responsabilidade do pesquisador, porque este “[...] inicia o jogo e estabelece a regra do jogo [...]” (*A miséria*, 1997, p. 695)<sup>31</sup>. Portanto, com os recursos de *objetivação* colocados à disposição pela sociologia de Bourdieu, impõe-se, por exemplo, o trabalho de identificação de ambos (pesquisador e pesquisado) nos respectivos *espaços sociais* que, por sua vez, possibilita explicitar as posses específicas de *capital*. Tais reflexões podem provocar redirecionamentos

---

<sup>28</sup> “[...] c’est peut-être à condition de soumettre la raison à l’épreuve de l’historicisation la plus radicale, notamment en ruinant l’illusion du fondement par le rappel de l’arbitraire de l’origine et par la critique historique et sociologique des instruments de la science historique et sociologique elle-même, que l’on peut espérer l’arracher à l’arbitraire et à la relativisation historique.” (*Méditations*, 1997, p. 113).

<sup>29</sup> Considerações sobre os possíveis efeitos da proximidade entre pesquisador e pesquisado ver *A Miséria* (1997, p. 701-702); (*La misère*, 1993, p. 1403-1404).

<sup>30</sup> “[...] instaurer une relation d’*écoute active et méthodique*, aussi éloignée du pur laisser-faire de l’entretien non directif que du dirigisme du questionnaire.” (*La misère*, 1993, p. 1393).

<sup>31</sup> “[...] engage le jeu et institue la règle du jeu [...]” (*La misère*, 1993, p. 1393).

na própria definição do público a ser entrevistado como também no grupo de entrevistadores, além, obviamente, da revisão das perguntas a serem feitas.

As *noções de habitus, campo, capital, prática, estratégia, trajetória* e as demais a estas articuladas oferecem também a possibilidade de uma antecipada *compreensão genérica e genética das condições sociais*<sup>32</sup> das quais todos são produto, implicando em um domínio maior do próprio sistema de conceitos que orienta um estudo e, portanto, menos sujeitos aos desencontros prováveis entre os dados e as condições para analisá-los, ou seja:

A verdadeira submissão ao dado supõe um ato de construção baseado no domínio prático da lógica social segundo a qual esse dado é construído. Assim, por exemplo, só se pode compreender verdadeiramente tudo que é dito na conversa, na aparência totalmente banal, entre três estudantes se, evitando reduzir as três adolescentes aos nomes que as designam, como em tantas sociologias ao gravador, soubermos ler, em suas palavras, a estrutura das relações objetivas, presentes e passadas, entre sua trajetória e a estrutura dos estabelecimentos escolares que elas freqüentaram e, por isso, toda a estrutura e a história do sistema de ensino que nelas se exprime. (*A miséria*, 1997, p. 705)<sup>33</sup>.

Segundo Bourdieu, quanto mais se nega os efeitos das condições sociais em um trabalho de investigação, à maneira dos positivistas, mais se está sujeito às pré-construções.

Os problemas relativos à transcrição de entrevistas também são tomados por ele como exemplos da necessidade de *objetivação*, pois, para ser fiel ao oral, a escrita tem que ser capaz de transpor toda uma série de “fatos”, como gestos, entonação, postura corporal etc, pois estes “dizem” muito, ainda que não sejam expressados por palavras. A transcrição, portanto, do mesmo modo que a apresentação da entrevista, precisa ser submetida à *objetivação* para que sobre ela exerça-se um maior controle.

<sup>32</sup> Cf. *Miséria*, 1997, p. 700. (*La misère*, 1993, p. 1400).

<sup>33</sup> “La véritable soumission au donné suppose un acte de construction fondé sur la maîtrise pratique de la logique sociale selon laquelle ce donné est construit. Ainsi par exemple, on ne peut entendre vraiment ce qui se dit dans la conversation, en apparence tout à fait banale, entre trois lycéennes que si, évitant de réduire les trois adolescentes aux prénoms que les désignent, comme dans tant de sociologies au magnétophone, on sait lire, dans leurs paroles, la structure des relations objectives, présentes et passées, entre leur trajectoire et la structure des établissements scolaires qu’elles ont fréquentés et, par là, toute la structure et l’histoire du système d’enseignement qui s’y exprime.” (*La misère*, 1993, p. 1408-1409).

Os exemplos acima expõem, resumidamente, algumas das implicações, ou melhor, algumas das mudanças de procedimentos exigidas pelo rigor científico proposto na obra de Bourdieu. A *construção* do objeto, operação mesma que define essencialmente o fazer científico<sup>34</sup>, supõe tomar como objeto as operações do fazer científico em uma polêmica constante e inseparavelmente epistemológica e sociológica. Nestes termos, a *construção do objeto* consiste em um trabalho que se dá em todo o período da pesquisa com retificações constantes<sup>35</sup>, em um processo que deve “[...] fazer explícitos os pressupostos, construir sociologicamente as pré-construções do objeto [...]” (*Capital*, p. 53).

### 3.2 A OBJETIVAÇÃO DA CONDIÇÃO ESCOLÁSTICA

Bourdieu confessa-se *obrigado* a se passar por filósofo, por admitir que o fazer científico impõe a necessidade de “[...] colocar questões sobre a própria natureza do olhar científico.” (*Razões*, 1996, p. 209)<sup>36</sup>.

O olhar científico é possível pela constituição de condições sociais específicas, que permitem a existência do *ponto de vista escolástico*, uma visão afastada das urgências do mundo. Este afastamento, entretanto, que é a própria condição de sua existência, apresenta-se como um risco, porque, pela implicação no *jogo escolástico*, o investigador tem uma vulnerabilidade maior, uma tendência a ignorar tal condição.

---

<sup>34</sup> Em *Capital cultural escuela y espacio social*, Bourdieu (1998, p. 44) reitera: “[...] o fato científico fundamental é a construção do objeto: não vamos à realidade sem hipóteses, sem instrumentos de construção.”

“[...] le facto científico fundamental es la construcción del objeto: no vamos a la realidad sin hipótesis, sin instrumentos de construcción.” (*Capital*, 1998, p. 44).

<sup>35</sup> Cf. *Capital*, 1998, p. 52-53.

<sup>36</sup> “[...] de poser ces questions sur la nature même du regard scientifique.” (*Raisons*, 1994, p. 219).

A condição *escolástica* impensada impede a reflexão propriamente *escolástica*, “retirada” do mundo. Deste modo, como já foi dito, se a condição *escolástica* é uma condição social, colocá-la no lugar do pensado supõe a inscrição da sociologia, um dos *pontos de vista* também *escolástico*, na polêmica epistemológica, para que se possa efetivar a *objetivação*, ou melhor, a *construção* de objetos verdadeiramente científicos nos termos de Bourdieu. A sociologia da ciência, então, constitui-se em uma condição *sine qua non* para a polêmica epistemológica. Como diz Bourdieu (*O campo econômico*, 2000, p. 20): “[...] é o pré-requisito de toda prática sociológica, no que diz respeito a ser capaz de fornecer os instrumentos do conhecimento dos vínculos sociais que podem agir quer na forma de pressões externas, quer, o que é bem pior, na forma de coerção interiorizada.”

O processo de *construção* dos objetos científicos supõe a “[...] análise da relação social com o objeto.” (*O campo econômico*, 2000, p. 21). A relação dos investigadores com seus objetos toma lugar no objeto, além do que, para Bourdieu, o mais grave é o que invade a visão que os mesmos têm do objeto. Ou melhor, como já foi explicitado anteriormente, a condição *escolástica*, de separação, impõe ao objeto o que não lhe “pertence”, mas pertence às categorias de percepção, pois o próprio fazer científico, por ser histórico e social, é um dos mecanismos que engendram *erros*, constituindo-se, nessa perspectiva, como mais um *obstáculo epistemológico*.

O trabalho de *objetivação* tem que ser compreendido como um *ponto de vista* e, portanto, deve ser *objetivado* também. A exterioridade em relação ao objeto, bem como a proximidade, têm que ser *construídas* como objetos. Essa *construção* inscreve-se na *vigilância epistemológica do terceiro grau* ou na *vigilância* relativa ao método, ao discurso do discurso, à reflexão epistemológica.

Conhecer os determinismos sociais é condição para dominá-los<sup>37</sup>. Para Bourdieu, o fazer verdadeiramente científico, devido às condições sociais que permitem o “afastamento” do mundo, oferece os meios para garantir esse domínio. Referindo-se às ciências históricas, ele afirma:

É a estas ciências que pertence como tarefa própria fundar não em razão, mas, se assim se pode dizer, em história, *em razão histórica*, a necessidade ou a razão de ser propriamente histórica dos microcosmos separados (e privilegiados) onde se elaboram enunciados de pretensão universal sobre o mundo. O conhecimento assim obtido contém a possibilidade de um domínio reflexivo desta dupla história, individual e coletiva, e dos efeitos não deliberados que ela pode exercer sobre o pensamento. (*Meditações*, 1998, p. 91)<sup>38</sup>.

As categorias de percepção, constituídas na história incorporada (*habitus*) e na história do *campo científico*, são marcadas por pré-construções que se voltam, por serem pré-construções, contra o próprio princípio *escolástico* e, neste caso, científico, pois sacrificam o domínio das condições de experimentação buscado pelo fazer científico.

Como um universo de exceção, o *campo científico* instituiu a *necessidade* da razão. Sujeito à *economia das práticas e à teoria geral dos campos*, este *campo* “[...] reveste a competição, por meio das imposições lógicas e experimentais a que se encontra submetida e pelos fins de conhecimento que busca.” (*Meditações*, 1998, p. 94)<sup>39</sup>.

Disputas características do *campo científico* e, portanto, travadas com as armas desse *campo*, com o *capital simbólico* específico, são conflitos inscritos na ordem do conhecimento científico. Por exemplo, as “oposições”, produtos das *estruturas estruturantes* ou *esquemas classificatórios*, constituem-se em parâmetros do *jogo*. Tais lutas, porém, não podem ser

<sup>37</sup> Cf. *O Campo econômico*, 2000, p. 20.

<sup>38</sup> “C’est à ces sciences qu’il appartient en propre de fonder non en raison, mais, si l’on peut dire, en histoire, *en raison historique*, la nécessité ou la raison d’être proprement historique des microcosmés séparés (et privilégiés) où s’élaborent des énoncés à prétention universelle sur le monde. La connaissance ainsi obtenue enferme la possibilité d’une maîtrise réflexive de cette double histoire, individuelle et collective, et des effets non voulus qu’elle peut exercer sur la pensée.” (*Méditations*, 1997, p. 128).

<sup>39</sup> “[...] revêt la compétition, par les contraintes logiques et expérimentales auxquelles elle est soumise et par les fins de connaissance qu’elle poursuit.” (*Méditations*, 1997, p. 132).

reduzidas a quaisquer lutas, porque, no *campo científico*, “[...] a luta se desenrola sempre sob o controlo das normas constitutivas do campo e apenas com as armas aceites no interior do campo [...]” (*Meditações*, 1998, p. 95)<sup>40</sup>.

Tendo os instrumentos da competição instituídos, e sendo o grau de *objetivação* possível a estes dependente do grau de autonomia de cada *sub-campo*, o *campo científico* “[...] atribui sanções, positivas ou negativas, às produções individuais segundo leis inteiramente específicas, irredutíveis às que regem os universos económico ou político [...]” (*Meditações*, 1998, p. 96)<sup>41</sup>.

O progresso da razão está submetido às condições sociais, ao tempo que também as submete. Isto porque, na medida em que se torna condição social dele mesmo, as institui. O acordo tácito entre os *agentes* de um *campo* coloca os parâmetros do respectivo *espaço de possíveis*, obviamente também produto do *capital* acumulado coletivamente.

A *prática do jogo científico* revela o *habitus* – disposições e estruturas de percepção – que também é produtor deste *jogo*. Segundo Bourdieu, a história do *campo científico* produz o esquecimento das condições sociais que permitem o desenvolvimento da razão, conseqüentemente, “desobrigando” seus *agentes* de colocar tal condição como objeto.

Ora, o fazer científico é tão afinado, coincidente, como diz Bourdieu, com o mundo científico porque produzido por este universo. Como conhecimento *prático*, ele é condicionado pela *estrutura* de posições e estruturado pelos esquemas inscritos no *habitus*, que são a incorporação dessa mesma *estrutura* do mundo social. Neste sentido, “[...] as estruturas cognitivas não são formas da consciência, mas disposições do corpo, esquemas

---

<sup>40</sup> “[...] á lutte se déroule toujours sous le contrôle de normes constitutives du champ et avec les seules armes agréées dans le champ [...]” (*Méditations*, 1997, p. 133).

<sup>41</sup> “[...] attribue des sanctions, positives ou négatives, aux productions individuelles selon des lois tout à fait spécifiques, irréductibles à celles qui régissent les univers économique ou politique [...]” (*Méditations*, 1997, p. 134).

práticos [...]” (*Meditações*, 2001, p. 214)<sup>42</sup>. O retorno, portanto, à explicitação da noção de *habitus* se faz necessário para demarcar as suas implicações diretas para a reflexão epistemológica. Bourdieu lembra: “A *attribution theory* estabelece que as causas atribuídas por uma pessoa a uma experiência (e que dependem de seu *habitus*, coisa que a teoria não diz) constituem um dos determinantes importantes da ação que ele irá desenvolver em resposta a essa experiência [...]” (*Meditações*, 2001, p. 181)<sup>43</sup>.

Pensar o *habitus científico* como o mundo científico incorporado, princípio este que demarca a não escolha por parte dos *agentes* em relação aos esquemas feitos corpo, exige a reflexão sobre as implicações para a *prática* científica, pois, conseqüentemente, esta também não é feita de opções plenamente conscientes, o que obriga, caso haja a aceitação deste pressuposto, que o fazer científico, por ser também *escolástico*, coloque tal condição como objeto da razão científica.

Os esquemas cognitivos são produtos da *estrutura*, do *espaço social* habitado e do *habitus* (história coletiva e individual incorporadas). Ou melhor, a razão é um produto do mundo social, *construída* na história e construtora da história, da mesma história que se fez esquecida.

Esse esquecimento ou recalque, como denomina Bourdieu, é próprio dos *mercados de trocas simbólicas* que supõem a mentira coletiva sobre a verdade da troca. A crença na cumplicidade de uma economia que garante as recompensas é uma condição eminentemente social e, portanto, somente pode ser desvendada, *objetivada*, a partir de teorias sociológicas. Ao possibilitar a *objetivação* da crença, a sociologia pode desvelar a produção do *campo científico* e de seus produtos, as ciências, seus objetos, teorias, métodos etc.

---

<sup>42</sup> “[...] les structures cognitives ne sont pas des formes de la conscience mais des dispositions du corps, des schèmes pratiques [...]” (*Méditations*, 1997, p. 210).

<sup>43</sup> “L’*attribution theory* établit que les causes qu’une personne assigne à une expérience (et qui, ce que la théorie ne dit pas, dépendent de son *habitus*) sont un des déterminants importants de l’action qu’elle va mener en réponse à cette expérience.” (*Méditations*, 1997, p. 177).

Bourdieu aponta “[...] o acordo pré-reflexivo entre as estruturas objetivas e as estruturas incorporadas [...]” (*Meditações*, 2001, p. 216)<sup>44</sup>, também presente no *campo científico*, como mecanismo que deve ser colocado no lugar do pensado; e lembra que a historicização<sup>45</sup> provoca a desnaturalização desse acordo, possibilitando, *ao menos na ordem da teoria*<sup>46</sup>, um maior controle sobre os *erros*.

A defesa da ordem instituída é coletiva; portanto tarefas voltadas à desmistificação são muito difíceis de serem desenvolvidas. Os “ingênuos”, que buscam desfazer as ilusões construídas no mundo social, ao revelá-las, desconhecem a *dupla verdade* dos *agentes* que não as desfazem por desconhecê-las, mas sim por se recusarem a reconhecê-las.

Bourdieu ressalta que apenas os *agentes* imersos no *jogo científico* são detentores do *habitus* que confere as possibilidades de compreensão das *duplas verdades*, no caso, a *dupla verdade* do investigador ser “*sujeito*” *empírico* e poder se fazer “*sujeito*” *científico*, capaz de *construções* teóricas de acordo com os critérios de cientificidade admitidos por ele. O trabalho de *objetivação*, reivindicado por Bourdieu, supõe a *ruptura epistemológica* e carrega a necessidade da *objetivação do sujeito da objetivação*, já que toda *ruptura epistemológica* supõe uma *ruptura social*. Para tanto, é preciso assumir a crítica da condição *escolástica* e desvelar a *economia das trocas simbólicas* no *campo científico*, pois, se os automatismos do *habitus* científico não forem *objetivados*, a ciência pode sucumbir à sua própria condição de existência.

---

<sup>44</sup> “[...] l’accord préreflexif entre les structures objectives et les structures incorporées [...]” (*Méditations*, 1997, p. 212-213).

<sup>45</sup> Como afirma Bourdieu: “Somente a crítica histórica, arma crucial da reflexividade, pode liberar o pensamento das constrições que se exercem sobre ele quando, ao se entregar às rotinas do autônomo, trata de construções históricas reificadas como se fossem coisas.” (*Meditações*, 2001, p. 222).

“Seule la critique historique, arme majeure de la réflexivité, peut libérer la pensée des contraintes qui s’exercent sur elle quand, en s’abandonnant aux routines de l’automate, elle traite comme des choses des constructions historiques réifiées.” (*Méditations*, 1997, p. 218).

<sup>46</sup> Cf. *Meditações*, 2001, p. 221.



### 3.3 AS DUPLAS VERDADES DA CIÊNCIA E A REFLEXÃO EPISTEMOLÓGICA

É em nome da crença na possibilidade de se fazer ciência, controlando, cada vez mais, as condições sociais na qual ela é produzida, que Bourdieu justifica sua *posição*, explicitando claramente o impasse entre duas convicções radicais e aparentemente paradoxais: o caráter eminentemente histórico e social da ciência e a crença na possibilidade da ciência produzir o que ele denomina *verdades trans-históricas*.

Ao se perguntar: “Como é possível que uma atividade histórica, inscrita na história, como a atividade científica, seja produtora de verdades trans-históricas, independentes da história, separadas de toda ligação com o lugar e com o momento, portanto válidas eterna e universalmente?” (*Science*, 2001, p. 10)<sup>47</sup> Bourdieu tem como pressuposto que a resposta está na própria história. Para ele, foi a história que produziu as condições sociais que permitiram a *construção* de *verdades trans-históricas*, devido à constituição da relativa autonomia dos *campos escolásticos* e, especificamente, do *campo científico*. Na história, encontra-se o fundamento para que se admita a *dupla verdade*: a ciência é histórica e, em sua história, é produtora de sua autonomia em relação à história. “Segundo Bourdieu, portanto, a razão é um produto histórico, mas um produto histórico altamente paradoxal no que pode, dentro de certos limites e sob certas condições, ‘escapar’ à história, ou seja, à particularidade.” (*Réponses*, 1992, p. 38-39)<sup>48</sup>.

<sup>47</sup> “Comment est-il possible qu’une activité historique, inscrite dans l’histoire, comme l’activité scientifique, produise des vérités transhistoriques, indépendantes de l’histoire, détachées de tous liens et avec le lieu et le moment, donc valables éternellement et universellement?” (*Science*, 2001, p. 10).

<sup>48</sup> “Selon Bourdieu, donc, la raison est un produit historique mais un produit historique hautement paradoxal en ce qu’il peut, dans certaines limites et sous certaines conditions, ‘échapper’ à l’histoire, c’est-à-dire, à la particularité.” (*Réponses*, 1992, p. 38-39).

Tendo como pressuposto essa *dupla verdade*, Bourdieu defende que a análise indissociavelmente histórica e sociológica deve supor a compreensão desse universo social comum, e ao mesmo tempo específico, que é o *campo científico*. Esta análise tem como objetivo “[...] fornecer instrumentos de conhecimento que podem se voltar contra o sujeito do conhecimento, não para destruir ou desacreditar o conhecimento (científico), mas ao contrário para controlá-lo e reforçá-lo.” (*Science*, 2001, p. 15-16)<sup>49</sup>.

Decorrente da *ruptura* proposta por Bourdieu, a ciência pode ser compreendida como *construção* histórica, mas não como ficção, criada por interesses explícitos. É preciso também entender que a história desse *campo* criou mecanismos próprios e *códigos específicos*, que passaram a estabelecer parâmetros para o *jogo científico*. “[...] O advento da razão é inseparável da autonomização progressiva de microcosmos sociais fundados no privilégio, onde aos poucos foram sendo inventados modos de pensamento e de ação teoricamente universais [...]” (Meditações, 2001, p. 95)<sup>50</sup>.

A *dupla ruptura*, então, refere-se à *ruptura* com a visão dos logicistas que supõe a possibilidade de uma ciência “pura” ou não histórica, mas também com a visão dos relativistas, que “negam” a autonomia relativa da razão. A perspectiva de Bourdieu impõe, tanto uma historicização radical, para evitar o “abuso de poder” ao qual a razão está predisposta, como a compreensão da incorporação de *invenções* como a razão, que se constituiu como condição objetiva da *prática* científica.

Neste sentido, a sociologia da ciência ou a ciência da ciência<sup>51</sup>, nos termos da *reflexividade*, é o instrumento da análise necessária ao maior controle dos *erros* e, portanto, ao reforço à ciência. Esclarecendo sua concepção de *reflexividade* especificamente relativa à

---

<sup>49</sup> “[...] fournir des instruments de connaissance qui peuvent se retourner contre le sujet de la connaissance, non pour détruire ou discréditer la connaissance (scientifique), mais au contraire pour la contrôler et la renforcer.” (*Science*, 2001, p. 15-16).

análise sociológica da *prática* científica, Bourdieu afirma: “[...] a solução do problema [...] não pode ser achada, salvo milagre, dentro e por um só homem, e ela reside sem dúvida na construção de coletividades científicas [...]” (*Science*, 2001, p. 18)<sup>52</sup>.

O *campo científico*, condição social objetiva, é constituído de todas as implicações e pressupostos que incluem as lógicas da *escolástica*, da produção cultural e do *mercado de trocas simbólicas*, fundado em uma *illusio* própria, por sua vez, fundadora de um *nomos* específico.

Para que as análises históricas e sociais não produzam uma relativização simplista é preciso assumir uma determinada concepção sociológica que permita, segundo Bourdieu, “conciliar” o que foi historicamente considerado inconciliável: as *verdades trans-históricas* e a história; ou melhor, é preciso assumir uma outra lógica.

Submeter a ciência da ciência, isto é, a sociologia da ciência à *reflexividade*, é também submeter os discursos sobre o fazer científico à análise sociológica, já que: “[...] o que nomeamos epistemologia está sempre ameaçado de ser apenas uma forma de *discurso justificador da ciência* ou de uma posição no campo científico ou ainda uma retomada falsamente neutralizada do discurso dominante da ciência sobre si mesma.” (*Science*, 2001, p. 19)<sup>53</sup>.

O desenvolvimento da análise sociológica dos diversos *sub-campos* da ciência exige o desvelamento desses *campos* como *espaços sociais de posições*, em suas histórias e *estruturas*, estabelecendo a relação com as *tomadas de posição* que se traduzem em escolhas

---

<sup>50</sup> “[...] L’avènement de la raison est inseparable de l’autonomisation progressive de microcosms sociaux fondés sur le privilège, où se sont peu à peu inventés des modes de pensée et d’action théoriquement universels [...]” (*Méditations*, 1997, p. 93).

<sup>51</sup> Cf. *Science*, 2001, p. 17.

<sup>52</sup> “[...] la solution du problème [...] ne peut pas être trouvée, sauf miracle, dans et par un seul homme et elle reside sans doute dans la construction de collectifs scientifiques [...]” (*Science*, 2001, p. 18).

<sup>53</sup> “[...] ce que l’on nomme épistémologie est toujours menacé de n’être qu’une forme de *discours justificateur de la science* ou d’une position dans le champ scientifique ou encore une reprise faussement neutralisée du discours dominant de la science sur elle-même.” (*Science*, 2001, p. 19).

teórico-metodológicas e configuram o *espaço de possíveis*: “[...] princípio de escolhas estratégicas e investimentos científicos).” (*Science*, 2001, p. 19-20)<sup>54</sup>.

A problemática, tal como aparece no *campo científico*, em cada momento da história, é produto de disputas passadas e constitui-se em condições objetivas para as disputas presentes. Entender a problemática de um *ponto de vista* sobre os diversos *pontos de vista* que refletem as lutas inseparavelmente sociais e científicas, acredita Bourdieu, é um recurso valioso para o progresso da ciência, pois “A reflexividade leva a tomar uma posição integradora que consiste em colocar entre parêntesis notadamente o que as teorias confrontadas podem dever à pesquisa fictícia da diferença [...]” (*Science*, 2001, p. 20)<sup>55</sup>.

O objetivo é identificar falsas questões produzidas pelas lutas sociais, pelo *sentido do jogo científico* não consciente porque inscrito no *habitus*. A *prática* científica, como as demais *práticas* sociais, para Bourdieu, é *habitus* em ação. E a análise sociológica é indissociavelmente a análise do *campo*, do *habitus* e da *prática*; portanto supõe a *teoria dos campos* e a *teoria da prática*.

A concepção de *jogos* sociais não-conscientes, e ao mesmo tempo do “conhecimento” de todos, é o pressuposto da crítica de Bourdieu a autores<sup>56</sup> para os quais: “As ‘estratégias’ ao mesmo tempo científicas e sociais do *habitus* científico são pensadas e tratadas como *estratagemas conscientes*, para não dizer *cínicos*, orientados para a glória do pesquisador.” (*Science*, 2001, p. 54)<sup>57</sup>. A consciência da *dupla verdade* – do “conhecimento” do *habitus* e da não-consciência em relação ao *jogo* – recoloca as *estratégias* dos cientistas não como atos cínicos, mas como ações orientadas pelo *sentido do jogo*.

---

<sup>54</sup> “[...] principe des choix stratégiques et des investissements scientifiques [...]” (*Science*, 2001, p. 19-20).

<sup>55</sup> “La réflexivité porte à prendre une position intégratrice qui consiste à mettre entre parenthèses notamment ce que les théories confrontées peuvent devoir à la recherche fictive de la différence [...]” (*Science*, 2001, p. 20).

<sup>56</sup> No caso específico, Bourdieu refere-se a Karin Knorr. Cf. *Science*, 2001, p. 54.

<sup>57</sup> “Les ‘stratégies’ à la fois scientifiques et sociales de l’*habitus* scientifique sont pensées et traitées comme *stratagèmes conscients*, pour ne pas dire *cyniques*, orientés vers la gloire du chercheur.” (*Science*, 2001, p. 54).

### 3.4 A SINGULARIDADE DA SOCIOLOGIA DA CIÊNCIA

As propriedades específicas do *campo científico*, de acordo com Bourdieu, são: o fechamento, que consiste no fato dos *agentes* terem como receptores, quase exclusivamente, seus próprios concorrentes; a *arbitragem* do real, já que, “[...] a luta científica [...] tem como móvel o monopólio da representação cientificamente legítima do ‘real’ [...]” (*Science*, 2001, p. 137)<sup>58</sup>; e o fato de que os *agentes* desse *campo* “[...] dispõem de um imenso equipamento coletivo de construção teórica e de verificação ou falsificação empírica cujo domínio é exigido a todos os participantes da competição.” (*Science*, 2001, p. 140)<sup>59</sup>. Portanto, pensar que as ciências sociais formam um *sub-campo científico* é também refletir sobre essas propriedades em relação a elas.

Bourdieu (*Science*, 2001, p. 168) reconhece “[...] que as ciências sociais são ciências como as outras, mas que têm uma dificuldade particular para serem ciências como as outras.”<sup>60</sup>, pois são mais vulneráveis às determinações sociais. A sociologia é ainda mais exposta, por ter como objeto o objeto de disputa da vida social em todos os *campos*. Tal condição torna as ciências sociais mais propensas às interferências externas que as ciências naturais.

O avanço da cientificidade depende do progresso da autonomia dos *campos científicos* e é muito difícil que haja a aceitação da autonomia quando:

[...] de fato, todo mundo se sente no direito de se meter na sociologia e de entrar na luta a propósito da visão legítima do mundo social, dentro da qual o sociólogo intervém também, mas com a ambição bastante especial, que se acorda sem

<sup>58</sup> “[...] la lutte scientifique [...] a pour enjeu le monopole de la représentation scientifiquement légitime du ‘réel’ [...]” (*Science*, 2001, p. 137).

<sup>59</sup> “[...] disposent d’un immense équipement collectif de construction théorique et de vérification ou falsification empirique dont la maîtrise est exigée de tous les participants à la compétition.” (*Science*, 2001, p. 140).

<sup>60</sup> “[...] que les sciences sociales sont des sciences comme les autres, mais qui ont une difficulté particulière à être des sciences comme les autres.” (*Science*, 2001, p. 168).

problemas a todos os outros cientistas, e que, em seu caso tende a parecer monstruosa: dizer a verdade ou, pior, definir as condições nas quais podemos dizer a verdade. (*Science*, 2001, p. 170)<sup>61</sup>.

Devido à maior vulnerabilidade, Bourdieu afirma que a *reflexividade* é fundamentalmente necessária às ciências sociais, e que elas dispõem dos instrumentos para dominar as determinações sociais e arrancá-las da “[...] relativização à qual elas são expostas há tanto tempo [...]” (*Science*, 2001, p. 168)<sup>62</sup>. As dificuldades são tanto “externas” como “internas”, pois sua frágil autonomia propicia aos *agentes* heterônomos, que são os mais propensos a se submeterem às pressões externas, o fortalecimento em relação aos *agentes* mais autônomos. Isto porque, o poder de *refração* do *campo* das ciências sociais é menor, e as condições da luta nesses *campos* são definidas por critérios não estritamente científicos.

À constituição historicamente “frouxa” acresce-se o fato de que “A ciência social é portanto uma construção social de uma construção social.” (*Science*, 2001, p. 172)<sup>63</sup>, e tem por objeto, além do objeto de interesse do mundo social, o objeto de seu próprio interesse como *campo* social; portanto ela participa duplamente do *jogo* indissociavelmente social e científico.

Devido às suas características peculiares, a possibilidade da autonomia das ciências sociais é defendida por Bourdieu ao mesmo tempo que também conclui que estas serão sempre controvertidas pelas especificidades que as revestem. Esta conclusão é coerente com os princípios de que a *objetivação* é possível e necessária, porém não há a defesa de que seja possível a instituição de um *ponto de vista* absoluto, porque sempre um *ponto* situado em um *espaço social* de posições relacionadas<sup>64</sup>.

<sup>61</sup> “[...] de fait, tout le monde se sente en droit de se mêler de sociologie et d’entrer dans la lutte à propos de la vision légitime du monde social, dans laquelle le sociologue intervient aussi, mais avec une ambition tout à fait spéciale, que l’on accorde sans problèmes à tous les autres savants, et qui, en son cas, tend à paraître monstrueuse: dire la vérité ou, pire, définir les conditions dans lesquelles on peut dire la vérité.” (*Science*, 2001, p. 170).

<sup>62</sup> “[...] à la relativisation à laquelle elles sont exposées aussi longtemps [...]” (*Science*, 2001, p. 168).

<sup>63</sup> “La science sociale est donc une construction sociale d’une construction sociale.” (*Science*, 2001, p. 172).

<sup>64</sup> Lembrando a reflexão anteriormente exposta, sobre as articulações entre a epistemologia e a sociologia, vislumbradas no discurso de Bourdieu, é importante apresentar a argumentação de Pinto (2000, p. 62-63): “[...] o pensamento em termos de campo seria essa conquista intelectual que permite considerar os pontos de vista em sua verdade relativa de ponto de vista: ao questionar o indiscutido teórico, que institui a ciência como ‘última instância’, ele implica não uma profissão de fé relativista, mas a afirmação da imanência, isto é, da historicidade essencial de todas as produções culturais, mesmo as mais ‘supremas’: as da razão científica.”

Cabe ao trabalho científico, entretanto, ser o *ponto de vista* capaz de efetivar a *objetivação* dos demais *pontos de vista*, e deste ponto “[...] a ciência só pode se aproximar indefinidamente e que permanece, segundo uma outra metáfora, emprestada de Kant dessa vez, um *focus imaginarius*, um limite (provisoriamente) inacessível.” (*Science*, 2001, p. 186)<sup>65</sup>.

Voltado às reflexões epistemológicas que fundamentam as possibilidades de uma ciência mais científica, conforme o exposto acima, no sentido do *ponto de vista* verdadeiramente científico, Bourdieu afirma: “[...] eu não cessarei de me apoiar sobre Bachelard e a tradição francesa da epistemologia, no meu esforço para fundar uma epistemologia das ciências sociais sobre uma filosofia construtivista da ciência [...] assim como em minha análise do campo científico.” (*Science*, 2001, p. 207)<sup>66</sup>.

O que está presente nas reflexões de Bourdieu, relativas não apenas à sociologia da ciência como também à epistemologia, é que, não obstante a singularidade das ciências sociais, e mais especificamente da sociologia, a imanência das condições sociais é constitutiva de todas as ciências, sendo a análise sociológica, portanto, um instrumento para qualquer *objetivação* científica.

---

<sup>65</sup> “[...] la science ne peut que s’approcher indéfiniment et qui reste, selon une autre métaphore géométrique, empruntée à Kant cette fois, un *focus imaginarius*, une limite (provisoirement) inaccessible.” (*Science*, 2001, p. 186).

<sup>66</sup> “[...] je ne cesserai pas de m’appuyer sur Bachelard et la tradition française d’épistémologie, dans mon effort pour fonder une épistémologie des sciences sociales sur une philosophie constructiviste de la science [...] aussi bien que dans mon analyse du champ scientifique.” (*Science*, 2001, p. 207).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objeto deste trabalho é a importância das análises sociológicas para a reflexão epistemológica, de acordo com os critérios de cientificidade defendidos por Bourdieu. Embora não devam ser confundidas, essas dimensões se “confundem”, porque postas conjuntamente a serviço da *polêmica incessante da razão*.

As análises sociológicas, como diz Bourdieu, devem ser anteriores às análises reconhecidas como epistemológicas e, mesmo admitindo que são distintas, o fato das primeiras participarem da *construção* de possibilidades científicas para a *construção* do objeto supõe, de certa forma, a sociologia da ciência como um discurso do discurso científico. Deste modo, as reflexões sobre a cientificidade da sociologia são fundamentais não apenas para ela própria, mas para todas as disciplinas, porque, de acordo com Bourdieu, todas elas devem operar a *socioanálise* para manter sob *vigilância* as condições sócio-históricas que lhes são imanentes e não apenas permitem como também impõem limites à *construção* de objetos científicos. A *socioanálise* passa a ser, então, de acordo com a historicização e sua consequência – a negação da *ambição de fundamento* –, uma exigência dos critérios da racionalidade científica.

É crucial o entendimento de que, em última instância, Bourdieu “relativiza” a relativização, com o argumento de que, se a história da ciência constitui determinados critérios de racionalidade e institui “regras” que definem o *jogo* que se *joga*, a obediência a essas “regras” é uma condição para a continuidade do *jogo científico*. Em outras palavras, a *illusio*, a *crença fundamental no jogo*, é uma ilusão tornada “concreta” pela história, porque



compartilhada coletivamente como verdade. É o *jogo* levado a sério, que somente pode ser *jogado* devido à *crença fundamental*.

Parece estar claro que o pensamento de Bourdieu assume que tudo é história. Ele também afirma que a história “realiza” as promessas que ela mesma faz, por acreditar nelas. A crença em si tem que ser assumida como tal, mas não implica, necessariamente, em uma desqualificação das condições sociais e históricas que ela produz. Como já foi dito, a *illusio* coletiva se torna realizadora da história.

A “união” do discurso epistemológico e sociológico remete ao fato de que a *polêmica incessante da razão*, além dos princípios lógicos relativos a cada disciplina, também depende do conhecimento da sociologia, porque a *illusio* científica instituída na história repete a *ilusão da coincidência necessária*, nos termos de Bourdieu.

A *coincidência necessária* entre a *prática* e a *illusio* científicas não se constitui em uma coincidência, no sentido da casualidade, porque construída pela história do *habitus* e do *campo científico*. Da mesma forma que a *prática é habitus* em ação, o *campo* supõe uma *illusio* “ativa”. O que significa que o fazer científico, a *prática* desse *campo*, “coincide” com sua *illusio*, já que esta *illusio* que instituiu a *prática* passa a ser também reproduzida pela *prática*, como em um ciclo contínuo<sup>1</sup>.

O fazer científico “coincide” com a *ilusão* do *campo científico* porque ambas se constituíram pela história incorporada e institucionalizada. No entanto, esta “coincidência” é negada e “reconhecida” por todos os *agentes*, porque se assim não fosse o *jogo científico* não existiria. A *crença fundamental*, a *illusio* científica, é ilusória porque sempre aposta, mas por ser aposta realiza-se na história, como já foi dito. A crença coletiva no poder da ciência

---

<sup>1</sup> Wacquant (2002, p. 104) é muito enfático em relação a esta questão: “[...] há uma distância insuperável entre o conhecimento prático e o conhecimento científico, mesmo uma antinomia entre a prática como impensado, o imediato e o mútuo ‘habitar’ do ser e do mundo, complicação carnal com as forças ativas que fazem da existência social o que é, e o esforço para capturá-la por meio do pensamento, do raciocínio e da linguagem.”

constrói a ciência, instituindo socialmente a sua existência e poder. A realização histórica da *aposta*, do próprio *jogo*, cria a legitimação, “relativizando” a relativização histórica.

Tudo é cultura, e toda cultura é construída historicamente, o que supõe a necessidade da análise histórica e sociológica da ciência. Neste sentido, as verdades *construídas* pela ciência, segundo Bourdieu, devem ser reconhecidas em sua “natureza” cultural, potencialmente provisórias e por sua “natureza” cultural também colocadas no lugar do absoluto.

É preciso estar armado sociologicamente, como diz Bourdieu, para que a análise sociológica opere uma desnaturalização do objeto, revelando o que a relação de um *habitus* e um *campo*, ou de um conjunto de disposições (no sentido de um conjunto de “estar disposto a” apostar na aposta científica) e um *espaço social* que o conforma, pode imputar ao objeto e que a este não pertence. Radicalmente racional e histórica, o controle da *ilusão* é uma tarefa que, de acordo com Bourdieu, se fez historicamente possível para a ciência. Como diz Wacquant (2002, p. 104): “Isso é o que, com ironia pascaliana, poderíamos batizar de ‘a aposta de Bourdieu’ [...]”<sup>2</sup>.

Por exemplo, ao propor que se faça a *socioanálise* de debates clássicos, como os realizados entre racionalistas e empiristas, Bourdieu reivindica um *ponto de vista* mais amplo sobre os *pontos de vista* existentes em um *campo*. Com isto, ele se situa no *ponto de vista* do *racionalismo aplicado*, que, coerentemente com seu discurso, se institui como o *ponto de vista* sobre os demais *pontos de vista* relativos aos discursos epistemológicos. Seria incoerente afirmar que o *racionalismo aplicado* é um *ponto de vista* absoluto, tanto quanto deixar de admitir que, como o *ponto de vista* sobre o conjunto de *pontos de vista* ele cumpre a função do *ponto de vista absoluto*, no pensamento de Bourdieu.

---

<sup>2</sup> Referindo-se ao impasse entre a prática e o conhecimento científico, Wacquant (2002, p. 104) afirma: “Eu penso que a tensão não está resolvida, e que a questão é se ela provar-se-á frutífera, isto é, se conduz à heurística progressiva, no sentido que Lakatos dá ao termo.”

De acordo com as reflexões acima, a pretensão é, suscitando a amplitude do *ponto de vista* tomado por Bourdieu, lembrar que no início desta dissertação foi apresentada a questão sobre como Bourdieu “transpõe” para as ciências sociais pressupostos pensados para as ciências naturais, notadamente a física. A pergunta que a conclusão apresenta toma uma direção inversa: Quais seriam os desdobramentos possíveis de sua reflexão, se as ciências naturais assumissem como pressuposto a necessidade da *socioanálise* para suas reflexões epistemológicas?

Como foi exposto, ao apresentar seus pressupostos, Bourdieu não exclui as ciências naturais. Desde *Le Champ Scientifique (O campo científico)*, publicado em 1975) é visível que suas considerações são abrangentes, não se restringindo às ciências sociais. Mas, o sociólogo tratou dos desdobramentos de suas *posições*, trazendo exemplos e aprofundamento em relação à polêmica epistemológica nas ciências sociais e prioritariamente na sociologia, fazendo com que a abrangência tenha, aparentemente, ficado “congelada” em sua potencialidade<sup>3</sup>. Embora esse “congelamento” não impeça a afirmação da pertinência de suas idéias às ciências naturais, deixando, por assim dizer, uma “porta aberta”, dificulta que se faça muitas especulações.

Na busca de maior “concretude” para esta “porta aberta”, serão levantadas algumas questões sobre as análises de Bourdieu e as ciências naturais. Como seria pensar e “experimentar”, no sentido de submeter à experimentação, a afirmação de que as *construções* de objetos como a “célula”, a “molécula da água” ou ainda a “energia solar” são condicionadas sócio-historicamente nos termos da teoria de Pierre Bourdieu? Como a *posição* de um determinado cientista em seu *campo* condiciona as perguntas que ele apresenta para a investigação em biologia, química ou física?

---

<sup>3</sup> É importante destacar que em *Science de la science et réflexivité*, Bourdieu, ao referir-se ao *sentido prático* dos cientistas, através da análise das diversas correntes da sociologia da ciência, analisa as *práticas* pertinente às ciências naturais e, desta forma, indiretamente, apresenta questões bem próximas às postas para as ciências sociais.

Para prosseguir na reflexão proposta, uma situação hipotética foi suscitada: entender que o *capital científico* possuído pelo laboratório X, este aqui tomado como um *agente*, portanto um “lugar” no *espaço de posições*, define a “escolha” de tal ou tal área de investigação, o que, por sua vez determinará também as suas possibilidades e limites na *construção* de objetos científicos não é tão estranho ao pensamento. Afinal, a depender do *capital incorporado, objetivado e institucionalizado* de que disponha o laboratório X, ele disporá ou não de equipamentos avançados (*capital coletivo acumulado*) para desenvolver pesquisas de ponta em uma determinada área. Do mesmo modo, se não for possível ao laboratório X, mesmo que em uma *posição* dominada, inserir-se em áreas nas quais as pesquisas são mais concorridas e exigem grande posse de *capital específico* sob todas as formas, o laboratório X poderia “optar” por uma área menos importante, com menor *capital coletivo acumulado*, e esta, por ser condicionada às possibilidades históricas e sociais específicas, tem seus próprios limites e possibilidades de “fazer perguntas”, de investir ou abandonar determinadas hipóteses.

Para estender ainda mais as posições de Bourdieu em direção às ciências naturais, uma questão se apresenta: Se a sociologia da ciência fosse instrumento da análise desta nova área, na qual o laboratório X ingressou, de acordo com a segunda situação hipotética apresentada, e suas análises apontassem, nos termos colocados, os limites sócio-históricos do laboratório X, e, conseqüentemente, de suas *construções* científicas, não estaria ela participando ativamente da polêmica epistemológica nas ciências naturais?

Mesmo admitindo que não se possa confundir a reflexão sociológica com as razões epistemológicas de cada ciência, seja ela sociologia, biologia, química ou física, parece ser coerente admitir que a *socioanálise* interferiria em uma também hipotética redefinição de questões e, assim, na *construção* de objetos científicos também nas ciências naturais.

Apesar dos limites deste trabalho, parece evidente que o discurso de Bourdieu projeta uma extensa possibilidade de diálogo, com debates contemporâneos importantes, presentes na filosofia, na história e na sociologia das ciências, como foi mencionado na introdução.

Embora esta dissertação não tenha como objetivo ou mesmo possibilidade, fazer afirmações sobre o significado do pensamento de Bourdieu no *campo científico*, principalmente em relação aos debates da filosofia e história das ciências, e tendo conhecimento de que as discussões sobre as condições sócio-históricas relativas ao fazer científico não se constituem em novidade, é plausível chamar a atenção para o “olhar” de Bourdieu, tanto sobre o fazer científico quanto sobre a sua imanência histórica e social, pois este é “carregado” de indagações que sugerem *pontos de vista* peculiares sobre antigas questões que estimulam a *polêmica incessante da razão*.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *O racionalismo aplicado*. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zaar, 1977.

BONNEWITZ, Patrice. *Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu*. Rio de Janeiro: Vozes. 2004.

BOURDIEU, Pierre. Le champ scientifique. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 2-3, p. 88-104, 1976.

\_\_\_\_\_. Le mort saisit le vit. *Actes de la recherche en sciences sociales*, Paris, n. 32-33, p. 3-14, 1980.

\_\_\_\_\_. O campo científico. In: ORTIZ, Renato (Org.); FERNANDES, Florestan (Coord.). *Pierre Bourdieu*. Tradução de Paula Montero e Alícia Auzmendi. São Paulo: Ática, 1983. p. 122-155.

\_\_\_\_\_; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. *Le métier de sociologue: Préalables épistémologiques*. 4. ed. Berlin; New York; Paris: Mouton, 1983.

\_\_\_\_\_. *Homo academicus*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1984. p. 9-52.

\_\_\_\_\_. *Choses dites*. Paris: Les Éditions de Minuit. 1987. (Colección Le Sens Commun).

\_\_\_\_\_. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

\_\_\_\_\_. *Les règles de l'art: Genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Éditions du Seuil, 1992.

\_\_\_\_\_; WACQUANT, Loïc. *Réponses: Pour une anthropologie réflexive*. Paris: Éditions du Seuil, 1992.

\_\_\_\_\_. *La misère du monde*. Paris: Éditions du Seuil, 1993.

\_\_\_\_\_. *Raisons pratiques: sur la théorie de l'action*. Paris: Éditions du Seuil, 1994.

\_\_\_\_\_. *Razões práticas: Sobre a teoria da ação*. Tradução de Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996.

\_\_\_\_\_. *As regras da arte: Gênese e estrutura do campo literário*. Tradução de Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

\_\_\_\_\_. *Cosas dichas*. Traducción de Margarita Mizraji. Barcelona: Gedisa, 1996. (Colección el Mamífero Parlante).

\_\_\_\_\_. *Méditations Pascaliennes*. Paris: Éditions du Seuil, 1997.

\_\_\_\_\_. *A miséria do mundo*. Tradução de Mateus S. Soares Azevedo et al. Petrópolis: Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. *Les usages sociaux de la science. Pour une sociologie clinique du champ scientifique*. Paris: INRA, 1997.

\_\_\_\_\_. *Meditações pascalianas*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Oeiras: Celta, 1998.

\_\_\_\_\_. *Capital cultural, escuela y espacio social*. Compilación y traducción de Isabel Jiménez. 2.ed. México; Madrid: Siglo Veintiuno, 1998.

\_\_\_\_\_. O capital social – notas provisórias. In: NOGUEIRA, Alice N.; CATANI, Afrânio. (Org.). *Escritos de Educação*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 65-70.

\_\_\_\_\_. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, Alice N.; CATANI, Afrânio. (Org.). *Escritos de Educação*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. p. 71-80.

\_\_\_\_\_. *Esquisse d'une théorie de la pratique, précédé de trois études d'ethnologie kabile*. Paris: Du Seuil, 2000. Deuxième Parte.

\_\_\_\_\_. *O campo econômico: A dimensão simbólica da dominação*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. Campinas: Papirus, 2000.

\_\_\_\_\_. *Los usos sociales de la ciencia*. Dirigida por Hugo Vezzetti. Buenos Aires: Nueva Visión SAIC, 2000.

\_\_\_\_\_; CHAMBOREDON, J. C.; PASSERON, J. C. *A profissão de sociólogo: Preliminares epistemológicas*. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

\_\_\_\_\_. *Meditações pascalianas*. Tradução de Sérgio Miceli. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

\_\_\_\_\_. *Razões práticas: Sobre a teoria da acção*. Tradução de Miguel Serras Pereira. 2. ed. Oeiras: Celta, 2001.

\_\_\_\_\_. *Science de la science et réflexivité*. (Cours du Collège de France 2000-2001). Paris: Raisons d'agir, 2001.

\_\_\_\_\_. Esboço de uma teoria da prática. In: \_\_\_\_\_. *Esboço de uma teoria da prática: Precedido de três estudos de etnologia Cabila*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Oeiras: Celta, 2002. p. 133-257.

\_\_\_\_\_. Wittgenstein, le sociologisme e la science sociale. In: BOUVERESSE, Jacque et al. *Wittgenstein, dernières pensées*. Marseille, França: Agone, 2002. p. 343-353.

GLOCK, Hans-Johann. *Dicionário Wittgenstein*. Tradução de Helena Martins. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

DELSAUT, Yvette; RIVIÈRE, Marie-Christine. *Bibliographie des travaux de Pierre Bourdieu*. Suivi d'un entretien sur l'esprit de la recherche. Paris: Les Temps Cerises, 2002.

HYPERBOURDIEU. Disponível em: < <http://www.iwp.uni-linz.ac.at/lxe/sektktf/bb/hyperbourdieustart.html> > Acesso em: 23 mar. 2003.

PINTO, Louis. *Pierre Bourdieu e a teoria do mundo social*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

SINGLY, François de. Une autre façon de faire de la théorie. *Sciences Humaines*, Paris, numéro spécial Pierre Bourdieu, p. 90-95, 2002.

TIJOUX, Maria Emilia. La paciente batalla de uma sociología reflexiva. *Cuadernos Sociológicos - Pierre Bourdieu y la sociología crítica: resistir la dominación*, Santiago de Chile, Arcis, p. 159-176, 2002.

WACQUANT, Loïc J. D. *O legado sociológico de Pierre Bourdieu: duas dimensões e uma nota pessoal*. *Rev. Sociol. Polit.* [online] n.19, p. 95-110, nov. 2002. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782002000200007&lng=pt&nrm=isso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782002000200007&lng=pt&nrm=isso) >. Acesso em: 12 fev. 2004.